

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



**Comportamentos Discursivos em Texto Jornalístico: Análise das
Escolhas Linguísticas nos Casos “Maddie” e “Rui Pedro” com Recurso
à Teoria da Avaliatividade**

Vera Lúcia Gonçalves Caetano

Dissertação
Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa LE/L2
Ano 2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



**Comportamentos Discursivos em Texto Jornalístico: Análise das
Escolhas Linguísticas nos Casos “Maddie” e “Rui Pedro” com Recurso
à Teoria da Avaliatividade**

Vera Lúcia Gonçalves Caetano

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor António Manuel dos Santos Avelar

Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa LE/L2

Ano 2014

ÍNDICE

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	II
Abstract.....	III
Lista de Abreviaturas.....	IV
Lista de Figuras	IV
Lista de Tabelas.....	IV
Lista de Quadros.....	IV
Apêndices.....	V

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. Linguística Sistémico-Funcional.....	4
1.1.Linguagem, Funções e Sistema.....	4
1.2.Texto e Contexto.....	5
1.3.O Contexto de situação.....	6
1.4.O Contexto de cultura; os géneros.....	7
1.5.O Significado Interpessoal.....	8
1.6.Modos e Modalidade.....	10
1.6.1. Modalidade e Compromisso Modal.....	10
1.7.Avaliatividade.....	11
2. Linguagem Avaliativa e Teoria da Avaliatividade.....	12
2.1.Sistema da Avaliatividade.....	12
2.2.Atitude (Afeto, Julgamento e Apreciação).....	15
2.2.1. Afeto.....	17
2.2.2. Julgamento.....	19
2.2.3. Apreciação.....	21
2.3.Considerações gerais.....	23
2.4.Comprometimento.....	24
2.4.1. Contraposição: Negação e Contra Expectativa.....	27
2.4.2. Pro-posição.....	27

2.4.3. Ponderação.....	28
2.4.4. Atribuição.....	29
2.5. Graduação.....	31
2.5.1. Força- Atenuação e Intensificação.....	31
2.5.2. Foco- Acentuação e Suavização.....	32
3. Algumas Considerações.....	32
CAPÍTULO II- ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	34
1. Constituição do <i>corpus</i>	34
1.1. Recolha e tratamento de dados.....	36
1.2. <i>O Caso Maddie</i> – Sinopse factual.....	37
1.3. <i>O Caso Rui Pedro</i> - Sinopse factual.....	40
2. Ética e deveres de um jornalista.....	42
2.1. Código deontológico.....	42
2.2. Segredo de justiça.....	43
2.3. Considerações gerais.....	44
CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	45
1. Apresentação e tratamento dos dados	45
2. Análise dos comportamentos linguísticos no <i>Caso Maddie</i>	46
2.1. <i>Correio da Manhã</i> VS <i>Jornal de Notícias</i>	46
2.2. Os recursos da Avaliatividade no <i>Caso Maddie</i>	48
2.2.1. <i>Correio da Manhã</i>	48
a) Atitude.....	48
b) Comprometimento.....	51
c) Graduação.....	54
2.2.1.1. Análise dos dados.....	56
a) <i>Correio da Manhã</i> – <i>Caso Maddie</i>	56
2.2.2. <i>Jornal de Notícias</i>	62
a) Atitude.....	62
b) Comprometimento.....	63
c) Graduação.....	64
2.2.2.1. Análise dos dados.....	66
b) <i>Jornal de Notícias</i> – <i>Caso Maddie</i>	66

3. Análise dos comportamentos linguísticos no <i>Caso Rui Pedro</i>	69
3.1. <i>Correio da Manhã</i> VS <i>Jornal de Notícias</i>	69
3.2. Os recursos da Avaliatividade no <i>Caso Rui Pedro</i>	71
3.2.1. <i>Correio da Manhã</i>	71
a) Atitude.....	71
b) Comprometimento.....	74
c) Graduação.....	75
3.2.1.1. Análise dos dados.....	76
a) <i>Correio da Manhã – Caso Rui Pedro</i>	76
3.2.2. <i>Jornal de Notícias</i>	81
3.2.2.1. Análise dos dados.....	83
b) <i>Jornal de Notícias</i>	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICES	92

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiríssimo lugar, ao Professor Doutor António Avelar por me ter acompanhado nesta investigação, por ter acreditado na possibilidade de realização deste estudo, dando assim todo o seu apoio demonstrando ser um grande profissional e uma grande pessoa.

Obrigada por tudo.

A todos os professores com quem tive oportunidade de adquirir conhecimentos ao longo destes anos de mestrado, obrigada pela compreensão e apoio.

À minha grande colega São, que através do seu apoio e disponibilidade ajudou à realização desta dissertação. Obrigada pelo teu tempo!

Aos meus colegas de trabalho e amigos que sempre me apoiaram e facilitaram todo este processo. Obrigada pela vossa amizade e palavras de incentivo.

À minha família, sobretudo ao meu Pai e ao meu namorado, agradeço toda a paciência e atenção, bem como toda a motivação que nunca me fez desistir. Muito Obrigado.

A todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho. Aos que acreditaram e até aos que não acreditaram ser possível. Obrigado!

RESUMO

Este projeto/trabalho pretende analisar os comportamentos discursivos no tratamento jornalístico de dois casos – “*Caso Maddie*” e “*Caso Rui Pedro*” no *Correio da Manhã* e no *Jornal de Notícias*.

Tendo como base teórica a Linguística Sistémico-Funcional e como principal ferramenta deste trabalho A Teoria da Avaliatividade (Martin e White,2005) procurei dar conta das escolhas linguísticas usadas pelos falantes/escritores, perceber o posicionamento ao nível das atitudes que usam quando pretendem comunicar, interpretar os recursos linguísticos disponíveis na língua e descrever o comprometimento do escritor, tanto com o texto como com o leitor.

Através da constituição de um *corpus* da produção em ambos os diários e de uma análise qualitativa e quantitativa do mesmo, tendo como pano de fundo os subsistemas da Teoria da Avaliatividade – a forma como quebram o código deontológico para deixar transparecer as categorias como Atitude (Afeto, Julgamento e Apreciação) Comprometimento e Graduação.

Foi ainda possível determinar que tipo de manifestações interpessoais ocorrem em ambos os diários para que tal estudo contribua para ajudar os alunos falantes de PLE a melhor compreenderem e analisarem este tipo de textos, nomeadamente a notícia.

Palavras-chave: Teoria da Avaliatividade; PLE – Português Língua Estrangeira; Significado interpessoal; Linguística Sistémico-Funcional

ABSTRACT

This project / study aims to examine the discursive behavior in the journalistic treatment of two cases - "Maddie Case "and "Rui Pedro Case" in the "Correio da Manhã and the "Jornal de Notícias"

The theoretical ground for the Systemic Functional Linguistics and as the main tool of this paper "Appraisal Theory" (Martin and White, 2005) I tried to account for the linguistic choices used by the speakers / writers to understand the positioning in level of attitudes used when seeking to communicate, interpret the linguistic resources available in the language and describe the engagement of the writer, both with the text and also with the reader.

Through the creation of a *corpus* of production in both daily and a qualitative and quantitative analysis of the same depth, with the backdrop of the subsystems of a Appraisal Theory - they way that the code of ethics was broken must disclose the categories like Attitude (affect, Judgement and Appreciation) Engagement and Graduation.

It was also possible to determine what type of interpersonal manifestations occur in two daily for such a study will help to "PFL" speaking students to better understand and analyze this type of texts including news.

Keywords: Appraisal Theory; PFL Portuguese as a Foreign Language; Interpersonal Meaning; Systemic Functional Linguistics.

LISTA DE ABREVIATURAS

PLE- Português Língua Estrangeira
GSF- Gramática Sistemico- Funcional
LSF- Linguística Sistemico- Funcional
Q.E.C.R – Quadro Europeu Comum de Referência
JN- *Jornal de Notícias*
CM- *Correio da Manhã*
Pos.- Positivo
Neg.- Negativo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estratos da Linguagem
Figura 2 – Os ciclos de codificação da linguagem
Figura 3 – Afeto institucionalizado em Julgamento e Apreciação

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo de organização dos dados *corpus*
Tabela 2 – Número de ocorrências das categorias avaliativas – *Caso Maddie*
Tabela 3 – Número de ocorrências avaliativas – *Caso Rui Pedro*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistema da Avaliatividade
Quadro 2 – Subsistemas da categoria Atitude
Quadro 3 – Tipos de Afeto
Quadro 4 – Tipos de Julgamento
Quadro 5 – Tipos de Apreciação
Quadro 6- Comprometimento
Quadro 7 – Categorias do Comprometimento
Quadro 8 – Recursos para a Expectativa Confirmada
Quadro 9 – Graduação
Quadro 10 – Número de notícias constituintes do *corpus*

APÊNDICES

Correio da Manhã – Caso Maddie

Correio da Manhã – Caso Rui Pedro

Jornal de Notícias – Caso Maddie

Jornal de Notícias – Caso Rui Pedro

Introdução

1. Introdução

A presente dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, pretende analisar as escolhas linguísticas de um conjunto de notícias sobre o caso *Maddie e Rui Pedro* em dois jornais diários distintos – o *Correio da Manhã* e o *Jornal de Notícias*, de forma a determinar os comportamentos discursivos usados.

O texto jornalístico, designadamente a notícia jornalística¹, foi escolhido como alvo analítico desta dissertação, por se tratar de um texto muito usado em aula no ensino de português língua estrangeira (PLE), onde porventura, a televisão, os jornais, as revistas e a rádio constituem a fonte mais produtiva de documentos. Este género de textos, dada a sua natureza socio-comunicativa, tende a caracterizar-se pelo apagamento das marcas de significado interpessoal na busca de uma neutralidade almejada, em virtude do foco no conteúdo experimental veiculado. Faz sentido, portanto, se pretendemos descortinar escolhas e tendências discursivas dos jornalistas (jornais, editores), investigar as incidências de significado interpessoal. A questão interpessoal está presente quando temos a intervenção do “eu” escritor, com ocorrências modalizadas, irónicas e referências exteriores ao texto. Nestes casos, a ação sobre o leitor é fundamental em todos os níveis de aquisição da língua, sobretudo a partir do nível A2-B1 do Q.E.C.R.

O tratamento jornalístico é diverso, designadamente em casos de desaparecimento de crianças, pelo que, em muitas situações os jornalistas se deixam dominar pelas emoções, de uma forma definitiva, embora subtil. Para categorizar a presença das emoções em texto, a Teoria da Avaliatividade (Martin & White, 2005) inscrita no modelo teórico da LSF parece-nos ser a mais adequada. Trata-se de uma teoria formada por inúmeras categorias que constituem uma ferramenta ao nível da semântica do discurso, efetivamente eficaz na deteção da inscrição da interpessoalidade enquanto componente linguística de um texto.

¹ Usa-se, aqui a tipologia textual proposta pela escola de Sydney, desenvolvida, designadamente por David Rose no âmbito do programa “Reading to Learn”, traduzida e adaptada para a realidade portuguesa pelo grupo de investigação envolvido no projeto “Teacher Learning for European Literacy Education” (Tel4ele).

Esta ferramenta foi utilizada para a análise de notícias em ambos os jornais, para procurar deixar transparente a forma como as atitudes do escritor/jornalista estão presentes neste tipo de textos de modo a contribuir para a leitura e análise deste tipo de textos por alunos de PLE. Procedo à análise dos comportamentos discursivos dos jornalistas em dois jornais diários diferentes e com base em dois casos distintos, bem conhecidos do público. Por um lado, com o intuito de poder contribuir para novas abordagens do texto que apoiem o ensino de PLE, por outro com o objetivo de mostrar a importância que este tipo de análise linguística pode ter no ensino e aprendizagem de línguas.

Este trabalho constitui um estudo que tendo como base a Teoria da Avaliatividade, permitirá perceber a questão da interpessoalidade nas notícias referidas. Partindo das edições *on-line*, foram selecionadas algumas notícias relativas a determinados momentos em dois casos – o *Caso Maddie* e o *Caso Rui Pedro* – e em dois jornais diários diferentes – o *Correio da Manhã* (CM) e o *Jornal de Notícias* (JN). Após esta recolha, o que se pretende é uma análise destas mesmas notícias com base na Teoria da Avaliatividade inscrita na LSF, para dar conta de como é possível a interpessoalidade estar presente em textos supostamente objetivos e não comprometidos com um ponto de vista subjetivo, como é o caso do texto jornalístico.

A Teoria da Avaliatividade enforma um sistema que permite fazer a avaliação e a classificação de aspetos que fazem parte do sistema semiótico da língua, cujas bases foram trabalhadas por Halliday durante a década de 80 e, mais tarde, por Martin & White (2005) que após vários estudos relacionados com a metafunção interpessoal, desenvolveram a teoria que sustenta a análise do *corpus* deste projeto - (*Appraisal System*).

Uma vez definidos os objetivos deste projeto e o modo como foram cumpridos, importou tentar responder a determinadas questões, designadamente as que dizem respeito

- i) ao modo como uma análise meramente linguística pode questionar o modo de expressão jornalística;
- ii) ao tipo de manifestações de significado interpessoal que podemos encontrar nas notícias do *CM* sobre os casos *Maddie* e *Rui Pedro*;

- iii) ao tipo de manifestações interpessoais que podemos encontrar no *JN* sobre os casos *Maddie e Rui Pedro*;
- iv) às principais diferenças entre os comportamentos discursivos patentes em ambos os casos e jornais;
- v) ao confronto entre o comportamento verbal dos jornalistas patentes nas notícias do *CM* e *JN* com as normas explícitas e implícitas do código deontológico;

O capítulo I diz respeito ao enquadramento teórico, onde são brevemente apresentados alguns princípios da linguística sistémico-funcional relacionados com este estudo. Abordar-se-á a evolução dos estudos do significado interpessoal que levaram à Teoria da Avaliatividade (Martin & White 2005), fazendo referências às questões de modo e modalidade para se entender as bases da teoria.

Ainda no capítulo I, é apresentada em traços largos, a Teoria da Avaliatividade, referindo os seus subsistemas e a forma como ocorrem em texto.

No capítulo II é apresentado o *corpus* deste trabalho, os procedimentos para a sua constituição referindo detalhadamente as notícias escolhidas sobre os dois casos, de modo a enquadrá-las no tempo e na fase do processo em que ocorrem. É feita a distinção entre os dois jornais escolhidos e explicadas as razões que a sustentam, fazendo-se uma pequena referência a determinadas normas do código deontológico que deve ser respeitado pelos jornalistas, para posteriormente passar à análise dos comportamentos discursivos nos dois jornais em ambos os casos, análise que será feita ao longo do capítulo III.

No capítulo IV são apresentadas as considerações finais deste estudo, fazendo relevar os principais aspetos do significado interpessoal patentes no tratamento jornalístico de ambos os casos. Procurou dar-se respostas às questões de investigação apresentadas.

Capítulo I

Enquadramento teórico

1. Linguística Sistémico-Funcional

1.1. Linguagem, Funções e Sistema linguístico

“A Linguística Sistémico Funcional [...] corresponde a uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada o uso linguístico”

(Gouveia 2009:14)

A LSF é uma teoria de descrição gramatical que tem como objetivo o desenvolvimento de sistemas gramaticais para servir a interação entre os falantes, sendo a Gramática Sistémico Funcional uma designação mais restrita que restringe o âmbito aos instrumentos de descrição úteis para a análise de textos. Halliday (2004) defende que o sistema gramatical da língua deve “servir” as necessidades sociais e pessoais. Nesta perspetiva, a linguagem não deve ser vista como um mero sistema de regras ou uma representação do pensamento, mas como um sistema de construção de significados, pois língua é um sistema sócio-semiótico. Eggins defende-a como entidade funcional de base semântica, contextual e semiótica:

“Language use is functional; that its function is to make meanings; that these meanings are influenced by the social and cultural context in which they are exchanged; and that the process of using language is a semiotic process; a process of making meanings by choosing”

(Eggins 1994:2)

Assim, a linguagem enquanto função comunicativa, tem que servir para nos expressarmos e também para estabelecermos relações sociais, sendo organizada em torno de um propósito, de uma função.

A LSF define três funções da linguagem, designadas por metafunções. A metafunção ideacional, ligada à função representacional da linguagem; a metafunção interpessoal, que ajuda o falante a codificar significados de atitudes e a metafunção textual, usada para organizar os primeiros significados (ideacionais e interpessoais).

É através da existência destas metafunções que verificamos como se estruturam e se organizam as línguas, uma vez que irão dar lugar a componentes gramaticais com os valores ideacionais, interpessoais e textuais.

Nesta perspetiva, o que é importante é a caracterização da língua estruturada pelo uso, determinada pelas necessidades dos seres humanos.

1.2. Texto e Contexto

É fundamental, desde já, referir que a língua é considerada como um meio para produzir significados e que implica o conceito de escolhas. É neste processo que os falantes as realizam consoante as situações a que são expostos. Ao resultado dessas escolhas nós chamamos texto, que deve ser entendido como unidade semântica, tendo em conta o contexto em que foi produzido, constituindo tudo o que produzimos em língua (falada ou escrita), guiados, presumivelmente, por um sistema de escolhas linguísticas.

Gouveia define texto como “unidade de comunicação em qualquer evento discursivo” (2009:18), tendo em conta que se trata de uma unidade mínima de análise da semântica do discurso; para identificar os seus significados é necessário identificar o modo como emerge nos seus contextos.

Pode afirmar-se que é impossível o texto ser realizado sem a determinação do contexto, quer social ou cultural, ou seja, ele deve conter em si um todo coerente ao nível do próprio texto, tanto como ao nível do contexto:

“Nesta medida, o TEXTO numa perspetiva sistémico-funcional reflete a capacidade do falante em funcionar linguisticamente com êxito, de uma forma mais ou menos consciente enquanto ser social”

(Avelar 2008: 37)

O texto pode ser observado enquanto produto, considerado como objeto de análise, ou seja, um exemplar do sistema linguístico em uso. Pode também ser visto enquanto processo, sendo que neste caso, as escolhas do falante têm implicação no significado, a fim de realizar ações e alcançar objetivos. Estas perspetivas, sublinhando a assunção do texto-contexto, são particularmente pertinentes na análise de texto jornalístico, como é proposto nesta dissertação.

1.3. O Contexto de Situação

Quando falamos de língua e comunicação, como acima foi dito, é impossível dissociarmos este conceito de outro que lhe é próximo – o sistema, uma vez que este trata de organizar a forma como a linguagem está estruturada. Recuperando de novo Halliday, a linguagem organiza-se em torno de dois sistemas que se relacionam entre si – o sistema linguístico e o contexto social ou contexto de situação.

A questão do contexto social é deveras importante, porque é nela que se insere a relação com o meio social e cultural que permite efetuar a troca comunicativa em que os falantes fazem ocorrer os géneros discursivos de modo chegarem ao objetivo proposto.

“The terms *register* (context of situation) and *genre* (context of culture) identify the two major layers of context which have an impact on text, and are therefore the two main dimensions of variation between texts. Within the approach outlined here, register and genre variation are two realizational planes in a social semiotic view of text”

Eggins e Martin (1997: 251)

O contexto tem sido estudado no âmbito da teoria do Registo e Género, tendo como variantes o Campo (Field), as Relações (Tenor) e o Modo (Mode). Cada uma destas variantes tem correspondência com as metafunções da linguagem acima mencionadas. Como referem Martin e Rothery (1993:144):

“In systemic function linguistics the organization of context correlates with the organization of grammar. This means that there is a strong association between the register variable field and ideational meaning, between tenor and interpersonal meaning and between mode and textual meaning.”

(Martin e Rothery 1993: 144)

O Campo é uma variante que diz respeito ao que está a acontecer, designa uma sucessão de atividades orientadas para um propósito final e global, estando nela incluídas participantes, processos e circunstâncias. Corresponde à metafunção ideacional e os significados realizam-se através do sistema da Transitividade.

A variante Relações está associada à metafunção interpessoal e permite-nos expressar opiniões, julgamentos e atitudes. Trata da forma como referimos o que é

nosso, a nossa identidade nas formas de expressão, trabalhado através do sistema da Avaliatividade.

O Modo está relacionado com a metafunção textual que trata da estruturação dos significados ideacionais e interpessoais de uma forma coesa e coerente. Organiza os significados partindo das noções de Tema e Rema e refere-se ao canal por onde é veiculada a informação e à forma de comunicação.

As variáveis de Registo, juntas, revelam a textura de um texto: A ação social, o assunto de que se fala e a natureza da ação correspondem à variável de Campo e à metafunção ideacional; a estrutura de papéis, as pessoas e as suas relações na situação de comunicação correspondem à variável Relações e à metafunção interpessoal; a organização simbólica, o canal (oral ou escrito) e o modo retórico da linguagem correspondem à variável Modo e à metafunção textual.

1.4. O Contexto de Cultura; os Géneros

Se o contexto de situação é passível de ser identificado em torno do assunto, dos participantes e do papel que a língua desempenha na interação, o contexto de cultura reflete a dimensão mais abrangente do contexto que encontramos em resposta à pergunta: “Como utilizam os falantes a língua para conseguir objetivos culturalmente motivados?” Devemos, então, considerar ou interpretar o texto tendo em conta a situação imediata (contexto de situação) sem perder de vista os valores marcados pela cultura de uma dada sociedade (contexto da cultura).

Tendo em vista a criação de sentido num texto, intimamente ligada àquilo a que chamamos culturalmente aceitável, chegamos à noção de género, uma vez que o contexto da cultura tem sido estudado tendo em conta o género a que o texto pertence. O género é considerado como “um nível mais abstrato, mais geral”, ou seja, “um quadro geral que dá propósito às interações de tipos particulares, adaptáveis aos contextos de situação específicos nos quais ele é utilizado” (Eggins 1994: 32).

Uma análise baseada em géneros dá-nos conta de como a língua está a ser usada e com que objetivos ou propósitos. Os Géneros são entendidos por Eggins e Martin como diferentes modos de usar a língua para realizar as mais variadas tarefas: “Genre theory suggests that texts which are doing different jobs in the culture will unfold in different ways, working through different stages or steps.” (Eggins e Martin 1997: 236).

Martin, ao fornecer-nos a sua definição de género, permite cimentar de uma forma mais efetiva a ligação existente entre registo e género, pois para ele, género é “um processo social encenado, objetivamente orientado e encenado através do registo” (Martin 1992: 505).

As noções de Registo e Género são fundamentais para se proceder a uma análise do texto. A primeira permite-nos apreender a variação da língua, na consideração das suas variáveis Campo, Relações e Modo. A segunda perspectiva um patamar mais elevado e abstrato, de modo a explicitar “as relações entre os processos sociais com um foco especial nos estágios pelos quais muitos textos se desenvolvem” (Martin, 1997: 6).

1.5. Significado Interpessoal

A LSF propõe uma perspetiva tripartida e estratificada da língua, sendo propostos três níveis de abstração que representam a forma como a língua se organiza, a saber, Fonologia, Lexicogramática e Semântica do discurso (vd. Figura 1), sendo que a Avaliatividade se situa ao nível da Semântica do discurso.

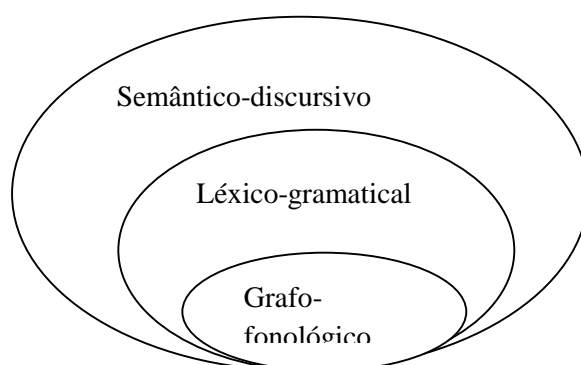


Figura 1 - Estratos da linguagem
(Orlando Vian Jr 2011: 21)

Após esta breve contextualização sobre as questões do contexto no âmbito da LSF, recuperemos e centremo-nos na metafunção interpessoal, uma vez que é sobre ela que este estudo incide. Esta função diz respeito às relações com os outros, ao modo como gerimos o nosso próprio comportamento e até mesmo ao modo como interagimos com os outros.

É importante referir que, inicialmente, o significado interpessoal estava centrado na semântica do modo e funções discursivas (Halliday,1994,2004: 184) e nas noções de

modo e modalidade ou MOOD (declarações, perguntas, pedidos e ofertas), e Modalidade (probabilidade, obrigação e capacidade).

Tendo em conta a evolução histórica, o aprofundamento do significado interpessoal surge tardiamente, tal como é explicado por Avelar (baseado na proposta de Martin) através do simbolismo da diferença no grafismo INTER-pessoal que marca a investigação dos anos 80, sendo a sua evolução marcada nos anos 90 com o grafismo inter-PESSOAL (Avelar 2008: 96). Conceitos como chave (key) e tom (tone) deram o impulso para o desenvolvimento da teoria, uma vez que introduziram aspetos como a atitude e consideraram as intervenções dos interlocutores no diálogo.

É a partir dos anos oitenta que através do surgimento de alguns trabalhos baseados em estudos do género e em texto narrativo, se começa a revelar a insuficiência em dar conta da valorização do significado interpessoal. Os “discípulos” de Halliday foram-nas desenvolvendo ao longo da década de 80, sendo Poynton a apresentar a sua proposta baseada em dois pontos essenciais na variável “relações” poder e solidariedade.

A investigação prossegue e é, finalmente, sentida a necessidade de ir mais longe, de aceder a outras dimensões textuais. Então esta necessidade de mudança leva a ter uma abordagem mais global ao contrário do que até agora tinha sido feito: estudo do Modo, Modalidade e da Função discursiva. Assim sendo, “a investigação dos anos 80 centrada nos aspetos INTER-pessoais (modo, modalidade, função discursiva) evolui para uma pesquisa das incidências inter-PESSOAIS (atitude, Epíteto, Adjunto de comentário)” (Avelar 2008: 98), marcando assim o novo rumo da investigação.

Sumariamente, este novo rumo integra as propostas do passado que tinham em conta a troca de bens, o serviço e informações e acrescenta-lhe o aprofundamento das marcas pessoais e do registo dos sentimentos e da sua negociação ao nível do discurso.

É, então, nos anos noventa que surge a designação Avaliatividade, termo que designa todos os recursos avaliativos da língua, ou seja, exprime posturas, atitudes mentais e valores. Inclui ainda atitudes, julgamentos e emoções dos falantes, o modo como eles revelam isto nos seus enunciados.

Autores como Eggins & Slade (1997), Rothery & Stenglin (2000), Macken Horarik (2003) contribuíram para estruturar esta teoria que muito fica a dever a J. R. Martin e P. White (2005), na sequência natural dos artigos que os precederam, de ambos os autores, sobretudo de J. R. Martin.

1.6. Modo e Modalidade

A necessidade de uma breve referência às noções de Modo e Modalidade revela-se a esta altura muito importante, de modo a percebermos as bases principais que constituem a teoria da Avaliatividade (Martin e White, 2005) antes da sua exposição.

Halliday foi o autor dos estudos que ergueram e fundamentaram esta ferramenta com o objetivo de apresentar os recursos da língua utilizados para expressar valores, sentimentos e compromissos dos falantes relativamente ao mundo real inserindo tudo isto na metafunção interpessoal da língua. Segue-se a formulação do modelo dos recursos avaliativos na língua proposto por Halliday, tendo em conta que este considera apenas parte daquilo que pode existir em toda a abordagem interpessoal usando os conceitos de modo e modalidade para descrever a interação.

Halliday (2004) considera o modo (MOOD) como uma noção intimamente ligada à semântica interpessoal e às funções do discurso. Podemos identificar quatro formulações como funções discursivas: dar e pedir e bens e serviços ou informações que representam quatro funções primárias: oferta, ordem, afirmação e pergunta.

Assim sendo, todo o enunciado se transforma num evento interativo entre quem escreve e quem lê, partindo do pressuposto que o enunciado possa ser encarado de duas formas, enquanto proposição (orações afirmativas ou interrogativas onde as respostas são expressas de forma a que se entenda que aquilo que está a ser dito, está ao mesmo tempo a ser refutado) ou enquanto proposta (estando relacionada com a troca de bens e serviços, em que as orações não podem ser afirmadas ou negadas).

1.6.1. Modalidade e Compromisso Modal

Considerando Halliday (2004), podemos afirmar que falamos de Modalidade para definir todo o espaço vazio entre o “sim” e o “não”, na medida em que esta refere as diferentes escolhas feitas pelos falantes para expressar a opinião e manifestar julgamentos. Tendo tal definição em conta, estas expressões ou manifestações podem ser graduadas através de valores modais (baixo, médio, alto), a que correspondem, respetivamente, a possibilidade, a probabilidade e a certeza.

Trata-se de uma escala de valores que Thompson (1996) define como compromisso modal, agregando o autor a esta definição, o termo de Responsabilidade Modal que revela o comprometimento objetivo ou subjetivo do falante sobre o seu ponto de vista.

Sobre a responsabilidade, o falante ou escritor pode, através das suas escolhas linguísticas, “jogar” com o que está a ser dito de modo a que o peso da oração recaia sobre si ou sobre outra pessoa, definindo assim responsabilidade implícita ou explícita. O falante ou escritor tem em seu poder, através desta ferramenta, o facto de se poder posicionar no discurso, limitando-se ou não, distanciando-se relativamente aos outros interlocutores ou ao texto em si e, ainda, trata da maneira como o falante ou escritor faz os interlocutores participarem naquilo que está a ser expresso.

Em suma, modalidade é a categoria discursiva que indica as intenções, os sentimentos e as atitudes do falante ou escritor em relação ao seu discurso.²

1.7. Avaliatividade

A Teoria da Avaliatividade, como foi desenvolvida na LSF, por Martin e White (2005) e anteriormente por Martin (1977, 2000) e Martin & Rose (2003) permite dar conta, através de uma poderosa descrição, de todas as questões avaliativas presentes em sistemas linguísticos tendo em conta os recursos linguísticos utilizados pelos falantes ou escritores para exprimir a sua Atitude (Afeto, Julgamento e Apreciação).

² Esta breve apresentação da noção de modalidade serviu, apenas, entrever o modo como, primeiramente, fora tratada por Halliday ao fazer uma descrição dos recursos avaliativos e o significado interpessoal.

2. Linguagem avaliativa e Teoria da Avaliatividade

Uma vez expostas as bases em que assentou a Teoria que proponho usar na análise do *corpus* deste estudo, passo em seguida, a ocupar-me da especificação do termo “avaliação” ou “linguagem avaliativa” para posteriormente dar conta do sistema da Avaliatividade.

Como anteriormente referido, o significado interpessoal está relacionado com a variável “relações” que diz respeito à manifestação das nossas opiniões, julgamentos e atitudes, servindo para construirmos e marcarmos a nossa identidade no discurso.

A denominada linguagem avaliativa consiste na linguagem que nós, enquanto falantes, utilizamos para expressar as nossas opiniões e tem vindo a ser estudada por inúmeros autores a que importa fazer referência, que usam termos como *connotation*, *affect*, *attitude*, *appraisal*, *stance*, *evaluation* (Hunston e Thompson, 2001).

Para estes dois autores, a linguagem avaliativa tem que desempenhar três funções, a saber:

- Expressar opiniões;
- Manter relações entre quem fala e quem ouve;
- Organizar o discurso.³

No sentido de se desenvolver os estudos acerca das informações que nos dão conta do posicionamento dos falantes, Martin e White (2005) propuseram o sistema da Avaliatividade, ocupando-se este sistema da avaliação e permitindo, através da linguística sistémico-funcional, observar os diferentes recursos utilizados nessas avaliações e até as metodologias para a análise e como tudo isto ocorre na língua portuguesa.

Desta forma é-nos possível considerar as opções disponíveis na língua para avaliarmos algo, categorizando os recursos léxico-gramaticais utilizados nas avaliações.

2.1. Sistema da Avaliatividade

Os estudos de Halliday (1994) centraram-se na modalidade. A “sua” linguística tem raízes no funcionalismo britânico em duas vertentes, a antropológica e a linguística.

³ Hunston e Thompson (2003: 6)

Halliday foi aluno de J.R.Firth, em Londres, e dele “herdou” a visão paradigmática da língua sendo a noção de escolha fundamental em todos os estudos hallidayanos. A forma como Halliday apresenta a questão da modalidade, já anteriormente exposta no ponto 1.6.1 nos seus estudos, foi a base teórica para outros autores desenvolverem esta teoria.

James Martin e Peter White sublinham que não é possível determinar todos significados de um texto num determinado contexto, mas apenas através dos itens léxico-gramaticais, clarificando que é necessário relacionar esses itens com o próprio texto.

Com o objetivo de analisar os aspetos avaliativos, Martin e White (2005) propõem um sistema, “Appraisal System”, que se insere (tendo em conta a estrutura tripartida da língua na LSF) na semântica do discurso e é realizado em termos lexicais no estrato da léxico-gramática (ver Figura 2).

Ao nível da semântica do discurso o sistema da avaliatividade está articulado com outros dois sistemas – Negociação e Envolvimento, como podemos observar na figura 3:

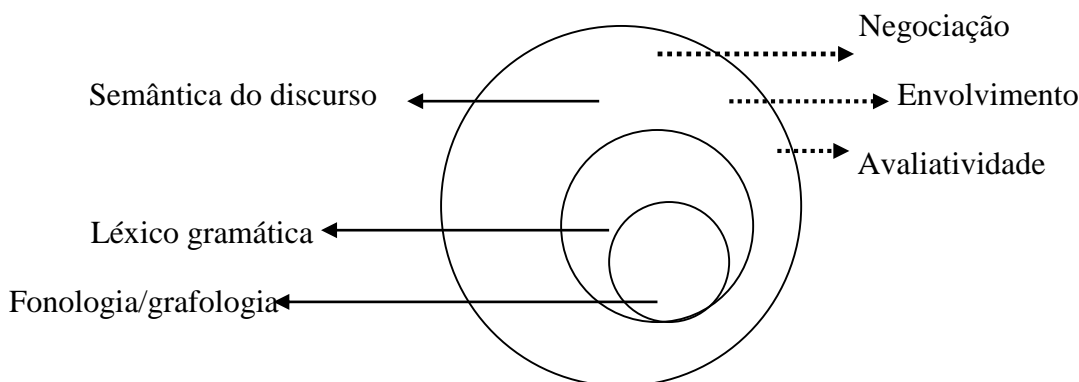


Figura 2- Os ciclos de codificação da linguagem
Fonte: Martin e White, 2005 (adaptado)

A Avaliatividade a Negociação e o Envolvimento constroem o significado interpessoal.

A Negociação trata dos aspetos interativos do discurso, funções da fala e das trocas e o Envolvimento trata precisamente da envolvimento, ou seja, refere-se aos recursos que permitem ao falante expressar uma maior ou menor proximidade do interlocutor.

Este trabalho centra-se, apenas, na Avaliatividade, sendo que esta torna própria uma análise em texto centrada na posição do falante e nas suas escolhas linguísticas.

Appraisal is one of three major discourse semantic resources construing interpersonal meaning (alongside involvement and negotiation). Appraisal itself is regionalised as three interacting domains – ‘attitude’, ‘engagement’, and ‘graduation’.

(Martin & White 2005: 34-35)

Martin e White (2005) têm os seguintes propósitos:

- “...demonstrar o posicionamento atitudinal do autor/falante frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, através do elogio ou da censura;
- ...expor, através a aceitação do posicionamento de outrem ou mesmo da contraposição a ele (procedimentos de ordem intertextual), o seu próprio posicionamento, ou mesmo manter-se neutro;
- ...explicitar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor e leitor, através da antecipação ou da resposta a indagações do leitor/ouvinte”.⁴

O Sistema da Avaliatividade é composto por três subsistemas – Atitude, Comprometimento e Graduação.

O domínio da Atitude diz respeito aos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamentos e avaliações sobre o valor das coisas.

O comprometimento tem a ver com a especificação da origem das atitudes em texto e a Graduação revela-se na possibilidade de ampliar ou diminuir o valor das categorias usadas para a expressão dos sentimentos.

Avaliatividade	Atitude	Afeto
		Julgamento
		Apreciação
	Comprometimento	Monoglossia
		Heteroglossia
	Graduação	Força
Foco		

Quadro 1 – Sistema da Avaliatividade (adaptado de Avelar 2008:111)

⁴ Retirado de Maria Brito (2012: 18)

O sistema da Avaliatividade é um sistema multidimensional porque incorpora a nossa expressão dos valores em categorias como a Atitude, gere as vozes a que os falantes atribuem os valores (Comprometimento) e, por fim, altera os graus de intensidade dos valores através da Graduação. Como afirma Avelar:

“ O que se procurou estabelecer, primeiramente, foi o modo como a atitude avaliativa dos falantes está presente nas suas trocas linguísticas, desde a pequena conversa transacional ao texto escrito mais elaborado”
(Avelar 2008: 103).

2.2. Atitude (Afeto, Julgamento e Apreciação)

A Atitude é revelada através de interpretação dos enunciados, onde algo ou alguma coisa está a ser “avaliada” de forma positiva ou negativa:

“A Atitude diz respeito a sentimentos e julgamentos que o falante tem ou faz relativamente ao mundo que o cerca” (Maria Brito, 2010: 20). Sendo assim, a atitude pode ser realizada através das categorias gramaticais como:

- Adjetivos (atributos ou epítetos);
- Verbos (processos);
- Advérbios (adjuntos de comentário);⁵

O falante releva o seu posicionamento relativamente a algo, ou seja, dá a sua opinião positiva ou negativa e, segundo Avelar e Azuaga (2010), o uso avaliativo da língua envolve três possibilidades no que diz respeito ao posicionamento dos falantes:

- Posicionamento relativo à (própria) atitude;
- Posicionamento relativo ao outro, em diálogo;
- Posicionamento relativo ao (inter) texto.⁶

Relativamente ao primeiro ponto, o que está em causa é a possibilidade de o falante dar a sua opinião, positiva ou negativa, no que diz respeito a coisas, pessoas, lugares e acontecimentos.

⁵ Avelar (2008: 106)

⁶ Avelar e Azuaga (2010: 32)

Quanto ao posicionamento referido no segundo ponto, este permite ao falante agir sobre o seu texto, tendo assim a possibilidade de inserir elementos no enunciado que estabeleçam ligações com enunciados anteriores ou até servir como antevisão relativamente aos que se seguem. Tal representa uma reação ou resposta a enunciados precedentes ou uma antecipação de possíveis desenvolvimentos.

Por fim, relativamente ao posicionamento relativo ao (inter) texto, ele manifesta-se sempre que o falante se recorre do uso de citações ou referências de outrem, trazendo para a interação palavras alheias.

O Afeto diz respeito à manifestação das emoções sendo através dele que o falante faz as suas revelações emocionais e pode marcar a sua presença na situação de comunicação a partir da sua subjetividade individual. Manifesta-se através de vários recursos gramaticais como verbos de emoção (ex: amar ou detestar), advérbios de modo (ex. felizmente), adjetivos e nomes resultantes de nominalizações.

O Julgamento avalia e constrói atitudes acerca do caráter, demonstra as posições ocupadas em relação ao comportamento humano. Resumidamente, o Julgamento lida com a exteriorização da cultura abarcando a moral e bons costumes, ou seja, pretende julgar positiva ou negativamente a atitude humana com base nas normativas culturais. Aquele que julga pode fazê-lo de uma forma implícita ou explícita.

Por fim, a Apreciação que tem como base a avaliação sobre o valor das coisas, o valor semiótico. As manifestações da Apreciações recaem sobre a aparência e sobre a estética.

Atitude		
Afeto	(in) Felicidade	Tristeza, Antipatia
		Alegria, Afeição
	(in) Segurança	Preocupação, Surpresa
		Autoconfiança, Crédito
	(in) Satisfação	Aborrecimento, Desprazer
		Interesse, Prazer
	(des) Inclinação	Medo
		Desejo
Julgamento	Estima Social	Normalidade
		Capacidade
		Tenacidade

	Sanção Social	Veracidade
		Conduta Ética
Apreciação	Reação	Impacto
		Qualidade
	Composição	Equilíbrio
		Complexidade
Valor Social		

Quadro 2 – Subsistemas da categoria Atitude

2.2.1. Afeto

O Afeto é um recurso semântico utilizado para realizar linguisticamente as emoções no discurso, ou seja, relaciona-se com os sentimentos das pessoas deixando revelar o posicionamento afetivo dos falantes em relação ao mundo, aos fenômenos e processos.

Segundo Avelar, “a manifestação das emoções reside na subjetividade do falante/escritor que, por decisão ou necessidade própria inscreve a sua presença no processo comunicativo” (Avelar 2008: 112).

A categoria do Afeto trata do registo de sentimentos positivos ou negativos como felicidade, tristeza, confiança, ansiedade e indicam que as pessoas possuem bons ou maus sentimentos (afeto positivo ou afeto negativo).

Pode ser manifestado de uma forma implícita, ou seja, é manifestado através de um comportamento não comum que nos pode transmitir a ideia de que algo está certo ou errado e, ainda, através do uso da metáfora. O Afeto explícito pode ser manifestado através de uma atitude afetiva representando um estado emocional ou uma expressão física.

O Afeto pode ser realizado através de vários recursos gramaticais:

a) O Afeto como qualidade:

- através de adjetivos (epítetos) para descrever participantes;
- através de Atributo para atribuir qualidades;
- ou circunstância como modificador de processos.

b) Afeto enquanto processo:

- Através de processos mentais (percepção afetiva);
- e processos comportamentais (comportamento afetivo).

c) Afeto como comentário:

- Através de adjuntos modais

As subcategorias do Afeto estão apresentadas em pares de antónimos – (in) felicidade, (in) segurança, (in) satisfação e (des) inclinação como pode ser observado no quadro 3:

Afeto	(in) Felicidade	Tristeza, Antipatia
		Alegria, Afeição
	(in) Segurança	Preocupação, Surpresa
		Autoconfiança, Crédito
	(in) Satisfação	Aborrecimento, Desprazer
		Interesse, Prazer
	(des) Inclinação	Medo
		Desejo

Quadro 3- Tipos de Afeto

O primeiro par diz respeito às emoções relacionadas com o modo de sentir (tristeza ou felicidade), fazendo com que estes sentimentos se direcionem para reações de empatia ou antipatia.

No caso do segundo par, (in) segurança, refere-se ao conjunto de sentimentos que cobre as emoções relacionadas com o bem-estar social, envolvendo uma espécie de paz ou ansiedade em relação ao ambiente e às pessoas que o rodeiam.

A (in) satisfação está relacionada com sentimentos de frustração ou realização em relação aos objetivos que estamos envolvidos, como participantes ou espetadores.

O último par remete para expressão dos nossos desejos ou medos.

Sublinho alguns recursos gramaticais mais recorrentes na manifestação do Afeto são:

- Verbos (processos mentais) de emoção como, *gostar de, amar/odiar, agradar, detestar, amedrontar, interessar...*
- Advérbios (circunstâncias de modo) como *(in) felizmente*.
- Adjetivos como *feliz/triste...*
- Nomes (resultantes de nominalizações) como *confiança/insegurança, medo, terror, etc.* (Avelar, 2008: 115)

A expressão do objeto realiza-se, em grande parte, associado a outras categorias como por exemplo, “a polaridade, a gradação, a predicação e o conteúdo emocional envolvido” (Avelar 2008: 114).

2.2.2. Julgamento

O Julgamento constrói linguisticamente as avaliações do comportamento das pessoas, diz respeito às avaliações morais do comportamento humano tendo como referência um conjunto de normas sociais:

“tratando-se de opiniões normativas sobre o comportamento humano, as avaliações negativas classificáveis como Julgamento implicam um certo sentido de disfuncionalidade ou de culpa”

(Avelar 2008: 120).

O Julgamento traduz a maneira pela qual as pessoas fazem avaliações sobre a moralidade, legalidade, capacidade e normalidade sempre determinados pela própria cultura, relacionado com as questões de ética. Manifestações linguísticas como provérbios, ditados ou expressões idiomáticas são utilizadas para a crítica ou aprovação na manifestação do Julgamento, podendo assim dizer-se que o Julgamento está intimamente ligado aos valores reguladores de natureza cultural e a experiências individuais.

“O Julgamento lida profundamente com a exteriorização da cultura, quer manifesta nos seus sistemas mais elaborados (e.g legalidade, moralidade, delicadeza), quer em expressões menos perenes de sistemas semióticos”.

(Avelar 2008: 120).

O julgamento sobre o carácter das pessoas pode ser positivo ou negativo, explícito ou implícito (evocado). Pode manifestar-se de forma explícita através da utilização de determinado léxico ou de forma implícita quando os enunciados não

apresentam nenhum elemento avaliativo explícito embora contenham uma atitude avaliativa. O Julgamento implícito apresenta duas modalidades: sinalizado e o induzido.

O Julgamento implícito sinalizado manifesta-se em enunciados cuja inexistência de elementos avaliativos não é obstáculo para a existência de material linguístico de pendor atitudinal, contrariamente ao que acontece no julgamento implícito induzido, em que não se torna explícita qualquer inscrição do valor do Julgamento (positivo ou negativo) mas, no entanto, “a conjunção discursiva e ou contextual favorece uma interpretação avaliativa” (Avelar 2008:123).

A categoria de julgamento pode ser considerada como uma institucionalização do sentimento, quer dizer, através de normas de comportamento que realizam como as pessoas devem ou não agir.

O Julgamento pode ser realizado através de:

- Adjetivos (atributos) e (epítetos).
- Verbos (processos).
- Advérbios (adjuntos de comentário).

O Julgamento pode dividir-se em dois grupos: a Estima Social e a Sanção Social.

O Julgamento de Estima Social diz respeito às relações quotidianas entre as pessoas, envolvendo admiração ou crítica sem implicações legais e está relacionado com os termos Normalidade, Capacidade e Tenacidade.

A Sanção Social implica o elogio e a condenação, geralmente com implicações legais, relaciona-se com a honestidade e conduta da pessoa. Como afirma Vian JR, -“O tipo de Julgamento (estima social ou sanção social) depende da posição institucional de quem avalia” (Vian Jr. 2011: 106).

Em suma, os Julgamentos de estima social são marcados pela cultura oral, contrariamente aos de sanção social que são codificados como regras, regulações ou leis devendo ser aplicadas punições a quem não cumpre as regras, a quem quebra o código.

Julgamento	Estima Social	Normalidade
		Capacidade
		Tenacidade
	Sanção Social	Veracidade
		Conduta Ética

Quadro 4- Tipos de Julgamento

Para finalizar a exposição dos tipos de Julgamento, o quadro acima exposto indica os dois tipos de Julgamentos (Estima Social e Sanção) e as suas categorias. Para facilitar a sua identificação Martin propõe um conjunto de perguntas:

- Normalidade: o comportamento do individuo é pouco usual, especial, comum?
- Capacidade: o indivíduo é capaz? É competente?
- Tenacidade: o individuo é confiável? Pode contar-se com ele/a?
- Veracidade: o individuo é verdadeiro? É honesto?
- Propriedade: o individuo é ético?

(Martin, 2000: 156)

2.2.3. Apreciação

A terceira e última categoria semântica da Atitude é a Apreciação. Através dela avalia-se o valor semiótico das coisas do mundo, valor de ordem estética manifestado através de classificações sobre a forma, a aparência, construção, apresentação ou impacto estético de objetos e identidades.

Recorrendo a Eggins e Slade (1997: 125) podemos afirmar que a Apreciação é o maior recurso atitudinal disponível, uma vez que se refere à maneira que os falantes utilizam para avaliar texto (oral ou escrito) ou processo (fenómeno). Tal como o Julgamento, a apreciação pode ser positiva ou negativa, explícita ou implícita mas contrariamente ao julgamento ela não avalia pessoas mas sim textos e processos.

Os recursos léxico-gramaticais que estão “ao serviço” da Apreciação são:

- Nominalizações (transformação de epítetos descritivos em objetos ou coisas). Realizar a apreciação através de nomes dá-nos um significado atitudinal mais intenso, uma vez que as nominalizações aumentam a densidade lexical do texto);
- Adjuntos de circunstância (os significados atitudinais estão ao serviço da descrição das ações ou acontecimentos realizados);
- Processos (significados descritivos podem ser realizados pelo predicador como parte lexical do grupo verbal). (Vian JR., 2011: 109)

A Apreciação é um sistema organizado em três variáveis (ver quadro 5): Reação, Composição e Valor.

Reação é uma apreciação definida pelas reações que as coisas provocam nas pessoas, como captam a sua atenção e transmitem uma ligação afetiva. Subdivide-se em Impacto e Qualidade, aquele referindo o impacto causado nas pessoas, tendo em vista a pergunta *Isso tocou-me?/Mexeu com os meus sentimentos?*; A Qualidade diz respeito à capacidade de chamar a atenção para determinada qualidade, referindo o objeto, tendo em vista a pergunta: *Eu gostei disto?*.

A segunda variável, Composição, está relacionada com a perceção numa perspectiva da ordem das coisas, tendo significado textual. Subdivide-se em Equilíbrio e Complexidade, tratando primeiro daquilo que avaliamos como parte concreta que forma o objeto em questão, referindo-se ao equilíbrio das coisas, respondendo à questão *Isto está coeso?* Complexidade corresponde ao nível de complexidade dos objetos. A terceira e última variável, Valor Social, refere-se à importância social, está relacionada com a nossa avaliação do social do texto/processo e corresponde ao valor que se atribui às coisas. Para a sua identificação utiliza-se a pergunta *Isto valeu a pena?*

Apreciação	Reação	Impacto
		Qualidade
	Composição	Equilíbrio
		Complexidade
	Valor Social	

Quadro 5- Tipos de Apreciação

Como refere Vian Jr (2011: 11), a estrutura de apreciação pode ser interpretada metafuncionalmente considerando:

- Reação – Significado Interpessoal
- Composição – Significado textual
- Valor/valoração – Significado ideacional

2.3. Considerações gerais – Correlações

Segundo Martin (2000), quando expressamos atitude não estamos apenas a tecer um comentário sobre o mundo, estamos a expressar os nossos valores e as nossas opiniões sobre as pessoas, as coisas e tudo aquilo que nos rodeia. Partindo desta perspetiva, a Atitude é o recurso semântico que utilizamos na realização das avaliações sobre as emoções, o carácter e o comportamento das pessoas e objetos no discurso. Para o fazermos, utilizamos elementos léxico-gramaticais na realização do significado semântico das avaliações na linguagem.

Podemos, ainda dizer que a Apreciação e o Julgamento tendem a ser orientados para a identidade avaliada ao contrário do que acontece na expressão do Afeto que está orientada para quem avalia.

A dimensão afetiva é o “coração” do sistema da Atitude e, sendo assim, torna-se uma tarefa um tanto ou quanto difícil conseguir estabelecer uma fronteira entre as categorias uma vez que se trata do mesmo fenómeno – o sentimento.

As atitudes sociais estão frequentemente associadas aos valores do Afeto, uma vez que muitas respostas emocionais podem ser entendidas como próprias ou desadequadas dentro de uma determinada sociedade. Avelar e Azuaga (2010) sugerem que, culturalmente, a avaliação moral está profundamente associada à esfera afetiva. Os valores do Afeto podem induzir julgamentos em determinados contextos como é o caso de enunciados que traduzam a vitimização dos participantes.

O Afeto é manifestado de uma forma explícita e subjetiva e centra-se no papel do autor, uma vez que este assume a responsabilidade total, contrariamente ao que acontece no Julgamento, em que o comportamento é menos explícito e menos apoiado na subjetividade do participante, uma vez que, temos um enunciado em que os valores do julgamento são apresentados enquanto qualidades do fenómeno que está a ser avaliado.

Partindo da estreita relação entre as categorias do sistema da Atitude, podemos afirmar que a emoção é o resultado da combinação de todos os valores da Atitude. Martin (Martin 2003) sustenta que o Julgamento e a Apreciação podem ser vistos como formas de “institucionalizar” o Afeto:

“JUDGEMENT and APPRECIATION might be interpreted as institutionalizations of which have evolved to socialize individuals into various uncommon sense

communities of feeling— JUDGEMENT as AFFECT recontextualized to control behavior (what we should and should not do). APPRECIATION as AFFECT recontextualized to manage taste (what things are worth)”

(Martin 2003: 174).

Conceitos como institucionalização e recontextualização são usados para designar o modo como as comunidades gerem os próprios afetos na expressão do pensamento estético e ético. O sentimento pode ser “institucionalizado” ou “recontextualizado” enquanto valores morais ou enquanto valores estéticos conforme podemos confirmar partindo da figura 3:

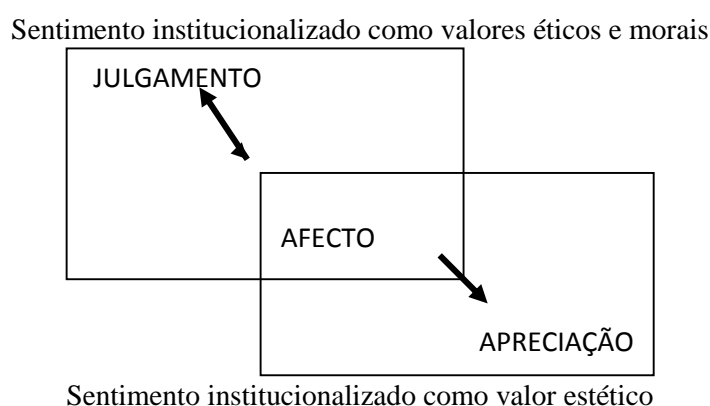


Figura 3– Afeto institucionalizado em Julgamento e Apreciação
(adaptado de Martin 2000a: 147)

Esta dimensão acarreta, por vezes, algumas dificuldades na análise dos textos.

2.4. Comprometimento

Esta categoria, que apresenta uma especificação da origem das atitudes em textos, constitui o conjunto de recursos que jogam com a aceitabilidade dos enunciados produzidos pelo falante/escritor, permitindo assim um ajustamento do conteúdo ao nível da interação. Martin e White apresentaram um sistema que permite analisar os recursos que os falantes ou escritores têm disponíveis na língua de forma a marcarem a sua interação de uma forma atitudinal. Ao marcar a sua posição, o falante/escritor está a assumir, implicitamente, uma postura dialógica.

A noção de dialogismo (Bakhtin,1981; Voloshinov,1995) é essencial para entender a categoria de que falamos, uma vez que o que está em causa é a possibilidade de o falante poder intervir, ajustando o estatuto do seu enunciado. A perspectiva

dialógica assume que o texto se realiza voltado para ouvintes ou leitores, fazendo com que o sentido do mesmo seja construído de forma a estabelecer-se um entendimento entre quem escreve ou fala e quem lê ou ouve, para que quem escreve ou fala consiga antever a reação de quem lê ou ouve, relativamente às propostas ou proposições estabelecidas.

O termo “heteroglossia” é usado por Bakhtin para se referir ao dialogismo nos textos escritos e remonta à questão da intertextualidade, tratando-se da possibilidade de introduzir outros textos ou outras vozes num texto particular ou de um espaço que o falante ou escritor pode abrir ou fechar consoante as suas intenções.

Partindo desta última possibilidade, Martin e White (2005) definem Comprometimento como opções de sistema para abertura ou fechamento do espaço dialógico na interação, tendo em conta a posição intersubjetiva atribuída ao falante ou escritor, que lhe permite dar opiniões, demonstrar pontos de vista, influenciado por comunidades de valores partilhados.

O conceito de diálogo merece ser referido, na medida em que se refere à manifestação essencial do comportamento verbal entre as pessoas e, num sentido mais abrangente, engloba todo o tipo de comunicação incluindo os monólogos, por considerar que até estes possuem uma exigência para com o ouvinte ou leitor.

“O Comprometimento envolve, nesta perspectiva, recursos eminentemente dialógicos, na medida em que permitem ao falante intervir no enunciado para referir ou invocar representações ou pontos de vista e projetá-los em função do passado ou futuro da interação, texto ou enunciado em curso. O falante (oralmente ou por escrito) é entendido enquanto entidade comprometida dialogicamente.

(Avelar 2008: 131)

O sistema do Comprometimento é descrito por duas posturas assumidas pelo escritor/falante – a Monoglossia, quando não há reconhecimento de alternativas dialógicas no discurso; e a Heteroglossia, quando essas alternativas dialógicas são explícitas.

A categoria do Comprometimento está dividida em dois domínios da interação: a Contração Dialógica e a Expansão Dialógica, conforme se observa no quadro 6:

Comprometimento	Contração Dialógica	Contraoposição
		Pro-posição
	Expansão Dialógica	Ponderação
		Atribuição

Quadro 6- Comprometimento

Na Contração Dialógica, o falante/escritor assume uma posição de desacordo ou de rejeição a uma posição contrária, havendo nela o desafio, a restrição ou a crítica e o fechamento do espaço dialógico a outras posições ou vozes alternativas, ao passo que na Expansão Dialógica, o falante ou escritor faz com que a proposição contida na sua voz seja uma das variadíssimas possibilidades de posições que o mesmo pode assumir, fazendo com que o espaço dialógico seja aberto a outras posições, aderindo a outras vozes presentes no texto com posicionamentos alternativos de aceitação ou rejeição.

A Contração dialógica subdivide-se em dois sistemas: a Contraposição e a Pro-posição, que por sua vez também se subdividem. O mesmo acontece na Expansão Dialógica, que se subdivide, por sua vez, em dois subsistemas: a Ponderação e Atribuição, como se pode observar no quadro 7:

C O M P R O M E T I M E N T O	Contração Dialógica	Contraposição	Negação		
			Contra- Expetativa		
		Pro-posição	Expetativa Confirmada		
			Compromisso		Pronunciamento
					Endosso
	Expansão Dialógica	Ponderação	Probabilidade		
			Evidências		
			Diz – que		
		Atribuição	Reconhecimento		
			Distanciamento		

Quadro 7- Categorias do Comprometimento
(adaptado de Avelar, 2008: 132)

2.4.1. Contraposição: Negação e Contra-expetativa

A Contraposição trata dos recursos por meio dos quais o escritor assume que existe uma posição contrária, na qual expressa a sua discordância através de recursos de Negação e de Contra- expetativa. A Contraposição relaciona-se com situações, em que uma dada voz é negada pelo autor do texto e do ponto de vista dialógico, uma oração negativa não é considerada o oposto de uma oração positiva, ou seja, para realizarmos uma positiva não implica que realizemos obrigatoriamente uma negativa. Desta forma, a Negação representa uma posição dialógica alternativa à positiva.

No caso da Contra-Expetativa o escritor apresenta uma proposição sobrelevando outra para, assim, contrariar a expetativa criada pela última.

A Contra-Expetativa pode ser realizada através do uso de Adjuntos de comentário, como por exemplo, “surpreendentemente”, “estranhamente”, “inesperadamente” e a intenção do uso destes adjuntos é promover uma posição alternativa que é rejeitada, ou não passa de uma expetativa não realizada. White (2005) afirma que o carácter dialógico reside na posição alternativa que pode ser recusada.

Podem, ainda, pertencer a Contra-Expetativa os recursos relativos ao uso de concessivas, como “embora”, “todavia”, “porém”, “contudo” e em alguns casos o uso de advérbios como “só”, “apenas”, “mesmo”, “já” e “ainda”.

2.4.2. Pro-Posição

A Pro-posição é uma forma de intervir na interação, aumentando o valor conferido a uma proposição ou proposta; assim sendo, as interferências deixam de estar sujeitas a uma aceitação ou discordância limitando o escopo de alternativas dialógicas no discurso criando sérias dificuldades para o leitor manifestar qualquer ponto de vista contrário ao que está expresso na proposição ou proposta.

A Pro-posição subdivide-se em outros sistemas: Expetativa Confirmada e o Compromisso, que, por sua vez, se subdivide em Pronunciamento e Endosso.

A Expetativa Confirmada “evoca a conformidade da sua alegação com o pensamento da comunidade em que está inserido” (Avelar 2008: 135). Os recursos para a Expetativa Confirmada englobam a proposição como representação do senso-comum,

ou seja, o escritor ou falante concorda plenamente com a proposição, demonstrando assim, a solidariedade.

O Pronunciamento consiste numa intervenção deliberada a nível do enunciado, em que o falante ou escritor interpola diretamente no seu próprio texto, assumindo assim a responsabilidade sobre o mesmo onde é frequente o uso de Adjuntos de comentário. Numa perspetiva dialógica, as ocorrências de Pronunciamento assumem um carácter contrastivo, uma vez que desafiam, confrontam e resistem a qualquer alternativa dialógica particular. O Pronunciamento pode, ainda, ser expresso de uma forma direta e explícita e, desta forma, o falante ou escritor pode ainda marcar mais a impossibilidade de desacordo, fazendo uso de expressões que encurtam o espaço dialógico onde tem lugar a interação.

O Endosso mostra a concordância da voz do escritor ou falante com vozes externas. Como afirma Avelar “por efeito retórico, o destinatário vê-se inserido na concórdia estabelecida pelo seu parceiro dialógico” (Avelar 2008: 135-136); ou seja, ao utilizarmos recursos para Endosso, o escritor ou falante está a atribuir a fontes externas a validação da sua proposição, de forma a demonstrar a validade e aceitabilidade da sua proposição através de processos verbais. O falante ou escritor pode assumir a responsabilidade sobre o seu enunciado ou partilhá-la com as fontes citadas.

Para melhor compreensão do que acima foi exposto, refira-se que as subcategorias da Pro-posição são realizadas através de recursos linguísticos particulares, como se pode ver exemplificado no quadro 8 proposto por Martin e White (2005: 121):

Expetativa Confirmada	Pronunciamento	Endosso
Naturalmente	A verdade é que...	Mostra
Certamente	Você deve concordar que...	Prova
Obviamente, etc...	Podemos concluir que...	Demonstra, etc...

Quadro 8- Recursos para Expetativa Confirmada, Pronunciamento e Endosso

2.4.3. Ponderação

Uma vez apresentados os processos de Contração Dialógica que realizam, precisamente, uma redução do espaço dialógico, cabe agora expor os processos de Expansão Dialógica: Ponderação e Atribuição.

A Ponderação permite ao falante intervir a nível do enunciado para alterar o seu valor e/ou força interlocutória.

“são globalmente classificados enquanto “protetores” do ato de fala” e “que estamos perante formulações em que o falante não pretende comprometer-se totalmente com o conteúdo do seu enunciado”
(Avelar 2008: 136).

Ainda seguindo o mesmo autor, do ponto de vista dialógico, a escolha é resultado de um conjunto de possibilidades que permitem ao falante abrir um espaço de alternância dialógica, de modo, a criar um ambiente favorável ao contraditório.

Ao serviço desta categoria estão itens como:

- a) “expressões que sugerem a representação da evidência assertiva, no “jogo” que é a interação, tais como *parece que, a evidência sugere que, tudo leva a crer que, aparentemente, etc. (Evidências)*”
- b) “modais de probabilidade, fórmulas de conteúdo próximo (*eu penso/eu suponho, eu julgo*) e certos usos retóricos da pergunta. **(Probabilidade)**”
- c) “fórmulas que remetem a responsabilidade para um emissor exterior à interação que é, em todo o caso, tido como credível: *diz-se, é sabido, ouvi dizer, alguém afirmou que, etc. (DIZ-QUE)*” (Avelar, 2008: 137)

Finalmente, a funcionalidade de todos estes recursos só resulta se forem vistos nos termos da negociação do espaço dialógico, ou seja, os recursos apresentados cumprem uma funcionalidade dialógica que permite aos falante ou escritor apresentar os seus enunciados como uma ocorrência de cariz individual e subjetivo. Desta forma, abre-se o espaço de alternância dialógica para eventuais respostas por parte dos possíveis destinatários.

2.4.4. Atribuição

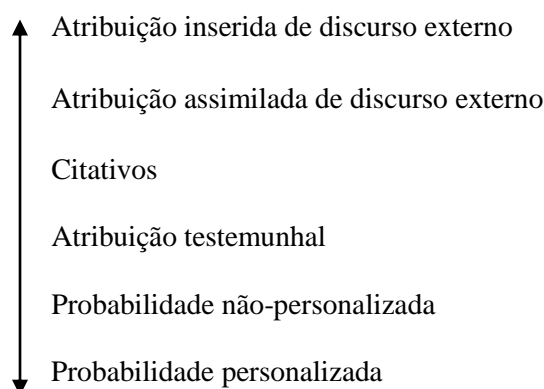
Tendo em vista tudo o que até agora foi apresentado relativamente à negociação do posicionamento do espaço dialógico por parte do próprio falante ou escritor e considerando a possibilidade da intervenção de outras vozes externas no texto de forma a relançar convenientemente o seu discurso, importa expor aquilo que se designa como

Atribuição, uma vez que se trata dos recursos que introduzem explicitamente tais vozes externas no texto, onde as declarações são referências destas mesmas vozes.

É comum considerar-se uma escala de valores da Atribuição, em que num grau mais baixo temos a probabilidade e num grau mais elevado temos a atribuição inserida. Tal graduação resulta da autoridade da voz citada e depende, ainda, do apoio ou não (endosso/desendosso), do escritor/falante do enunciado em questão.

Por exemplo, no topo da escala teríamos um enunciado em que coincidissem com uma voz de autoridade elevada em conjunto com o endosso a indicar a responsabilidade partilhada entre o escritor e a fonte citada.

Para melhor se entender o que está em causa Avelar (2008: 138-139) e Avelar e Azuaga (2010: 26-27) arrumam-na do seguinte modo:



A Atribuição é subdividida em dois subsistemas – o Reconhecimento e o Distanciamento.

O Reconhecimento está relacionado com contextos onde a voz do escritor interage com as vozes externas, embora se perceba a inexistência de indicadores quanto à postura do escritor (dizer, acreditar, de acordo com).

O Distanciamento envolve enunciados em que é notório e explícito o distanciamento do escritor em relação ao discurso externo trazido para o seu texto (dizem que).

Em suma, ambos os subsistemas são “heteroglóssicos”, na medida em que o escritor evita tomar a responsabilidade em relação à existência de uma voz externa trazida para o seu texto.

2.5. Graduação – Força e Foco

O subsistema da Graduação prende-se com “a possibilidade de intensificar, ou não, os significados produzidos pelos outros dois subsistemas” (Martin, White 2005). A semântica deste sistema é essencial na teorização dos elementos avaliativos, uma vez que todas as categorias da Atitude e o Comprometimento têm em comum o facto de poderem ser graduáveis.

Assim sendo, podemos afirmar que os recursos da Graduação permitem ajustar o volume, aumentando ou diminuindo o valor das avaliações e divide-se em dois subsistemas: Força e Foco. A Força inclui categorias que indicam a intensidade e a quantidade expressas através de quantificadores como muito, pouco, bastante. O Foco inclui categorias que não são graduáveis e está relacionado com a possibilidade de tornar o enunciado mais ou menos suave.

Por sua vez estes dois subsistemas subdividem-se, como podemos comprovar através do quadro 9:

Graduação	Força	Atenuação
		Intensificação
	Foco	Acentuação
		Suavização

Quadro 9- Graduação

2.5.1. Força – Atenuação e Intensificação

O subsistema da Força está associado à intensificação e quantificação, uma vez que, enquanto intensificação, ela pode graduar qualidades ou processos e, enquanto quantificação, ela pode medir a graduação numérica das coisas, ou seja, a Força realiza-se através de itens lexicais que denotam intensificação (*muito, mais, menos, bastantes, pouco*) ou que denotam quantificação (*pouco, vários, uma grande quantidade de...*).

A Força rege-se por uma escala que vai do mais forte (Intensificação) até ao mais fraco (Atenuação) e pode realizar-se também através de léxico comparativo e superlativo, grupo verbal adverbialmente modificado e repetições; manifestando-se através das subcategorias como a Intensidade, Quantidade e Valoração.

A Intensificação abrange, ainda, dois modos – Isolamento e Difusão. O isolamento desempenha uma função de ajustamento do nível da intensidade, em que os itens ocorrem de uma forma isolada: um pouco / um tanto quanto / relativamente / bastante / muito /extremamente.

A difusão trata do grau de intensidade incorporado no significado de um único termo, sendo assim a intensidade representada por termos que se relacionam semanticamente: Qualidades / Processos

A Quantificação serve para graduar os itens relacionados ao cálculo numérico (muitos, dois, etc) de massa e de extensão.

2.5.2. Foco – Acentuação e Suavização

O Foco diz respeito a categorias não passíveis de graduação, na medida em que marca a barreira entre os elementos passíveis de graduação e os não passíveis de graduação. Esta categoria, Foco, está relacionada com o significado ideacional, ou seja, permite tornar o significado ideacional mais ou menos suave (Martin e Rose,2003) através dos termos “real”, “típico”, para a Acentuação; “um tipo de”, “uma espécie de”, para a Suavização.

Quando a Acentuação é empregue com objetivo de indicar a maior investida por parte do falante ou escritor na posição avaliativa - marca a solidariedade com aqueles que partilham a mesma opinião. No caso da Suavização, ela é empregue com o objetivo de o falante ou escritor se conciliar com os seus potenciais ouvintes ou leitores, mantendo a solidariedade com aqueles que possuem opiniões contrárias.

3. Algumas considerações

Foram apresentadas as principais categorias do sistema da Avaliatividade que irão ser aplicadas na análise dos comportamentos discursivos em texto jornalístico com base nas escolhas linguísticas dos autores desses mesmos textos.

Para a análise de textos como os que constituem o *corpus* deste estudo, a Teoria da Avaliatividade provou ser uma base coerente de trabalho. Esta ferramenta avaliativa, propiciando uma análise mais profunda, permite ainda a descoberta de como os significados são trabalhados a partir de um sistema de escolhas semânticas e

lexicogramaticais que os falantes e escritores colocam no seu texto ou discurso oral, o que facilitou, grandemente, a obtenção dos propósitos deste trabalho.

Ao longo do Capítulo I foi feita a exposição dos elementos teóricos essenciais no desenvolvimento deste estudo partindo do pensamento da LSF. Noções como Texto e Contexto e Avaliatividade servem de mote ao que vem a seguir.

No próximo capítulo apresentarei as opções metodológicas escolhidas para a análise do *corpus*.

Capítulo II

Aspetos Metodológicos

1. Constituição do *Corpus*

Neste capítulo foi dado conta dos procedimentos de recolha e análise do material de investigação e respetiva constituição do *corpus*.

Tendo como principal objetivo analisar as escolhas linguísticas nos casos *Maddie* e *Rui Pedro*, em dois jornais diários, a metodologia foi definida de forma a também ser possível identificar distintos posicionamentos editoriais e possível dissonância com algumas das normas do código deontológico.

A análise das escolhas linguísticas dos jornalistas de forma a determinar os seus comportamentos discursivos será feita tendo como base o modelo teórico apresentado no capítulo anterior, a Teoria da Avaliatividade, inscrita no quadro teórico da LSF.

Importa, primeiramente, referir que este capítulo dará conta, de uma forma resumida, das escolhas quer dos jornais diários quer das respetivas notícias. De seguida serão tecidos comentários sobre o código deontológico, designadamente na sua relação com o texto noticioso e o modo como este pode ou não cumprir as normas estabelecidas.

O *corpus* é composto por um conjunto de notícias sobre os casos *Maddie* e *Rui Pedro* em dois jornais diários, o *Correio da Manhã (CM)* e o *Jornal de Notícias (JN)*, das quais se selecionaram para análise detalhada 6 notícias dos jornais considerados para cada um dos casos, o que perfaz sobre o caso *Maddie* 12 notícias. E sobre o caso *Rui Pedro* 12 notícias.

A edição do *Jornal de Notícias online* possui um *dossier* intitulado “Caso Maddie” com 39 artigos, porém por uma questão de equidade em ambos os jornais diários, apenas me centrei nos resultados da pesquisa, sobre os quais contabilizei 364 resultados, havendo a possibilidade de impedimento da leitura em alguns casos.⁷ Sobre este caso a pesquisa teve como datas de referência maio de 2007 até maio de 2013.

⁷ Note-se que será, porventura, o caso de desaparecimento de crianças com maior cobertura mediática no nosso país.

No *caso Rui Pedro* foram obtidos 71 resultados na pesquisa, tendo como referências temporais o seu início em maio de 2007 e fim em maio de 2013.

Na edição do *Correio da Manhã online* sobre o caso *Maddie* foram obtidos 272 resultados na pesquisa, tendo como data de início maio de 2007 até maio de 2013. E sobre o caso *Rui Pedro* foram obtidos 150 resultados, tendo como data de início fevereiro de 2003 e fim maio de 2013.

Ao todo, após a seleção operada, o *corpus* constituído por artigos analisados neste trabalho consiste em 24 notícias, como podemos visualizar no quadro 10:

Jornais Diários→ Notícias ↓	<i>Correio da Manhã</i> (CM)	<i>Jornal de Notícias</i> (JN)
<i>Caso Maddie</i>	6	6
<i>Caso Rui Pedro</i>	6	6

Quadro 10- Número de notícias constituintes do *corpus*

Foram escolhidos o *Correio da Manhã* e *Jornal de Notícias* pelo facto de serem dois jornais diários de circulação nacional que apresentam princípios e métodos editoriais assaz distintos. O *Jornal de Notícias*, por representar um diário de referência centrado “num polo mais intelectual que marca uma postura de distanciamento entre aquele que escreve e o leitor”⁸. O *Correio da Manhã*, por representar um pendor “mais sensacionalista, mais centrado no popular”⁹, oferecendo aos seus leitores os detalhes dos eventos suscetíveis de motivar a leitura de um público de classe média baixa.

A escolha dos casos *Maddie* e *Rui Pedro* teve em conta a forte carga mediática que ambos os casos tiveram, uma vez que, o desaparecimento de crianças continua a ser dos temas de maior envolvência do público. Não se trata porém de uma escolha meramente orientada pelos aspetos quantitativos; na verdade, na reação interessada do público leitor está implicada uma definição precisa de uma linha editorial e também o posicionamento do próprio jornalista.

Este agente, laborando num espaço de tempo comprimido e com uma definição editorial particular que pode ir numa direção distinta da sua própria e um público ávido

⁸ Vi Congresso Português de Sociologia – Mediatização da investigação criminal no Caso Maddie – entre a ficção e a realidade. Filipe Santos e Helena Machado.

⁹ Idem

de noticiário atualizado, procede às suas escolhas linguísticas num ambiente tenso a que não é alheia a delicadeza do assunto.

Este tipo de tensão institucional e retórica interessa particularmente a uma investigação desta natureza, já que procura estar muito próximo da produção textual.

A seleção dos textos teve em conta o alto grau de probabilidade que este tipo de documentos tem de ser usado em aulas de PLE. O seu interesse pedagógico, para além de estar ligado ao facto de se referir a acontecimentos de importância, tem um grande impacto motivacional no aprendente, designadamente a partir do nível B1.

1.1. Recolha e tratamento de dados

A recolha dos dados para a realização desta dissertação foi feita a partir das edições *online* do *Correio da Manhã* e do *Jornal de Notícias* desde o mês de maio do ano 2013. Numa fase inicial a investigação revelou uma grande quantidade informativa, uma dispersão ao nível das notícias e pouca sistematização em dossiês disponíveis para o público leitor. Apesar de recorrer ao meio mais universal como a internet, a recolha dos dados foi por vezes dificultada pela indisponibilidade para consulta *online* de algumas notícias.

De forma a reduzir o escopo, esta pesquisa centrou-se em dois momentos fundamentais para ambos os casos:

- i) Notícias centradas no momento do desaparecimento;
- ii) Notícias centradas na atribuição de culpados (ou divulgação de pistas esclarecedoras).

A primeira etapa para a constituição do *corpus* foi a pesquisa das notícias relativamente ao desaparecimento de Maddie Mccann e Rui Pedro, desde o momento (data de desaparecimento/dia/ano) até ao ano 2013.

Este período foi estabelecido como parâmetro, uma vez que já tinha sido previamente decidido que a investigação se iria centrar em potenciais documentos que poderiam constituir um leque de produções textuais que motivariam o conhecimento do público leitor e dos aprendentes que se deparam com este tipo de textos.

Após recolha das notícias foi realizada a seleção dos textos mais relevantes tendo em vista o objetivo deste estudo, considerando as primeiras notícias que dão conta do momento do desaparecimento e as primeiras que dão conta das pistas para a atribuição de culpados ou arguidos em ambos os casos, nos dois jornais escolhidos, considerando os títulos das notícias referidas.

Numa terceira fase este estudo realiza a categorização das escolhas linguísticas presentes em ambos os casos, através da identificação dos enunciados com insistência avaliativa, de modo a determinar comportamentos discursivos dissemelhantes.

No tratamento dos dados são as categorias avaliativas que predominam em ambos e é estabelecida uma comparação racional entre o tratamento do mesmo caso no *Correio da Manhã* e no *Jornal de Notícias*. Nos procedimentos analíticos são considerados os tratamentos dos títulos das notícias escolhidas para a constituição do *corpus*.

1.2. O Caso Maddie - Sinopse factual

A praia da Luz no Algarve foi o cenário escolhido para umas férias com toda a tranquilidade para a família Mcann. Um casal inglês (Gerry e Kate Mcann), acompanhados pelos seus três filhos (Madeleine, 3 anos, Sean e Amelie, 2 anos) deslocaram-se ao Resort Ocean Club para desfrutar de bons momentos em família.

Dia 3 de Maio do ano 2007 veio a revelar-se o dia fatídico; já passava das 22h quando Kate decidiu confirmar como estavam os filhos, dado que teriam ficado a dormir no quarto enquanto os pais tinham ido jantar com um casal amigo no restaurante do hotel, mas terá encontrado a cama de Maddie (como é carinhosamente tratada) vazia, os estores e a janela do quarto abertos.

É então que soa o alarme e a GNR toma conta das ocorrências até à chegada da PJ, e por volta da meia-noite Madeleine é dada como desaparecida.

No dia seguinte, já os *media* portugueses e estrangeiros tinham ocupado todo o espaço circundante ao complexo turístico do Ocean Club, enquanto o casal decide lançar, através da estação de televisão inglesa Sky News, um apelo ao possível raptor da sua filha.

A tese de que a criança tinha sido raptada tomou grandes proporções e foi seguida pela PJ e investigadores, tanto portugueses como estrangeiros.

No dia 6 de maio, três dias após o desaparecimento da criança, a PJ admitiu terem identificado um suspeito e considerou que a menina poderia estar viva e ainda naquela área, iniciando novas buscas com cães treinados que farejaram todo o complexo e arredores mas sem qualquer efeito, uma vez que dia 8 a polícia acaba por revelar que nada saberia sobre o paradeiro da menina.

Robert Murat, cidadão britânico que residia à época na praia da Luz é constituído arguido a 14 de maio de 2007, declarando que fizeram dele um bode expiatório por algo que não terá feito.

Em Agosto de 2007, após vários meses de campanha efetuada pelos pais da criança, surgem na imprensa portuguesa novos desenvolvimentos sobre a investigação criminal que marcam um rumo oposto ao que até então considerado. É considerada a possibilidade de envolvimento dos Mcann no desaparecimento da própria filha.

São realizadas novas buscas na casa de Robert Murat, com a ajuda de dois cães vindos de Inglaterra, especializados em detetar odor a cadáver e sangue mas nada foi encontrado. Os mesmos cães iniciam as buscas do apartamento do casal Mcann, onde aí encontram vestígios. O carro usado pela família inglesa também é alvo de buscas onde são detetados vestígios de matéria orgânica.

Começaram a surgir, então, nos media, notícias que deram conta do possível envolvimento do casal Mcann no desaparecimento da filha Maddie, sendo especulada a razão pela qual foram encontrados vestígios e odor a cadáver compatível com ADN da pequena Maddie no carro alugado 25 dias depois do desaparecimento da menina.

Os vestígios recolhidos são enviados para um laboratório inglês mas os resultados tardaram em chegar, alegando atrasos devido à complexidade das análises, razão que fez a especulação sobre este envolvimento aumentar ainda mais.

O dia 7 de setembro marca o caso, uma vez que após o interrogatório da PJ e por decisão do Ministério Público, o casal Mcann é constituído arguido pela suspeita de homicídio accidental por excesso de medicação calmante e ocultação de cadáver. De uma forma inesperada, dois dias após a constituição dos pais como arguidos, o casal volta para Inglaterra com os dois filhos e sempre manifestando a vontade de continuar à procura da pequena Maddie.

A ida do casal para o seu país fez de alguma forma esfriar o caso, quando já muitos populares especulavam, numa certeza óbvia, que seriam os pais os culpados pela morte da criança. Seguiram-se notícias sobre a possibilidade de novas diligências e

interrogatórios em Inglaterra, mas mais uma vez os resultados dos exames feitos pelo laboratório britânico tardaram em chegar.

Este marca passo manteve-se até dezembro de 2007 uma vez que tardavam em surgir novos desenvolvimentos sobre o caso. Volta-se a falar sobre o assunto quando, em outubro do mesmo ano Gonçalo Amaral, coordenador da investigação, resolve pedir a demissão, levando a mais uma “explosão” de polémica neste caso tão mediático. As relações entre a polícia portuguesa e inglesa estavam, a esta altura, muito complicadas porque o ex-inspetor, após a sua demissão, veio a público criticar a atuação da polícia inglesa. Em suma, Gonçalo Amaral é “afastado” sendo substituído por Paulo Rebelo.

O caso arrasta-se em praça pública mas a falta de notícias no início de 2008 fez com que a cobertura mediática acalmasse e só voltasse às primeiras páginas quando, finalmente, os resultados dos exames indicaram a probabilidade de o sangue encontrado no quarto e no carro ser da pequena Maddie, embora se viessem a revelar provas pouco consistentes para levar o caso para tribunal. Durante os primeiros meses de 2008 a investigação e interrogatórios fica a cargo da polícia inglesa.

As notícias sobre o caso tiveram o seu abrandamento em março de 2008 quando o casal McCann decidiu ameaçar os *media* com processos, conseguindo ainda indemnizações de alguns jornais ingleses, tal não se veio a verificar em Portugal.

Voltam a ter espaço na imprensa portuguesa quando em Abril surge a notícia sobre a possibilidade do casal voltar para a reconstituição do crime mas o casal confronta a PJ, garantindo que só estariam presentes se a reconstituição seguisse a tese de rapto.

O caso do desaparecimento da pequena Maddie McCann é arquivado a 21 de julho por falta de provas, no entanto existe sempre a possibilidade de abertura do caso caso surjam novos elementos de prova; assim o decidiu a Procuradoria-Geral da República.

Embora já muita tinta tenha corrido pela imprensa de todo o mundo, o caso Maddie não ficou, de todo, resolvido e resta em cada um de nós uma pontinha de certeza acerca do envolvimento dos pais neste “rapto”.

Apesar de várias notícias que foram, ao longo destes anos, fazendo a primeira página, a realidade é que ainda hoje os pais mantêm a esperança e lançam apelos constantes para voltar a ver a pequena Madeleine McCann.

Já no decorrer desta investigação o caso foi reaberto, alegadamente pelo aparecimento de novos dados que relançaram novas pistas na procura de um raptor.

1.3. O caso Rui Pedro - sinopse factual

Rui Pedro desapareceu no dia 4 de março de 1998 de Lousada, terra onde vivia. Tinha 11 anos. Era quarta-feira e após ter saído das aulas passou pela escola de condução do avô onde a mãe trabalhava e pediu-lhe para ir passear com Afonso Dias naquela tarde. A mãe negou-lhe o pedido e até hoje não voltou a ver o filho.

Nessa tarde, Rui Pedro teria explicação marcada e como aluno regular que era surpreendeu a mãe ao saber pelo explicador que ele teria faltado à explicação. Algo não estava bem, e nessa mesma noite, Filomena Teixeira contactou as autoridades e juntamente com a povoação de Lousada, começaram as buscas para saber da jovem criança.

Patrulhas da GNR feitas com cães pisteiros procuraram o jovem reconstituindo caminhos e locais que eram habitualmente rotina de Rui Pedro mas sem sucesso.

No dia 5 de março a PJ inicia as investigações sobre o desaparecimento, sem nunca determinar qualquer suspeito, revelando apenas como prioridade encontrar o menor.

Nas primeiras horas após o desaparecimento, um primo de Rui Pedro revelou às autoridades que o jovem tinha sido convidado por Afonso Dias para ir às prostitutas, versão que coincide com a de uma vizinha que afirma ter visto o menor à conversa com Afonso naquela tarde.

Afonso Dias era, à época, um jovem de 21 anos que vivia de favores e recados na pequena terra de Lousada e ainda hoje Filomena Teixeira (mãe de Rui) afirma que Afonso saberia muito mais do que aquilo que contou às autoridades. Afonso, porém, negou ter estado com Rui Pedro no dia do seu desaparecimento.

Seis meses após o desaparecimento, a revista *Caras* publica uma foto tirada na Euro Disney de Nuno Rogério e da mulher, onde se consegue ver outro casal com uma criança menor muito parecida com Rui Pedro. Filomena Teixeira vem, mais uma vez, a público afirmar que se tratava do filho. A pista, no entanto, não foi seguida até ao fim, tendo o mesmo acontecido às pistas dadas pelo primo André Mendonça e pela vizinha da criança. Após o aparecimento desta fotografia, a possibilidade de pedofilia veio a fazer parte deste caso.

No ano de 2004, a segunda brigada da PJ retoma a investigação do desaparecimento fazendo a reconstituição dos factos.

Passaram-se 13 anos, quando a 26 de fevereiro de 2011 Afonso Dias (principal suspeito) é finalmente acusado do crime de rapto agravado, deixando a certeza de que Afonso teria combinado mesmo a tal ida às prostitutas, tendo sido ele a última pessoa a ver Rui Pedro.

Dia 17 de novembro é o dia em que Afonso Dias começa a ser julgado no Tribunal de Lousada, julgamento que fica marcado pelo forte depoimento da prostituta que afirma ter estado com o menino naquele dia, garantindo que Rui Pedro tinha sido levado pelo arguido (Afonso Dias).

Prosseguem algumas investigações no sentido da reconstituição de factos para se apurar qual o envolvimento de todos os intervenientes no julgamento e a 14 de dezembro dois investigadores vêm a tribunal afirmar que a pista sobre ida às prostitutas não foi seguida até ao fim porque as informações que a prostituta tinha dado à PJ não teriam qualquer crédito.

Janeiro de 2012 é o mês que marca a data das alegações finais sobre o julgamento do caso Rui Pedro. O Ministério Público pede uma pena superior a sete anos para Afonso Dias enquanto o advogado do mesmo pede a absolvição do arguido por não ter sido provado nenhum crime.

A 27 de janeiro de 2012, Afonso Dias é absolvido pelo Tribunal de Lousada devido à falta de provas.

Rui Pedro é, talvez, o jovem português desaparecido mais conhecido além-fronteiras devido aos sucessivos apelos de Filomena Teixeira. Rui Pedro terá hoje 26 anos.

2. Ética e Deveres de um jornalista

2.1. Código deontológico

Tal como foi referido no início do presente capítulo, esta parte será dedicada à apreciação sucinta do código deontológico dos jornalistas de modo a estabelecer, após a análise das notícias integrantes do *corpus*, uma confrontação entre o que é escrito e a forma como deveria ser escrito.

Os jornalistas investem na procura do inusitado que faz notícia, que provoca curiosidade e vende jornais. Interessa, pois, captar a atenção do leitor destacando os aspetos mais inusitados e os factos mais improváveis.

Falar de deontologia é falar sobre os direitos e deveres dos jornalistas tendo como prioridade a questão da qualidade e a melhor informação e competência dos jornalistas. Este código que refere os deveres também protege os demais assim como o público.

O jornalista tem o dever de consciencializar o público da verdade com rigor, transparência, isenção e justiça. Os factos que revela devem ser comprovados tendo em conta que possam existir vários intervenientes na história. Deve deixar bem clara e explícita a distinção entre uma notícia e um texto de opinião.

Tem ainda o dever de combater a censura, o sensacionalismo e as restrições no acesso a fontes de informação, tendo em conta que lhes é reservado o direito a não revelarem as suas fontes. No caso das fontes de informação serem confidenciais não se devem considerar protegidas por causa da subjetividade.

O direito de informar prevalece e, assim sendo, qualquer limitação da liberdade de expressão é uma barreira a este direito contra a qual devem lutar.

O jornalista não pode, nem deve, transferir para terceiros a responsabilidade daquilo que escreve e publica.

Faz parte dos seus deveres salvaguardar a inocência dos arguidos e ou culpados até que os mesmos sejam culpados, respeitando a velha máxima de que todos são inocentes até que se prove o contrário. Posto isto, também nunca deverá identificar, direta ou indiretamente, as vítimas de abusos sexuais ou delinquentes menores de idade e deve rejeitar qualquer tratamento discriminatório a todos os níveis.

Por fim, o jornalista deverá respeitar a privacidade de todos os cidadãos, salvo nos casos em que a conduta da pessoa em questão ponha em causa os valores morais e sociais que o próprio defende e nunca deverá usar a sua posição profissional para publicar assuntos sobre os quais tenha algum interesse.¹⁰

2.2. O segredo de justiça

Em casos de desaparecimentos o fator “crime” revela-se como matéria apelativa no resgate da atenção do público.

Para terminar esta breve referência acerca da ética e deveres dos jornalistas, falta ainda abordar a questão sobre o segredo de justiça.

O respeito pelo segredo de justiça é reforçado pela imposição do sigilo profissional, apresentado no ponto anterior, relativamente à proteção das fontes de informação. Partindo desta noção, a prestação de esclarecimentos deve ser feita pelas autoridades sem que tal não prejudique o desenvolvimento da investigação.

O que acontece frequentemente como norma jornalística é precisamente a violação do segredo de justiça, uma vez que no caso da notícia há um consumo rápido, ou seja, a necessidade de informar o leitor quase ao minuto torna o processo muito mais rápido comparado com a questão da justiça que se revela em todos os casos mais lenta.

Os assuntos relacionados com o crime tratam da maior fonte de audiência para os *media* e quando o crime envolve personalidades conhecidas do grande público, o campo da informação parece não ter limites e a necessidade de haver uma violação desta norma torna-se cada vez mais uma questão de sobrevivência no meio.

Nos casos trazidos para esta análise tende a haver um certo cuidado na questão judicial, embora mais patente no caso *Maddie*, uma vez que são “revelados” alguns interesses políticos que vêm ensombrar a investigação de um possível desaparecimento e “abafar” vozes que talvez tivessem algo mais a dizer.

O caso *Rui Pedro* é marcado por um longo e penoso processo judicial em que mais uma vez a lentidão da justiça em Portugal revela ser o maior obstáculo deste caso, tendo em conta que só após 13 anos do desaparecimento da criança é que é constituído arguido o principal suspeito do caso desde o dia em que o jovem é dado como desaparecido.

¹⁰ http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/29-codigo-d.html [consultado em 11-09-2013]

2.3. Considerações gerais

“O jornalista, para não ser como o comerciante desonesto, deve usar sempre o mesmo metro, evitar as designações pejorativas; as generalizações de grupos étnicos, religiosos, profissionais ou outros; formular as suas perguntas de forma neutra, e usar da mesma neutralidade na revelação dos factos”

(Anabela Gradim, 2000)¹¹

As considerações feitas nos dois pontos anteriores referem-se a domínios que estão a montante das preocupações deste trabalho. Porém elas informam referências que nunca deixam de ter importância no momento em que o jornalista procede às suas escolhas discursivas, sendo nesta medida parte integrante deste trabalho.

Na perspetiva do uso destes textos para fins didáticos importa fornecer aos alunos informações desta natureza, de modo a que não surjam pontas soltas e incompreensões no confronto com o produto da escrita. É importante desvendar com os alunos um texto cuja linguagem deve ser clara, objetiva e concisa e onde se devem utilizar frases curtas, preferencialmente expondo cada ideia em cada frase, embora tendo em atenção ao encadeamento lógico das ideias expostas. Uma escrita em que as palavras também devem ser curtas, de modo a veicular informação sem perder o conteúdo informativo.

Quanto ao vocabulário, deve ser rico e preciso para o jornalista escrever com ritmo, imaginação e originalidade sem nunca perder o sentido de simplicidade. A adjetivação e os verbos fazem parte da escrita jornalística e a sua importância deve aqui ser referida. Os advérbios e adjetivos são, regra geral, dispensáveis da notícia, uma vez que não se devem alongar descrições neste género jornalístico. Quanto aos verbos, deve predominar o uso do presente do indicativo e por vezes o pretérito.

Todas estas questões linguísticas têm o seu contributo para a análise das escolhas linguísticas que será feita ao longo do próximo capítulo; embora não se tratando da principal ferramenta, não deixam de fazer parte dos inúmeros recursos lexicogramáticos que devem ser tomados em conta na análise de qualquer notícia.

¹¹ <http://bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-5.html> [consultado em 11-09-2013]

Capítulo III- Apresentação dos dados

1. Apresentação e tratamento dos dados

Partindo da exposição da metodologia feita no capítulo anterior, enunciamos a parte destinada à apresentação dos dados que fazem parte do *corpus* desta dissertação. Recuperando a ideia exposta na introdução, o objetivo deste trabalho consiste em revelar os aspectos interpessoais registrados num conjunto de textos jornalísticos, nomeadamente a notícia, para poder contribuir para um melhor entendimento da gênese deste tipo de textos e confrontar com a forma como os jornalistas deveriam informar e com as escolhas linguísticas que realizam. Determinar os comportamentos discursivos neste tipo de textos releva-se num trabalho de extrema importância para ajudar os alunos de PLE, uma vez que todas as informações sobre os textos usados em aula deverão contribuir para uma melhor aprendizagem.

Para cumprir com o objetivo proposto destacar-se-á, como referência de análise, as sequências linguísticas produzidas pelos jornalistas nos momentos estabelecidos como padrão para a pesquisa das notícias. As mesmas sequências ajudar-nos-ão a identificar de uma forma clara as escolhas linguísticas e interpessoais dos jornalistas em causa. Na tabela seguinte será exposta a representação da organização dos dados do respetivo *corpus*. A análise terá, como já foi referido, a sua base nas sequências textuais que foram produzidas em determinados momentos de ambos os casos – o momento do desaparecimento e atribuição e/ou constituição dos arguidos, a seguir identificar-se-á as categorias avaliativas, as subcategorias e quais os elementos/recursos linguísticos que contribuíram para a categorização das sequências textuais através dos quais se expressa os valores da Avaliatividade. A referência ao alvo permite perceber quais os elementos avaliados.

<u>Momento da notícia</u>	<u>Sequência Textual</u>	<u>Categoria avaliativa</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Recursos linguísticos</u>	<u>Alvo</u>
Atribuição de culpa	“O <u>longo</u> e <u>penoso</u> processo judicial”	Atitude/ Julgamento neg.	Estima Social Capacidade	Epítetos	O processo judicial

Tabela 1- Exemplo da organização dos dados do *corpus*

2. Análise dos comportamentos linguísticos no *Caso Maddie*

2.1. *Correio da Manhã* VS *Jornal de Notícias*

Relativamente ao *Caso Maddie* foram selecionados os excertos que possuem um potencial avaliativo e que, desta forma, põem em evidência a abordagem jornalística que deixa transparecer, nos casos apresentados, uma quebra com as regras determinadas pelo código deontológico.

No *Correio da Manhã*, jornal diário de circulação nacional, foram selecionados entre as notícias constituintes do *corpus*, 24 excertos que foram classificados e categorizados tendo em conta a Teoria da Avaliatividade, ferramenta essencial para a análise deste trabalho. No *Jornal de Notícias*, jornal diário que prima pelo rigor e isenção dos jornalistas, foram selecionadas 11 ocorrências.

Tal diferença apresentada pelo número de excertos relevantes para a análise começa por indiciar uma maior ocorrência das categorias avaliativas pelo CM, ou seja, sendo o *corpus* constituído pelo mesmo número de notícias em ambos os casos e ambos os jornais, o comportamento discursivo dos jornalistas é quantitativamente distinto em ambos os jornais. Esta maior ocorrência de recursos da Avaliatividade no CM pode indiciar uma defesa de uma tese particular, procurando que o leitor não tenha espaço nesta troca de comunicação para ter as suas ideias, a sua interpretação; pode indiciar também uma preocupação em adornar a notícia com elementos de atração à própria leitura.

O *Caso Maddie* foi marcado por vários avanços e recuos na investigação mas o despoletar da revolta popular portuguesa dá-se quando os pais da pequena Madeleine são constituídos arguidos. Os dados sobre o caso são inicialmente muito escassos e no momento do desaparecimento os *media* portugueses muniram-se das informações transmitidas ou reveladas pelos jornais britânicos, de onde é originária a família da criança desaparecida. À data da constituição dos progenitores enquanto arguidos, os jornalistas tentaram a todo o custo a busca pela veracidade de tais informações, fazendo assim com que quebrassem as barreiras que deveriam manter na sua atividade profissional. Alguns editores deixaram até transparecer um certo apoio à tese de que a menina teria sido morta pelos pais e tal tese chega até nós enquanto notícia de interesse nacional, mesmo quando a mesma representa, em determinados casos, um artigo de opinião.

O *Correio da Manhã* é o melhor exemplo das observações que acabei de referir, apostando na tese de uma possível morte de Maddie pelas mãos dos progenitores e levando-a até ao fim, ultrapassando as barreiras do rigor jornalístico e fazendo transparecer os julgamentos que condenaram em praça pública Kate e Gerry Mccann.

Foram definidos, no segundo capítulo, os momentos em que esta investigação se baseou e importa referir que grande alteração dos comportamentos linguísticos adotados foi revelada precisamente na transição de um momento para o outro, ou seja, os jornalistas revelam no seu texto a maior alteração de comportamento linguístico quando deixamos de ter notícias baseadas em informações escassas, maioritariamente de jornais estrangeiros e passamos a ter notícias que nos dão resultados de análises e que comprovam a tese adotada pelo jornal, jornalista ou editor.

Relativamente aos excertos considerados mais relevantes e com maior potencial avaliativo, o *Correio da Manhã* revelou a predominância da categoria da Atitude com 13 ocorrências que representam uma percentagem de 46%. Dentro das categorias atitudinais, a Apreciação é a categoria mais utilizada embora o Afeto e o Julgamento também estejam presentes. Os recursos do Comprometimento representam 43% sendo que, é maioritariamente utilizado o Endosso, na medida em que o jornalista procura manter distancia do que escreve e publica, seja esta distância real ou apenas discursiva. Quanto à Graduação, as suas ocorrências representam 11% da totalidade. Estes dados quantitativos globais podem não representar uma marca contrastiva relevante mas sustentam as interpretações que uma análise mais fina fornece.

No *Jornal de Notícias* predomina a categoria do Comprometimento 47%, sendo maioritariamente utilizado o Endosso tal como no *Correio da Manhã*. As categorias atitudinais são pouco frequentes nas sequências textuais com potencial avaliativo, uma vez que representam apenas 20%. A Graduação ocorre no JN numa percentagem relativamente maior ao CM, 33% mas sempre simultaneamente com outras categorias.

Os alvos sobre os quais recaem as categorias atitudinais são, maioritariamente em ambos os jornais, o processo judicial, as intuições judiciais e o casal Mccann.

Categorias Avaliativas	C.M		J.N	
	Ocorrências	Percentagem	Ocorrências	Percentagem
Atitude	13	46%	3	20%
Comprometimento	12	43%	7	47%
Graduação	3	11%	5	33%
Total de ocorrências	28	100%	15	100%

2.2. Os recursos da Avaliatividade no *Caso Maddie*

2.2.1. *Correio da Manhã*

a) Atitude

A Atitude é o recurso da Avaliatividade mais usado no *Correio da Manhã* representando 46% da totalidade de ocorrências analisadas. A subcategoria predominante é a Apreciação 77% seguido do Julgamento 15% e por último o Afeto com 8%. Todas as apreciações usadas pelos jornalistas têm polaridade negativa e recaem quase sempre sobre os mesmos alvos, o processo ou procedimento judicial, as autoridades portuguesas e estrangeiras, sendo que nem o governo português escapa à ânsia jornalística.

A Apreciação é uma das subcategorias da Atitude e tal permite, ao falante ou escritor, avaliar o valor semiótico das coisas do mundo, o valor mas de ordem estética, pois consiste em avaliações que se prendem com a forma, a aparência ou impacto estético de objetos ou identidades. A Apreciação pode ser positiva ou negativa embora todos os excertos considerados tenham manifestado Apreciações negativas que recaem sobre os seguintes alvos: processo e procedimento judicial, governo português e autoridades judiciais. A Apreciação subdivide-se em Reação e Composição como se pode observar nos exemplos seguintes:

xiv) “Estes factos em qualquer outro processo qualquer outro processo, não só dão para constituir arguidos como para defender a prisão preventiva.”

xv) “Dão para tanto em qualquer outro processo, mas este não é um caso normal.”

xvi) “Tem uma envolvência diplomática óbvia, gerou uma incomodidade política evidente.”

xvii) “E a precipitação está precisamente aí.”

¹² Tendo em conta que são considerados como totalidade o número de ocorrências das categorias avaliativas e não a totalidade de notícias constituintes do *corpus*.

xviii) “O que se passa agora é simples e está muito para lá da procura da verdade entre um rapto e qualquer outro tipo de crime.”

xix) “Todos já perceberam que é muito mais confortável que a investigação se centre na busca universal de um raptor imaginário.”

xx) “É estrondosamente óbvio que já só estamos perante uma grande operação de controlo de estragos.”

xxi) “O Governo não quer chamuscar-se neste fogo.”

Dos excertos considerados, a maioria tem a subcategoria Composição Complexidade, uma vez que o jornalista tece apreciações que se prendem com a complexidade do processo como se observa nos exemplos xv), xvi), xvii), xviii) e xix). Através de processos relacionais que servem para caracterizar e identificar com a utilização dos verbos “ser” e “estar” e através de processos relacionais possessivos com a presença do verbo ter. No caso do exemplo xix) em que temos a presença do verbo “perceber” estamos perante um processo mental.

Os exemplos xx) e xxi) foram analisados como Apreciações de Reação Qualidade, uma vez que aquilo que está em causa é a atitude do Governo português em todo o caso. O jornalista expressa o seu desagrado com a falta de reação por parte do governo, tecendo assim nas suas apreciações negativas um culpado que contribuiu para o caso ter chegado ao ponto que chegou sem terem sido tomadas medidas ou novos rumos na investigação

Os exemplos ainda não referidos xiv) e xvi) apresentam Apreciações de Reação/Impacto e prendem-se com o impacto emocional que os factos apresentados causam no leitor. O próprio jornalista deixa claro que tal forma de tratamento do *Caso Maddie* causou incomodidade a toda agente e a todos os níveis. Estas reações ao impacto causado foram manifestadas através de recursos de negação e processos materiais como o verbo “gerar”.

Os exemplos que se seguem merecem ser analisados de uma forma mais individualizada; no primeiro caso, o jornalista faz uma Apreciação negativa mas com um Julgamento implícito de Sanção Social; através de um processo mental e uma

circunstância de modo, o jornalista julga veemente as instituições judiciárias afirmando que após a sua incompetência querem passar despercebidas no desfecho do caso. Esta crítica é socialmente aceita, uma vez que se condena sempre quem não paga pelos erros cometidos

xxii) “as cúpulas judiciárias querem sair airosamente do caso”

xxiii) “os “mexilhões” da história, investigadores da PJ e imprensa vão ser os culpados de cruxificar os pais (...)”

Neste segundo exemplo, temos uma Apreciação de Valor social que põe em causa a validade de todas as provas apresentadas. Recorre-se à metáfora para, de uma forma que se pode considerar irónica, culpabilizar investigadores e imprensa por um crime que, desde cedo, o jornal defende ter sido cometido pelos pais da criança.

As subcategorias do Afeto e do Julgamento também estão presentes embora em menor percentagem através dos seguintes excertos considerados:

vii) “A crónica assinada pela escritora no ‘London Review of Books’ descreve o quanto Anne detesta Gerry e Kate”

viii) “Não gostei dos Mccann antes de toda a gente- e não me orgulho disso. Pensava que não gostava deles por terem deixado os três filhos sozinhos, mas afinal, era ao não aceitarem que a filha provavelmente morreu. Queria que eles gritassem e chorassem- sou a primeira a não perceber porque é que ela não chora.”- Anne Enright

x) “e termina, com ironia, ao dizer que se deita e no dia a seguir acorda...”

Os alvos dos excertos referidos foram o casal Mccann e o seu comportamento em todo o caso desde o desaparecimento da criança. Quando recorre à voz externa de Anne Enright, o jornalista usa o Afeto com polaridade fortemente negativa para exprimir explicitamente, através de um processo mental (verbo “detestar”), a Insatisfação/Desprazer que sente pelo casal Mccann (ex. vii). Em rigor jornalístico deve evitar-se toda e qualquer manifestação do afeto, mantendo sempre um certo distanciamento usando léxico mais neutro.

Nos dois últimos excertos, viii) e x), o jornalista faz dois Julgamentos negativos de Sanção Social para mais uma vez reforçar a conduta ou a falta dela pelo casal pai da criança desaparecida.

b) Comprometimento

O Comprometimento está presente no *Correio da Manhã* (43%), sendo o Endosso a subcategoria preferencial dos jornalistas. Pode questionar-se o facto de nem sempre o Endosso servir o propósito de trazer uma voz externa para cunhar uma opinião editorial ou do jornalista; na verdade, há ocorrências que se destinam a atestar factos, designadamente quando o jornalista opta por usar um formato próximo da reportagem. A maioria dos recursos, todavia analisados, o contexto e o co-texto, conclui-se servirem para acentuar um pré-conceito editorial. Com efeito, como já anteriormente foi descrito, a categoria do Comprometimento fornece-nos os meios que nos permitem, enquanto leitores ou escritores, abrir ou fechar o espaço dialógico na interação. Esta categoria é utilizada pelos jornalistas de forma a marcar a sua posição ou contrariamente deixar entrar as vozes externas ao discurso, abrindo assim o espaço ao “diálogo”.

O Comprometimento está dividido em Contração e Expansão Dialógica, sendo que entre as sequências analisadas a maioria têm a subcategoria Endosso que se “insere” na Contração Dialógica em que o jornalista (escritor) assume uma posição de desacordo a uma posição contrária, fechando assim o espaço ao diálogo a novas posições ou vozes alternativas à sua.

No *Correio da Manhã* os jornalistas optam por trazer ao seu texto vozes externas, mas que no fundo não passam nada mais nada menos do que vozes que vêm comprovar e reforçar a tese defendida pelo jornalista. Desta forma, usam o Endosso para se distanciar do seu texto mas não totalmente. Como se pode observar nos exemplos seguintes:

i) “Segundo a edição online da ‘Skynews’...”

ii) “uma amiga da família revelou ao jornal britânico...”

iv) “A ‘Skynews’ refere...”

v) "A vencedora do mais prestigiado galardão da literatura inglesa, assina um artigo de opinião onde diz que a sua família "não gostou dos Mccann" desde o início do caso".

vi) "Em agosto, a súbita convicção de que os Mccann eram culpados arrebatou as nossas férias-faz muito mais sentido do que terem deixado as crianças sozinhas", acredita a irlandesa Anne Enright.

viii) "Não gostei dos Mccann antes de toda a gente- e não me orgulho disso. Pensava que não gostava deles por terem deixado os três filhos sozinhos, mas afinal, era ao não aceitarem que a filha provavelmente morreu. Queria que eles gritassem e chorassem-sou a primeira a não perceber porque é que ela não chora."- Anne Enright

ix) "Em relação à noite do crime, Anne acredita que "eles nunca vão querer falar".

x) "e termina, com ironia, ao dizer que se deita e no dia a seguir acorda..."

xi) "São 38,6 por cento os portugueses, que actualmente, acreditam ter sido os pais de Maddie, a fazer desaparecer o corpo da filha, segundo uma sondagem da Aximge para o Correio da Manhã"

Nos exemplos acima apresentados i) e iv) os jornalistas do *Correio da Manhã* recorrem assim a vozes externas, como por exemplo a Skynews (jornal inglês) para dar conta das notícias centradas no momento do desaparecimento e através de fórmulas dialógicas e processos verbais como os verbos "dizer" e "revelar" apresentam ao seu leitor as suas notícias, revelando sempre um certo distanciamento que pode ser justificado pela falta de dados jornalísticos à data do desaparecimento da criança. Da mesma forma que usam os jornais ingleses como pioneiros das notícias sobre o caso, referem-se às testemunhas do caso interrogadas na noite do desaparecimento (exemplos ii) e iii), usando uma dessas vozes para descortinar o possível rapto; através da Modalização Epistémica mostra-se ao leitor a incerteza deixada por alguns indícios que nos levaram, enquanto leitores, a duvidar deste rapto imaginário como os próprios o intitulam, por exemplo o facto de a porta ter sido *aparentemente* forçada. Este recurso ao advérbio modal joga com a certeza ou incerteza da frase e parece ser relevante tendo em conta a totalidade das notícias do *corpus*, uma vez que é usado de uma forma

consciente e com a intenção de deixar o leitor permanecer na dúvida sobre a razão deste possível rapto.

Já o caso era dado como possível crime de rapto de menores e os mesmos jornalistas, que à partida se distanciaram, voltam a recorrer a vozes externas para apresentar os indícios que foram sendo revelados como provas. Tais indícios começam a ser apresentados pela voz de uma prestigiada escritora britânica Anne Enright que revela, desde o início do caso Maddie, uma antipatia com os pais da menina. Ironicamente sempre referida a mesma escritora reforçando sempre o facto dos pais da criança nunca terem tido uma atitude que qualquer pai teria, como por exemplo o facto da mãe de Madeleine não chorar. Os exemplos v), vi), viii), ix) e x) efetivam o que acabei de referir anteriormente. O jornalista desta notícia faz uso de palavras da escritora para mostrar e reforçar a ideia defendida pelo editor e até mesmo pelo próprio. Através de processos mentais, como exemplo a utilização do verbo “acreditar” e processos verbais com a utilização do verbo “dizer”, o comportamento discursivo do jornalista vai-se alterando à medida que o caso avança e as provas começam a chegar com indícios de atribuição de culpa aos pais da criança.

No exemplo xi) estamos perante uma notícia que se intitula “Portugueses acusam os Mccann” e todo o teor da mesma trata de uma sondagem para descortinar a percentagem de portugueses que demonstram a mesma antipatia revelada anteriormente pela voz da escritora britânica. O jornalista socorre-se de mais uma fórmula dialógica para informar o leitor que a maior percentagem vai para o número de portugueses que acreditam terem sido os pais os autores do crime, marcando assim nova fase na escrita jornalística em que passamos a ter notícias que atribuem com todas as letras a culpa aos pais da criança, ultrapassando assim a regra da isenção e rigor jornalístico tendo em conta que partindo do código deontológico, os factos devem ser comprovados e a salvaguarda dos culpados, mesmo sendo culpados, deve ser preservada.

Os restantes casos de Comprometimento presentes no caso Maddie são os exemplos xiii), xix) e xxiv).

xiii) “Os factos estão nos resultados (...) que colocam os fluídos de Maddie num local impossível.”

xix) “Todos já perceberam que é muito mais confortável que a investigação se centre na busca universal de um raptor imaginário”

xxiv) “e porventura, até de ter feito desaparecer a menina”

No primeiro caso, o uso do processo relacional exprimindo uma metáfora gramatical remete para “os resultados” supostamente erróneos de um relatório preliminar.

No segundo exemplo, o jornalista vem referir “todos nós já percebemos” confirmando assim a expectativa anteriormente defendida e reforçada ao longo de várias notícias, fechando assim o espaço dialógico para comprovar que tudo aquilo que tem vindo a noticiar é verdade e mais tarde ou mais cedo irá ser confirmado – Expectativa Confirmada.

Por fim, o último excerto escolhido sobre o caso Mccann deixa a dúvida no ar sobre os verdadeiros culpados deste caso; ironizando, o jornalista mostra ao seu leitor que provavelmente até os *media* poderão ter feito desaparecer a criança – Ponderação.

c) Graduação

A Graduação é o recuso avaliativo com menos representatividade nos excertos do *Correio da Manhã*, com 11% e coocorre em todos os casos com as restantes subcategorias atitudinais.

A Graduação serve para o falante ou escrevente poder intensificar ou não os significados produzidos pelos outros sistemas já referidos. Desta forma os recursos para a Graduação permitem ajustar o volume, aumentando ou diminuindo o valor das avaliações e divide-se em dois subsistemas: Força e Foco.

Todos os casos identificados e analisados referentes a este caso no CM são graduações de Força – Intensificação.

“Muito para lá”, “muito mais” e “grande operação” foram as ocorrências passíveis de graduação e tais exemplos consistem na utilização de quantificadores para intensificar, ou seja aumentar o valor conferido à proposição, como podemos observar nos seguintes exemplos:

xviii) “O que se passa agora é simples e está muito para lá da procura da verdade entre um rapto e qualquer outro tipo de crime”

xix) “Todos já perceberam que é muito mais confortável que a investigação se centre na busca universal de um raptor imaginário”

xx)“É estrondosamente óbvio que já só estamos perante uma grande operação de controlo de estragos”

Para uma melhor leitura e compreensão do que atrás ficou exposto, segue-se a análise dos dados tidos em conta, em tabela.

2.2.1.1 Análise dos dados

a) Correio da Manhã – Caso Maddie

<u>Momento da Notícia</u>	<u>Sequência Textual</u>	<u>Categoria Avaliativa</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Recursos Linguísticos</u>	<u>Alvo¹³</u>
Desaparecimento da criança	i) “ <u>Segundo a edição online da ‘Skynews’...</u> ”	Comprometimento Contração dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Fórmula Dialógica	
Desaparecimento da criança	ii) “ <u>uma amiga da família revelou ao jornal britânico...</u> ”	Comprometimento Contração dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Fórmula Dialógica	
Desaparecimento da criança	iii) “e a entrada, <u>aparentemente</u> , ter sido forçada.”	Modalização Epistémica	De incerteza	Advérbio modal	
Desaparecimento da criança	iv) “A ‘Skynews’ <u>refere...</u> ”	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	

¹³ A categoria Alvo está representada nas seguintes tabelas para ser preenchida quando as sequências textuais são categorizadas pelas subcategorias da Atitude.

Atribuição de culpa Vozes externas	v) "A vencedora do <u>mais prestigiado galardão da literatura inglesa</u> , assina um artigo de opinião onde diz que a sua família "não gostou dos Mccann" desde o início do caso".	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso		
Atribuição de culpa Vozes externas	vi) "Em agosto, a súbita convicção de que os Mcann eram culpados arrebatou as nossas férias-faz muito mais sentido do que terem deixado as crianças sozinhas", <u>acredita a irlandesa Anne Enright</u> .	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo Mental	
Atribuição de culpa Vozes externas	vii) "A crónica assinada pela escritora no 'London Review of Books' <u>descreve o quanto Anne detesta Gerry e Kate</u> "	Atitude Afeto Neg. Expl.	Insatisfação Desprazer	Verbo (processo mental) detestar	Os pais de Maddie Mcann
Atribuição de culpa Vozes externas	viii) "Não gostei dos <u>Mccann</u> antes de toda a gente- e não me orgulho	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso		

	disso. Pensava que não gostava deles por terem deixado os três filhos sozinhos, mas afinal, era ao não aceitarem que a filha provavelmente morreu. <u>Queria que eles gritassem e chorassem-sou a primeira a não perceber porque é que ela não chora.</u> ”- Anne Enright	Atitude Julgamento Neg. expl.	Sansão social Conduta ética	Processo mental	O comportamento do casal Mcann
Atribuição de culpa Vozes externas	ix)”Em relação à noite do crime, <u>Anne acredita</u> que “eles nunca vão querer falar””.	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo Mental	
Atribuição de culpa Vozes externas	x) “e termina, <u>com ironia, ao dizer que se deita e no dia a seguir acorda...</u> ”	Atitude Julgamento Neg. + Comprometimento Contração Dialógica	Sanção Social Propriedade Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	O comportamento do casal Mccann
Atribuição de culpa Vozes externas	xi)”São 38,6 por cento os portugueses, que actualmente, acreditam ter sido os pais de Maddie, a fazer desaparecer o corpo da	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Fórmula Dialógica	

	filha, <u>segundo uma sondagem da Aximge para o Correio da Manhã</u> ”				
Atribuição de culpa Texto de opinião	xii) “Quais são, afinal, os factos que suportam a “precipitação” de que fala o diretor da P.J na constituição dos pais de Maddie como arguidos?”				
Atribuição de culpa Texto de Opinião	xiii) “Os factos <u>estão</u> nos resultados (...) que colocam os fluídos de Maddie num local <u>impossível.</u> ”	Comprometimento Contração Dialógica	Contraposição Negação	Processo relacional circunstancial precedido de pergunta retórica	
Atribuição de culpa Texto de opinião	xiv) “Estes factos em qualquer outro processo qualquer outro processo, <u>não só</u> dão para constituir arguidos <u>como</u> para defender a prisão preventiva.”	Atitude Apreciação Neg.	Reação Impacto	Recursos de Negação	Processo judicial
Atribuição de culpa Texto de opinião	xv) “Dão para tanto em qualquer outro processo, <u>mas este não é um caso normal</u> ”	Atitude Apreciação Neg.	Composição Complexidade		Instauração do processo

Atribuição de culpa Texto de opinião	xvi) “ <u>Tem</u> uma envolvimento diplomática <u>óbvia</u> , gerou uma <u>incomodidade política evidente.</u> ”	Atitude Apreciação Neg.	Composição Complexidade Reação Impacto	Processo relacional possessivo Processo material (metáfora gramatical)	O Processo (em si)
Atribuição de culpa Texto de opinião	xvii) “E a precipitação <u>está precisamente</u> aí.”	Atitude Apreciação Neg.	Composição Complexidade	Processo relacional	A origem da precipitação judicial
Atribuição de culpa Texto de opinião	xviii) “O que se passa agora é simples e <u>está muito para lá</u> da procura da verdade entre um rapto e qualquer outro tipo de crime”	Atitude Apreciação Neg. Gradação	Composição Complexidade Força Intensificação	Processo relacional Quantificador	Procedimento judicial
Atribuição de culpa Texto de opinião	xix) “ <u>Todos já perceberam</u> que é <u>muito mais</u> confortável que a <u>investigação se centre na busca universal de um raptor imaginário</u> ”	Comprometimento Contração Dialógica Gradação Atitude Apreciação Neg.	Pro-Posição Expectativa Confirmada Força Intensificação Composição Complexidade	Processo Mental comparação	 Procedimento Judicial

Atribuição de culpa Texto de opinião	xx)“ <u>É estrondosamente óbvio</u> que já só estamos perante uma <u>grande operação</u> de controlo de estragos”	Atitude Apreciação Neg. + Graduação	Reação Qualidade + Força Intensificação	Construção Adverbial	Procedimento Judicial
Atribuição de culpa Texto de opinião	xxi) “O Governo <u>não quer chamuscar-se</u> neste fogo”	Atitude Apreciação Neg. com Julgamento implícito	Reação Qualidade	Metáfora	O Governo
Atribuição de culpa Texto de opinião	xxii) “as cúpulas judiciárias <u>querem sair airoso</u> mente do caso”	Atitude Apreciação Neg. com Julgamento implícito	Sansão social	Processo mental Circunstância de modo	As instituições judiciárias
Atribuição de culpa Texto de opinião	xxiii) “ <u>os “mexilhões” da história</u> , investigadores da PJ e imprensa <u>vão ser os culpados de cruxificar os pais (...)</u> ”	Atitude Apreciação	Valor social	Processo relacional Perífrase Metáfora	Autoridades judiciais
Atribuição de culpa Texto de opinião	xxiv) “ <u>e porventura</u> , até de ter feito desaparecer a menina”	Comprometimento Expansão Dialógica	Ponderação (evidências/ Probabilidades)		

2.2.2. Jornal de Notícias

a) Atitude

Das 15 ocorrências das categorias avaliativas, apenas em 20% da totalidade estão presentes as categorias atitudinais, sendo elas a Apreciação e o Julgamento.

À partida, tal facto constituiu desde já, um confronto com o outro jornal analisado, um dos pontos distintos que contribuem para a conclusão desta investigação. Como anteriormente referido, o *Jornal de Notícias* possui um número de ocorrências avaliativas mais reduzido que o *Correio da Manhã* e observa-se agora, como segunda distinção, que a menor percentagem vai para a categoria da Atitude, categoria essa, predominante no *Correio da Manhã*.

A menor presença de excertos considerados avaliativos no JN pode ser justificada pela posição editorial marcada deste jornal que procura a isenção e rigor jornalísticos.

Os alvos das ocorrências atitudinais foram o casal Mccann, a exposição mediática do caso e a investigação como se pode observar nos seguintes exemplos:

(ii) "Disse, no entanto, que os indícios recolhidos não revelam quaisquer sinais de arrombamento, como inicialmente o casal afirmou aos jornais britânicos"

(vii) "Apesar da grande exposição mediática do caso..."

(ix) "Estes pormenores, apurados pelo JN, causaram estranheza na mente dos investigadores precisamente pelo facto de, aparentemente, o veículo só ter vindo para as mãos dos Mcann várias semanas após o desaparecimento."

No exemplo ii) o jornalista recorre a uma adversativa para fazer um Julgamento negativo implícito, que serve no caso apresentado para reforçar a ideia que algumas informações avançadas no momento do desaparecimento da criança foram mais tarde desmentidas através de indícios que ajudaram, segundo o jornal, a não corroborar a tese de rapto de Madeleine.

Os exemplos vii) e ix) constituem duas Apreciações que recaem sobre a exposição mediática do caso e sobre a investigação, sendo que o primeiro exemplo é

uma Apreciação Composição/Complexidade que se prende com a complexidade do caso, que ao ser tornado público se tornou numa notícia de interesse geral que veio em alguns momento prejudicar a investigação. No último caso temos uma Apreciação Reação Impacto, em que o jornalista recorre a um processo mental e um advérbio modal para, mais uma vez, dar a entender que alguns indícios não foram suficientemente explorados e a investigação teve várias falhas.

b) Comprometimento

O Comprometimento é a categoria avaliativa predominante nos excertos do *Jornal de Notícias*, representando 47% da totalidade de ocorrências, todas elas com a subcategoria Endosso. Analisados os elementos co-textuais e contextuais, verifica-se estarmos perante sequências textuais destinadas a validar factos com interesse informativo de natureza experiencial.

Recorrendo novamente ao código deontológico, o jornalista deve facilitar informação ao público com rigor, transparência, isenção e justiça e não deve, sobretudo, transferir a responsabilidade daquilo que escreve e publica para terceiros. Quanto a este último dever, já deixa um pouco a desejar nos jornais em causa.

O texto é escrito e assinado pelo jornalista mas, por vezes, o que lá está escrito é somente a voz de alguém trazida ao texto para manter um certo distanciamento das informações apresentadas ao público. No caso do *Correio da Manhã*, considera-se um Comprometimento intencional e explícito, uma vez que as vozes externas vêm defender a tese universal do próprio jornal. No caso do *Jornal de Notícias*, o uso do Comprometimento também revela ser intencional mas não tão explícito, na medida em que o jornalista que o faz não recorre só e apenas a vozes externas que já possuem a sua tese ou que vêm reforçar a ideia defendida pelo próprio jornalista ou editor, como se pode observar nos exemplos seguintes:

(i) "Fonte ligada à investigação afirmou ao JN ser prematuro corroborar a tese de rapto avançada pelos progenitores"

(ii) "Disse, no entanto, que os indícios recolhidos não revelam quaisquer sinais de arrombamento, como inicialmente o casal afirmou aos jornais britânicos"

(iii)”Dizem que de meia em meia hora verificavam como estavam as crianças. Por volta das 22 horas repararam que a janela estava aberta” Contou ao JN Susan Moice, inglesa, hóspede no empreendimento”

(v)”John Hill, garante ter visto “os estores ligeiramente levantados”

(vi)”Disse, ainda que o “resort dispõe de um serviço de “babysitting” que não foi requisitado pelos pais””

(viii)”O jornal “El País” refere que este é o único telegrama ...”

(xi)”Fonte do laboratório inglês garantiu ao JN que as análises não estão ainda concluídas e continua sem revelar a data em que os dados serão comunicados à polícia inglesa.”

Em todos os excertos acima considerados, o jornalista socorre-se de outras vozes para demonstrar a veracidade da sua notícia, as fontes (os hóspedes) interrogadas e jornais estrangeiros são preferencialmente trazidos para comprovar os factos até à altura enunciados. O jornalista usa preferencialmente processos verbais com o uso dos verbos “dizer” “garantir” “referir” e “afirmar”.

c) **Graduação**

A Graduação é a segunda categoria avaliativa preferencial dos jornalistas do Jornal de Notícias, representando 33% da totalidade de ocorrências.

A Graduação permite-nos aumentar ou não o valor das proposições apresentadas, como é o caso dos exemplos que se seguem:

(iv)”Com a ajuda de dezenas de cães, as buscas tiveram início ainda durante a noite e ainda se mantêm”

(v)”John Hill, garante ter visto “os estores ligeiramente levantados”

(vii)”Apesar da grande exposição mediática do caso...”

(ix) “Estes pormenores, apurados pelo JN, causaram estranheza na mente dos investigadores precisamente pelo facto de, aparentemente, o veículo só ter vindo para as mãos dos Mcann várias semanas após o desaparecimento.”

(x) “o local onde foi encontrado o vestígio de sangue, acompanhado da reação ao odor da morte, da parte do cão “Springer spaniel”, indicia precisamente que um odor a cadáver podrá ter estado na mala.”

Nos exemplos iv) e vii) temos uma Graduação de Força, Intensificação marcada através de quantificadores como *“dezenas”* e *“grande”*.

Os restantes exemplos marcam Graduações de Foco apresentadas através de advérbios modais tais como *“ligeiramente”* *“aparentemente”* *“precisamente”*, sendo que uns marcam a suavização e outros a acentuação de coisas passíveis de não graduação.

O último exemplo referido, x), representa uma Modalização epistémica da Incerteza, mais uma vez através de um modal e de um verbo no futuro simples do indicativo; o jornalista situa este excerto no eixo da crença, representando a probabilidade a possibilidade de sim ou não, deixando o leitor na dúvida perante este tipo de ocorrências propositadas.

2.2.2.1. Análise dos dados

b) Jornal de Notícias – Caso Maddie

<u>Momento da Notícia</u>	<u>Sequência Textual</u>	<u>Categoria Avaliativa</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Recursos Linguísticos</u>	<u>Alvo</u>
Desaparecimento da criança	(i)“ <u>Fonte ligada à investigação afirmou ao JN ser prematuro corroborar a tese de rapto avançada pelos progenitores</u> ”	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	
Desaparecimento da criança	(ii)“Disse, <u>no entanto</u> , que os indícios recolhidos <u>não</u> revelam quaisquer sinais de arrombamento, <u>como inicialmente o casal afirmou aos jornais britânicos</u> ”	Comprometimento Contração Dialógica Atitude Julgamento Neg. Implícito	Pro-posição Compromisso Endosso Sanção social Veracidade	Adjunto de comentário Adversativa	Casal Mcann
Desaparecimento da criança	(iii)“ <u>Dizem que de meia em meia hora verificavam como estavam as crianças. Por volta das 22 horas repararam que a janela estava aberta</u> ” <u>Contou ao JN Susan Moice, inglesa, hóspede no empreendimento</u> ”	Comprometimento Contração dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	

Desaparecimento da criança	(iv) "Com a ajuda de <u>dezenas de cães</u> , as buscas tiveram início <u>ainda</u> durante a noite e <u>ainda</u> se mantêm"	Graduação	Força Intensificação Foco	Repetição Estrutura adverbial	As buscas
Desaparecimento da criança	(v) "John Hill, <u>garante ter visto</u> "os estores <u>ligeiramente</u> levantados"	Comprometimento Contração Dialógica Graduação	Pro-posição Compromisso Endosso Foco Suavização	Processo verbal	
Desaparecimento da criança	(vi) "Disse, <u>ainda que</u> o "resort dispõe de um serviço de "babysitting" que não foi requisitado pelos pais""	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	
Desaparecimento da criança	(vii) "Apesar <u>da grande</u> exposição mediática do caso..."	Atitude Apreciação Graduação	Composição Complexidade Força Intensificação	Quantificação	A exposição mediática do caso
Atribuição de culpa	(viii) "O jornal "El País" <u>refere</u> que este é o único telegrama ..."	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	

Atribuição de culpa	(ix) <u>”Estes pormenores, apurados pelo JN, causaram estranheza na mente dos investigadores precisamente pelo facto de, aparentemente, o veículo só ter vindo para as mãos dos Mcann várias semanas após o desaparecimento.”</u>	Atitude Apreciação Graduação	Reação Impacto Sanção social Propriedade Foco Acentuação	Processo mental Advérbio modal	A investigação
Atribuição de culpa	(x) <u>”o local onde foi encontrado o vestígio de sangue, acompanhado da reação ao odor da morte, da parte do cão “Springer spaniel”, indicia precisamente que um odor a cadáver poderá ter estado na mala.”</u>	Graduação Modalidade epistémica	Foco Incerteza	Advérbio modal Modal futuro simples do indicativo	
Atribuição de culpa	(xi) <u>”Fonte do laboratório inglês garantiu ao JN que as análises não estão ainda concluídas e continua sem revelar a data em que os dados serão comunicados à policia inglesa.”</u>	Comprometimento Contração dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	

3. Análise dos Comportamentos Linguísticos no caso *Rui Pedro*

3.1. *Correio da Manhã* VS *Jornal de Notícias*

Relativamente ao caso Rui Pedro, a distinção entre os dois jornais tidos em conta ainda é mais notória e relevante. O referido caso não teve a exposição mediática da pequena Maddie, talvez por falta de pressões políticas ou pelo simples facto de se tratar de uma criança portuguesa. A reação ao desaparecimento, bem como a todo o processo de Rui Pedro, foi mais lenta quando comparada com o caso de Maddie Mccann.

O caso *Rui Pedro* arrastou-se ao longo dos anos nos tribunais portugueses, tendo diminuído com o passar do tempo o interesse público, embora o CM tenha sempre algo acrescentar, cada vez que surgem novos indícios, novas pistas.

Os elementos do *corpus* foram recolhidos a partir da edição *online* de ambos os jornais. Como já foi referido, Rui Pedro desapareceu em 1998 sendo portanto tarefa difícil encontrar as notícias centradas no momento do desaparecimento.

Considerando novamente apenas os excertos que constituem potencial avaliativo e que contribuem de uma forma qualitativa para esta análise e confrontação entre os jornais, o *Correio da Manhã* apresenta 34 ocorrências em 22 excertos com potencial avaliativo, número que contrasta e muito do distanciamento marcado pelo *Jornal de Notícias* com apenas 3 ocorrências das categorias avaliativas. Esta discrepância numérica vem, contudo, facilitar a análise desta confrontação, podendo assim, afirmar-se que o JN apresentou sempre os factos relacionados com o caso de uma forma tendencialmente isenta, marcada por exemplo, pela ausência das categorias atitudinais nas ocorrências consideradas relevantes.

Das ocorrências tidas em conta no *Correio da Manhã*, as categorias Atitudinais são as preferenciais representando assim 70% seguidamente da Graduação com 24% e contrariamente ao *Caso Maddie* a menor fatia vai para o Comprometimento com 6% de ocorrências. Dentro da Atitude, a subcategoria mais utilizada foi o Julgamento 62% sendo que na sua maioria se tratam de julgamento com polaridade negativa, a Apreciação representa 21% da totalidade e apresenta em todos os casos polaridade negativa. Por fim, o Afeto representado por 17% da totalidade tendo também na sua maioria polaridade negativa.

No *Jornal de Notícias*, a total ausência de categorias atitudinais é o principal ponto de confrontação com o outro jornal tido em conta. O Comprometimento é a categoria preferencial com 67%, mantendo assim a linha já apresentada no *Caso Maddie*, sendo que os restantes 33% se tratam da ocorrência da Graduação. Desta feita os alvos são, marcadamente, a investigação, o arguido Afonso Dias e sobretudo todas as instituições judiciais que levaram a cabo esta investigação infundável.

No *Caso Rui Pedro* não se verifica uma maior alteração dos comportamentos linguísticos quando passamos de notícias centradas no momento do desaparecimento às notícias centradas na atribuição de culpa, talvez devido ao facto de os momentos serem muito próximos cronologicamente na pesquisa *online*, ou seja, só se voltava a referir o caso quando apareciam novas pistas ou novos possíveis culpados.

O *Jornal de Notícias* marca novamente o seu distanciamento através de proposições endossadas, ou seja, mais uma vez os jornalistas recorrem a vozes externas, trazidas ao seu texto para marcar a sua posição de concordância com as mesmas. Já o *Correio da Manhã*, tendo como categoria preferencial o Julgamento, faz as suas avaliações sem qualquer isenção jornalística e subjetividade.

Categorias avaliativas	CM		JN	
	Nº	%	Nº	%
Atitude	24	70%	-	-
Comprometimento	2	6%	2	67%
Graduação	8	24%	1	33%
Total de ocorrências	34	100%	3	100%

Tabela 3- Número de ocorrências das categorias avaliativas – *Caso Rui Pedro*

3.2. Os recursos da Avaliatividade no *Caso Rui Pedro*

3.2.1. *Correio da Manhã*

a) **Atitude**

As categorias atitudinais foram novamente as mais ocorrentes no *Correio da Manhã* sendo o Julgamento a categoria com maior destaque na análise apresentada 62% das ocorrências foram assim categorizadas, 21% Apreciação e 17% Afeto

O Julgamento está relacionado com as avaliações morais do comportamento humano, normalmente tendo em conta as convenções ou normas de conduta, referem-se a aspetos como legalidade e moralidade. O julgamento prende-se com o carácter das pessoas e pode ser manifestado de uma forma implícita ou explícita.

As avaliações da categoria Julgamento implicam a elevação ou diminuição da estima que se prende com a pessoa que é alvo da avaliação atitudinal; assim sendo, o Julgamento pode dividir-se em Estima Social e Sanção Social, sendo que a primeira diz respeito às relações quotidianas entre as pessoas, envolvendo admiração ou crítica embora sem implicações legais. Já o julgamento de Sanção Social envolve louvor ou condenação e relaciona-se com a conduta da pessoa em questão.

(ii) "Ele nunca faltava."

(v) "É obrigatório reconstituir trajetos, hábitos, rotinas e ouvir amigos e familiares-quanto mais depressa, melhor.

(vi) "Muito provavelmente os investigadores chegaram demasiado tarde a Lousada."

(vii) "Ainda hoje, Filomena Teixeira acredita que Afonso sabe muito mais do que disse"

(ix) "Ainda assim, a PJ também não seguiu a pista até ao fim."

(xi) "Filomena Teixeira ficou com a certeza que o rapaz da foto é o Rui Pedro"

(xii) "uma mãe nunca se engana no momento de reconhecer o filho"

(xiii) "O longo e penoso processo judicial que se seguiu ao desaparecimento de Rui Pedro é trágico e indecoroso"

(xix)”O procurador encontrou então aquilo que os colegas não conseguiram ver: indícios suficientes para levar Afonso Dias a julgamento.

Os exemplos acima apresentados representam julgamentos de Estima Social e têm como alvo a investigação, as autoridades judiciais, as testemunhas processuais, o arguido Afonso Dias e sobretudo o julgamento e processo judicial. Os jornalistas do CM não poupam nas duras críticas a todas estas instituições que, segundo as notícias consideradas, falharam em todo o desenvolvimento do processo.

Os excertos vi), vii), ix), xi) e xix) apresentam Julgamentos de Capacidade, subcategoria da Estima Social. Nestes casos o jornalista fez uso de recursos como modais epistémicos para jogar com a incerteza/certeza da frase, comparações que têm a intenção de revogar o quanto a mãe da criança fez de mais. Os adjuntos de comentário serviram para reforçar a ideia da existência de vários testemunhos mas que em nada foram tidos em conta e processos mentais com intenções que revelam aquilo em que a mãe de Rui Pedro acredita e alguns indícios que mais ninguém conseguiu ver.

Em suma, assim foram categorizados uma vez que revelam um julgamento sobre a capacidade de todas as entidades envolvidas no caso ou a falta dela.

O julgamento de Tenacidade, revela o quão decidido é alguém e ocorre nos excertos em que os jornalistas dão de facto a informação precisa sobre alguma coisa, a certeza da frase dada:

(ii)”Ele nunca faltava.”

(xviii)”A primeira brigada da P.J chega a Lousada no dia seguinte, mas rapidamente se desinteressa.”

O Julgamento de Normalidade está relacionado com as questões que nos indicam o quão normal é alguém ou algo, e está presente nos seguintes excertos:

(v)” É obrigatório reconstituir trajetos, hábitos, rotinas e ouvir amigos e familiares-
quanto mais depressa, melhor.

(xii)”uma mãe nunca se engana no momento de reconhecer o filho”

(xiii) ”O longo e penoso processo judicial que se seguiu ao desaparecimento de Rui Pedro é trágico e indecoroso”

No primeiro caso, o jornalista faz um Julgamento de Normalidade quando situa o seu texto/excerto no eixo da conduta, da obrigatoriedade através da Modalização Deontica, definindo assim a obrigação da reconstituição do rapto como uma das possíveis formas de o caso não ter sido arrastado. No segundo excerto, o recurso de negação marca a norma quando o alvo são as mães em geral, teoricamente todas as mães reconhecem os filhos. No último caso, o uso de Epítetos de uma forma reforçada marca mais uma vez a avaliação feita pelo jornalista ao caso.

Os exemplos restantes foram subcategorizados enquanto Julgamento Sanção Social e neles reside a carga de uma condenação com implicações legais. As regras de conduta foram quebradas e serão fortemente sancionadas as pessoas que as quebraram. São exemplo disso:

(viii) ”Mas a testemunha, sem a mais pequena hesitação, garantiu que não se tratava do mesmo rapaz”

(xv) ”Indecoroso, porque o calvário apenas foi possível pela incúria dos magistrados do ministério público de Lousada”

(xvi) ”(...) que sem um arrepio de consciência não só foram cúmplices da negligência da PJ como deixaram o processo adormecer até à beira da prescrição”.

(xviii) ”A primeira brigada da P.J chega a Lousada no dia seguinte, mas rapidamente se desinteressa.”

(xxii) ”Afonso nunca conseguiu explicar à PJ que investigaram o caso onde esteve e o que fez entre o momento em que abandonou a prostituta e voltou a Freamunde já sem Rui Pedro.”

As testemunhas processuais, os magistrados do ministério público, as autoridades judiciais e o arguido Afonso Dias foram os alvos dos Julgamentos apresentados. Através de Julgamentos de veracidade e propriedade, os jornalistas

representaram no seu texto, de uma forma objetiva, toda a falta de ética e conduta que os alvos mencionados representaram.

A Apreciação é a segunda categoria atitudinal preferencial dos jornalistas do CM, representada através de processos matéris, metáforas gramaticais, atributos e recaem sobre o arguido sobre as buscas e a investigação, sendo que todas elas têm polaridade negativa como se pode observar nos excertos i), iii), iv), x) e xvii).

O Afeto é a categoria atitudinal com menor representação nos excertos tidos em conta e tem em todas as ocorrências polaridade negativa, exceto caso do excerto xiv) em que o jornalista deixa transparecer a necessidade de ser dado algum “*conforto*” aos pais da criança. Nas restantes ocorrências (exemplos xiii), xv) e xxii) o jornalista mostra a sua insatisfação através de epítetos e adjetivos como “*longo e penoso*” “*trágico e indecoroso*”.

b) Comprometimento

O caso *Rui Pedro* é marcado essencialmente pela grande cobertura da imprensa portuguesa em comparação com o caso *Maddie*, daí que a busca incessante de informações seja mais uma corrida nacional que internacional, ou seja, a pouca necessidade de recorrer a vozes externas justifica a menor ocorrência do Comprometimento neste caso, apenas representando 6%.

(xiv) “nasce a esperança de que a justiça ainda será capaz de dar algum conforto aos pais”

(xxi) “O procurador Vitor Magalhães (...) não tem dúvidas de que Afonso Dias (...) é o responsável pelo desaparecimento”

No primeiro caso o jornalista marca o seu distanciamento, transferindo assim a capacidade de resposta para a justiça na resolução do caso – Expansão Dialógica Distanciamento.

No segundo caso, já recorre a “vozes externas” como a do procurador para reforçar a sua tese, aquela em que se baseou para fazer os julgamentos de que toda a investigação se desenrolou numa sucessão de falhas da parte das instituições, das testemunhas e sobretudo do arguido – Contração Dialógica Endosso.

c) Graduação

A Graduação está presente nos excertos considerados sempre em coocorrência com as outras categorias avaliativas, representando assim 24% das avaliações feitas pelos jornalistas.

Os recursos linguísticos utilizados foram recursos de negação, como é o caso do “*nunca*”, quantificadores como é o caso do “*muito*”, “*mais*” e “*piores*”.

3.2.1.1. Análise dos dados

b) Correio da Manhã – Caso Rui Pedro

<u>Momento da Notícia</u>	<u>Sequência Textual</u>	<u>Categoria Avaliativa</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Recursos Linguísticos</u>	<u>Alvo</u>
Desaparecimento da criança	(i)“(…) <u>uma estranha criatura</u> de Lousada, de <u>cabelo seboso e de mal com a água de banho.</u> ”	Atitude Apreciação Negativa	Valor social	Atributo Descrição física	O arguido, Afonso Dias
Desaparecimento da criança	(ii)“Ele <u>nunca</u> faltava.”	Graduação Atitude Julgamento Pos.	Foco Estima social Tenacidade	Recursos de negação	Rui Pedro
Desaparecimento da criança	(iii)“Nos dias seguintes a mesma caminhada, agora sob as ordens da P.J. <u>Nada.</u> ”	Atitude Apreciação Neg.	Reação Qualidade	Processo material	As buscas
Desaparecimento da criança	(iv)“ Na investigação do desaparecimento, <u>todos os minutos</u> contam.”	Atitude Apreciação	Composição Complexidade	Metáfora gramatical	A investigação (em abstrato)

Desaparecimento da criança	(v)” <u>É obrigatório</u> reconstituir trajetos, hábitos, rotinas e ouvir amigos e familiares- <u>quanto mais depressa, melhor.</u>	Atitude Julgamento Graduação Força	Estima Social Normalidade Intensificação	Modalização Deontica	A reconstituição
----------------------------	---	---	--	----------------------	------------------

Desaparecimento da criança	(vi)” <u>Muito provavelmente</u> os investigadores chegaram <u>demasiado tarde</u> a Lousada.”	Atitude Julgamento Neg. Implícito	Estima social Capacidade	Modalização epistémica	Autoridades judicias
Desaparecimento da criança	(vii)” Ainda hoje, Filomena Teixeira acredita que Afonso sabe <u>muito mais</u> do que disse”	Atitude Julgamento Neg. Graduação Força	Estima social Capacidade Intensificação	Comparativo	O testemunho de Afonso Dias
Desaparecimento da criança	(viii)” Mas a testemunha, <u>sem a mais pequena hesitação, garantiu que não se tratava do mesmo rapaz</u> ”	Graduação Foco Atitude Julgamento	Acentuação Sanção social Veracidade	Reforço	Testemunha processual
Desaparecimento da	(ix)” <u>Ainda assim</u> , a PJ	Atitude	Estima social	Adjunto de comentário	As autoridades- PJ

criança	também não seguiu a pista até ao fim.”	Julgamento Neg.	Capacidade		
Desaparecimento da criança	x)”Filomena reconstituiu a cara desse homem <u>misterioso</u> ”.	Atitude Apreciação	Reação Impacto	Atributo	Hipotético raptor de Rui Pedro
Desaparecimento da criança	(xi)”Filomena Teixeira <u>ficou com a certeza</u> que o rapaz da foto é o Rui Pedro”	Atitude Julgamento pos.	Estima social Capacidade	Expressão modal epistémica Processo Mental	
Desaparecimento da criança	(xii)”uma mãe <u>nunca</u> se engana no momento de reconhecer o filho”	Atitude Julgamento Graduação Foco	Estima social Normalidade Acentuação	Advérbio de negação	Mãe do desaparecido (mães em geral)
Atribuição de culpa	(xiii)” <u>O longo e penoso</u> processo judicial que se seguiu ao desaparecimento de Rui Pedro <u>é trágico e indecoroso</u> ”	Atitude Julgamento neg. Explícito Atitude Afeto	Estima social Normalidade Insatisfação	Epítetos	O julgamento/processo judicial
Atribuição de culpa	(xiv)”nasce a esperança de que a justiça <u>ainda</u> será capaz de dar <u>algum conforto aos pais</u> ”	Comprometimento Expansão Dialógica Atitude Afeto pos.	Atribuição Distanciamento	Metáfora gramatical Processo material com valor mental	Justiça/ Autoridades

Atribuição de culpa	(xv) ” <u>Indecoroso</u> , porque o <u>calvário</u> apenas foi possível pela <u>incúria</u> dos magistrados do ministério público de Lousada”	Atitude Julgamento Neg. Explícito Atitude Afeto Neg.	Sanção Social Propriedade Insatisfação	Adjetivos	Processo judicial, magistrados, etc...
Atribuição de culpa	(xvi) ”(...) que sem um arrepio de consciência <u>não só</u> foram cúmplices da negligência da PJ <u>como</u> deixaram o processo adormecer até à beira da prescrição”.	Atitude Julgamento Neg. Atitude Julgamento Neg.	Sanção social Propriedade Estima social Capacidade	Processo aditivo Comparação	Autoridades judiciais
Atribuição de culpa	(xvii) ”(neste caso, <u>um dos piores</u> exemplos da história da investigação criminal)”	Atitude Apreciação Neg. Gradação Força	Valor social Intensificação	Atributo Gradação força	O processo judicial
Atribuição de culpa	(xviii) ”A primeira brigada da P.J chega a Lousada no dia seguinte, <u>mas rapidamente se desinteressa</u> .”	Atitude Julgamento Neg. evocado	Estima social Tenacidade Sanção social Propriedade		A P.J
Atribuição de culpa	(xix) ”O procurador <u>encontrou</u> então aquilo	Atitude	Estima social	Processos mentais	Procurador VS restantes

	que os colegas <u>não conseguiram ver</u> : indícios suficientes para levar Afonso Dias a julgamento.	Julgamento pos. Explicito	Capacidade		magistrados
Atribuição de culpa	(xx) "Desde o momento que era interrogado pelas autoridades sobre o desaparecimento do jovem, reclamando <u>sempre inocência</u> "	Graduação Foco	Acentuação		
Atribuição de culpa	(xxi) "O <u>procurador Vitor Magalhães (...)</u> não tem dúvidas de que <u>Afonso Dias (...)</u> é o responsável pelo <u>desaparecimento</u> "	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo relacional	
Atribuição de culpa	(xxii) "Afonso <u>nunca</u> conseguiu explicar à PJ que investigaram o caso onde esteve e o que fez entre o momento em que abandonou a prostituta e voltou a Freamunde <u>já sem Rui Pedro</u> ."	Atitude Julgamento neg. Graduação Foco Atitude Afeto neg.	Estima social Propriedade Acentuação		Afonso Dias

3.2.2. *Jornal de Notícias*

O caso *Rui Pedro* marca a grande oposição de processos entre os dois jornais diários em causa, uma vez que das notícias constituintes do *corpus* apenas quatro excertos foram considerados para a análise com potencial avaliativo. O comportamento discursivo dos jornalistas do *Jornal de Notícias* nas notícias referentes ao caso *Rui Pedro*, foi marcado pelo rigor e isenção. E nenhuma tese pareceu ser defendida pelos diversos jornalistas, verificando-se uma ausência das categorias atitudinais, respeitando assim a norma sem fugir ao código deontológico.

Nos excertos recolhidos predomina o Comprometimento, subcategoria Endosso. Através de processos verbais como “acusar” e “afirmar”, o jornalista traz ao seu texto “vozes” externas que lhe permitem reforçar a ideia defendida pelo próprio, como é o caso dos seguintes excertos:

(ii) “O procurador Vitor Magalhães acusa Afonso Dias de rapto, um crime punível com dez anos de prisão”

(iii) “Segundo o Diário de Notícias, o MP afirma que Afonso Dias raptou o menor Rui Pedro”

As restantes ocorrências foram categorizadas enquanto Graduação de Foco e como Modalização epistémica de incerteza e tiveram como alvos as pistas e o Ministério Público. A Graduação acentua e reforça a ideia através do uso do “*sempre*” e a modalização ocorre através do uso do futuro simples do indicativo, como se pode observar nos exemplos seguintes:

(i) “Passaram 9 anos e desde aí as pistas para o encontrar revelaram-se sempre infrutíferas.”

(iv) “O testemunho de uma prostituta terá convencido o MP de que Afonso Dias levou o menor para um encontro de cariz sexual e que sabe o que aconteceu a Rui Pedro”

Desta forma os jornalistas não mantiveram a isenção que é marca do Jornal em questão e apesar das poucas ocorrências, foi possível provar que a avaliação está

presente e por vezes, de uma forma corrosiva, atingindo todos os alvos pretendidos, ultrapassando os limites da escrita jornalística.

3.2.2.1. Análise dos dados

b) Jornal de Notícias - Caso Rui Pedro

<u>Momento da Notícia</u>	<u>Sequência Textual</u>	<u>Categoria Avaliativa</u>	<u>Subcategoria</u>	<u>Recursos Linguísticos</u>	<u>Alvo</u>
Desaparecimento de criança	(i) "Passaram 9 anos e desde aí as pistas para o encontrar revelaram-se <u>sempre infrutíferas.</u> "	Graduação	Foco Acentuação		As pistas
Atribuição de culpa	(ii) "O <u>procurador Vitor Magalhães acusa Afonso Dias</u> de rapto, um crime punível com dez anos de prisão"	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	
Atribuição de culpa	(iii) " <u>Segundo o Diário de Notícias</u> , o MP afirma que Afonso Dias raptou o menor Rui Pedro"	Comprometimento Contração Dialógica	Pro-posição Compromisso Endosso	Processo verbal	
Atribuição de culpa	(iv) "O <u>testemunho de uma prostituta terá convencido o MP de que Afonso Dias levou o menor</u> para um encontro de cariz sexual e que sabe o que aconteceu a Rui Pedro"	Modalidade epistémica	Incerteza	Futuro simples do indicativo Processo mental	O Ministério Público

Considerações Finais

Este estudo exploratório partiu da hipótese de que o uso de categorias avaliativas pode interferir na aprendizagem do aprendente de português (PLE). O próprio conhecimento dos gêneros envolvidos na escrita das notícias pode ser determinante na compreensão das principais incidências textuais. O aluno de PLE não possui, muitas vezes, na própria língua materna, a preparação para discernir a intervenção avaliativa do jornalista neste tipo de textos, já que frequentemente o afã jornalístico de prender o público leva alguns profissionais a inundar o texto jornalístico com elementos da ordem interpessoal, culturalmente muito marcados.

Aplicar a Teoria da Avaliatividade inscrita no modelo teórico da LSF como ferramenta analítico-descritiva para estudar as escolhas linguísticas patentes no *Correio da Manhã* e no *Jornal de Notícias* (dois jornais diários de circulação nacional) levou à constituição de um *corpus* suscetível de revelar como as normas jornalísticas foram diversas vezes ultrapassadas. Foi possível, pela análise dos dados do mesmo *corpus*, descortinar os comportamentos discursivos dos jornalistas de ambos os jornais nos dois casos mais mediáticos sobre o desaparecimento de crianças – *Caso Maddie* e *Caso Rui Pedro*; para tal, definiram-se previamente dois momentos de ocorrência das notícias.

Importa referir, novamente, que no quadro da LSF a relação entre a língua e o contexto é muito ténue, o significado é algo que é determinado em texto quer pelo contexto social como pelo contexto cultural. Assim sendo a Teoria da Avaliatividade revelou-se ferramenta importante na análise de textos deste tipo porque através dela podemos determinar as categorias avaliativas que ocorrem em determinados contextos.

Pareceu ser relevante demonstrar como a categorização dos excertos considerados para análise é suscetível de revelar que nos casos contemplados no estudo, foram quebradas regras do código deontológico que deve ser respeitado pelos jornalistas.

Para determinar os comportamentos discursivos dos jornalistas, o recurso a avaliatividade permitiu explicitar as categorias de maior ocorrência em ambos os jornais e casos escolhidos, para uma melhor explicitação retomaremos as questões da investigação enunciadas na Introdução da presente dissertação – a forma como uma análise meramente linguística pode questionar o modo de expressão jornalística.

Como anteriormente já foi abordado, a Teoria da Avaliatividade pareceu ser uma ferramenta deveras importante para descortinar os comportamentos discursivos dos jornalistas envolvidos nos excertos tidos em conta e o facto de após uma reflexão e análise conseguirmos obter categorias atitudinais em texto jornalístico dá sentido a esta crença. A possível violação do código deontológico, revelada pela análise meramente linguística no escrutínio da posição marcada do jornalista ou até mesmo do editor, como se verificou diversas vezes no *Caso Maddie*, por parte do *Correio da Manhã* atesta a funcionalidade da ferramenta escolhida. As apreciações sucessivas que são referidas na análise dos dados constituintes do *corpus* são prova concreta como esta norma é quebrada.

As sucessivas vezes em que o uso do Julgamento serve para culpabilizar os pais da pequena Maddie apontam para a possibilidade dos jornalistas do CM deferem uma tese, reforçada frequentemente com recurso a “vozes externas”.

Quanto ao tipo de manifestações de significado interpessoal que podemos encontrar nas notícias do *CM* sobre os casos *Maddie* e *Rui Pedro*, sublinhamos o seguinte:

Como exposto na tabela 2 e 3, as categorias atitudinais foram as que mais ocorreram na análise aos excertos considerados com 46% de percentagem de ocorrência no *Caso Maddie* e 70% no *Caso Rui Pedro*, sendo que a Apreciação foi a mais utilizada no *Caso Maddie* com 77% de ocorrências e o Julgamento no *Caso Rui Pedro* com 62%.

Como anteriormente já foi referido, a Apreciação serve para avaliar e, desta forma o comportamento discursivo dos jornalistas do CM no *Caso Maddie* traduz-se pelas avaliações que vão sendo feitas ao processo, às instituições judiciais que seguiram o caso e sobretudo ao comportamento do casal Mccann durante todo o processo. As apreciações tidas em conta revelaram polaridade negativa. A objetividade está presente, embora manchada pela falta de isenção na abordagem ao caso. É possível também afirmar que a maior ocorrência das categorias atitudinais é revelada no momento de atribuição de culpados.

Já o uso do Julgamento no *Caso Rui Pedro* serve para determinar a incapacidade de resposta de algumas entidades no caso do desaparecimento desta criança. Mais uma vez as instituições judiciais, os magistrados e até as testemunhas passam pelo cunho do jornalista que, sem margem para dúvida, julga e aponta o dedo a tudo o que falhou no caso em questão. Muitos são os enunciados em que as instituições judiciais e os seus representantes são o alvo.

O Afeto é a categoria atitudinal menos utilizada pelos referidos, embora seja interessante verificar como Martin o afirma a Apreciação e o Julgamento são por vezes formas de institucionalizar o Afeto.

Como foi revelado através das tabelas 2 e 3 as manifestações interpessoais reveladas pelo JN, em ambos os casos, tiveram maior incidência sobre a categoria do Comprometimento com 47% no caso *Maddie* e 67% no caso *Rui Pedro*.

O uso de proposições endossadas revela o interesse sobre o Comprometimento intencional, embora revelado de uma forma implícita. O comportamento discursivo dos jornalistas do JN baseia-se nos excertos tidos em conta, numa necessidade de criar um aparente distanciamento da notícia que publica. Numa análise mais profunda, verifica-se que esse distanciamento é de certo modo fabricado pelo jornalista, já que temos uma forte recorrência de excertos atribuídos a “vozes externas” que concordam em parte com a ideia supostamente defendida pelo jornalista em causa ou até do editor.

Essas vozes são trazidas com o intuito de comprovar factos que se tornaram públicos à data por jornais estrangeiros no *Caso Maddie*.

O número de excertos considerados para o *Caso Rui Pedro* foi efectivamente menor em comparação com o *Caso Maddie* e até com o outro jornal em causa. Tal facto confirma-se pela inexistência de excertos categorizados pela Atitude, sendo de novo o Comprometimento a categoria predominante utilizada.

Embora o JN seja um jornal avaliado pelo público leitor, que prima pelo rigor e isenção, foi contudo possível determinar o uso das categorias avaliativas.

No que diz respeito às diferenças entre os dois casos e jornais, foi possível identificar uma maior ocorrência de excertos avaliativos no jornal *Correio da Manhã*.

Relativamente aos comportamentos discursivos é notória a presença das categorias atitudinais como modo preferencial de avaliar comportamentos por parte dos jornalistas do *Correio da Manhã*, sendo que o *Jornal de Notícias* marca a sua posição através de proposições endossadas que permitem ao jornalista estar aparentemente distante do texto que produz. No que diz respeito ao *Caso Maddie* a diferença em ambos os diários é diminuta quando em comparação com o *Caso Rui Pedro*, uma vez que no primeiro caso tanto o CM como o JN usam das categorias atitudinais, embora este último o faça em menor percentagem.

No *Caso Rui Pedro* as categorias atitudinais não foram escolhidas nos textos do JN, constituindo este facto a principal diferença no comportamento discursivo dos jornalistas. A data do desaparecimento, o já longínquo ano de 1998, pode contribuir

para a explicação das diferenças de tratamento. Com efeito, a situação económica atual da imprensa escrita, justificando a necessidade de se tornar o produto jornalístico mais apelativo ao leitor, favorece por vezes o insólito e o inusitado, bem como a linguagem interpessoal adequada ao público consumidor.

Embora não seja o fulcro da presente dissertação, importa fazer referência ao facto de comportamentos discursivos identificados tocarem as fronteiras de normas explícitas e implícitas do código deontológico, onde questões como o rigor, a isenção, a transparência e a justiça, anteriormente referidas, não se coadunam com certo modo de expressão jornalística. Cada vez é mais explícito que a notícia deixa de ter o maior foco no valor informativo, passando assim diversas vezes por um valor opinativo. De resto, por vezes, foi delicada a identificação do género dos textos selecionados, já que a ordem de questões acima abordadas aproxima, no mínimo, três géneros jornalísticos bem definidos: notícia jornalística, reportagem e opinião.

A salvaguarda das testemunhas como inocentes é uma das normas quebradas pelos jornalistas do *Correio da Manhã*, fazem-no de uma forma clara e transparente.

É de referir que a questão da violação do segredo de justiça aparece associada, pelo menos pelo que transparece da análise dos dados do presente *corpus*, a uma visão negativa das autoridades judiciais, frequentemente alvo de enunciados de polarização negativa. Do ponto de vista estilístico, os textos são globalmente marcados pelo uso de grandes e exaustivas adjectivações que não são de todo marcas da escrita jornalística.

A presente investigação pretendeu dar conta dos comportamentos linguísticos adotados pelos jornalistas de dois jornais diários em dois casos de desaparecimento de crianças, no entanto as questões sobre a maneira como os jornalistas trazem a público o seu texto são mais vastas. O recurso ao sistema da Avaliatividade, associado a um trabalho sobre o(s) género(s) envolvidos é suscetível de revelar incidências textuais determinantes para um aprendente de PLE ou de Português para Fins Específicos.

Referência Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, M. E. T., SELLE, C. N., LIMA, L. O. DE *Avaliatividade em produção de textos a partir do gênero editorial*. Universidade Federal de Santa Maria.
- AVELAR, A. (2008). *Gêneros e Registos do Discurso no ensino de línguas: proposta de aplicação ao ensino de PLE e monitorização no contexto*, Tese de Doutoramento em Linguística. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa
- AVELAR, A. e AZUAGA, L. (2010) A Teoria da Avaliatividade: Breve Apresentação. In: AZUAGA, L. *Relatos e Viagens. Representações e Codificações Linguísticas de Portugal no séc. XIX*, Volume 2. Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa.
- BAKHTIN, M. (1981) *The Dialogical Imagination*. (Trad. C. Emerson & M. Holquist). Austin, University of Texas Press.
- BRITO, M. M. N. *A expressão das emoções no contexto de ensino/aprendizagem de PLE em imersão – estudo exploratório com recurso à Teoria da Avaliatividade*. 2012.
- CABRAL S. R. S & A. DE. C. BARROS (2006) Linguagem e Avaliação: Uma Análise de Texto opinativo. In *33º International Systemic Functional Congress Proceedings: 722-734*.
- CONSELHO DA EUROPA (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas – uma aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto, Edições ASA.
- EGGINS, S. & D. SLADE (1997) *Analysing Casual Conversation*. London/Washington, Cassell.

- EGGINS, S & J. R. MARTIN (1997). *Genre and registers of discourse*. In Van Dijk, T. (ed). *Discourse as a Structure and Process*. London, SAGE: 230-256.
- FAIRCLOUGH, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge, UK, Polity Press.
- FIRTH, J.R. (1966) *Context of situation, in The tongues of men and speech*. Oxford University Press.
- GOMES, Regina Sousa. Aspectualização e modalização no jornal: expectativa e acontecimento. *Estudos Semióticos*. Editores responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, nº 2, São Paulo. Novembro de 2012: 11-20.
- GOUVEIA, Carlos A. M. (2009) *Texto e Gramática: Uma Introdução à Linguística Sistémico- Funcional*. Matraca, Rio de Janeiro, v.16, nº 24.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985/1994/2004) *An Introduction of Functional Grammar*. 3ª Ed. revista por Matthiessen. Londres; Edward Arnold.
- HUNSTON, S. THOMPSON, G. (eds), (2001). *Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse*. Oxford; Oxford University Press.
- MACHADO, Helena e SANTOS, Filipe. Mediatização da investigação criminal no caso Maddie – entre a ficção e a realidade. *VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008:
- MARTIN, J. R. e WHITE, P. R. R. (2005) *The Language of Evaluation – Appraisal in English*. Houndmills e Nova Iorque, Palgrave.
- MARTIN, J. R. e ROSE, D. (2003) *Working with Discourse: meaning beyond the cause*. 2ª. Edição, London, Continuum.

- NASCIMENTO, M. *Modalizadores lexicais e o seu valor semântico no discurso da mídia: cotas para afrodescendentes-inserção às universidades públicas.*
- NEVES, M.H.M. (1997). *A gramática funcional.* São Paulo: Martins Fontes.
- NEVES, M.H.M (2002). *Gramática de usos do português.* São Paulo: Unesp.
- PEREIRA, E. B. *O professor avaliado em textos jornalísticos: análise da avaliatividade em reportagens de Veja e Isto é.* Belém/PA 2010.
- POYNTON, C. (1996) Amplification as Grammatical Prosody: Attitudinal Motivation in the nominal group. In M. Berry & M. A. K. Halliday (eds.). *Meaning and Form: Systemic Functional Interpretations.* Norwood, N. J. Ablex: 211-227.
- PRECHT, K. (2003) Stance moods in spoken English: evidentiality and affect in British and American conversation. In: MACKEN-HORARIK, M.; MARTIN, J. R. *Negotiating heteroglossia: social perspectives on evaluation. Text, v. 23 (2),:* 239-257.
- SANTOS, J. I. F. *O efeito Maddie: análise da relação entre os jornalistas e o sistema judicial no desaparecimento de Maddie Mcann.* Porto 2009.
- SILVA, K. S. S. *O discurso do professor em contexto de aula de PLE. Análise de práticas discursivas na orientação de tarefas perspectivadas pela Teoria da Avaliatividade.* 2012.
- THOMPSON, G. e HUNSTON, S. (1999) Evaluation: an introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse.* Oxford: Oxford University Press.
- VIAN, JR., O. (2009). O Sistema da avaliatividade e os recursos para graduação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Revista D.E.L.T.A., v.25, n. 1.*

VIAN, JR., O. (2010). *A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema da Avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores.

WHITE, P. R. R. (2003) Appraisal – The Language of Evaluation and Stance. *In C. Bulcaen (ed.) The Handbook of Pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, Benjamins.

Referências Bibliográficas eletrônicas:

<http://www.cmjornal.xl.pt/>

[consultado em 22-05-2013]

<http://www.jn.pt/paginainicial/>

[consultado em 22-05-2013]

<http://grammatics.com/appraisal/>

[consultado em 08-01-2013]

https://www.google.pt/?gws_rd=cr&ei=tT6vUumQKZKHswa3q4GoBw#q=avaliatividade

[consultado em 08-01-2013, 16-03-2013]

APÊNDICES

Correio da Manhã

Caso Maddie

Momento do Desaparecimento

PJ investiga

Menina britânica desaparece no Algarve

A menina britânica de três anos, que desapareceu quinta-feira de um complexo turístico na Praia da Luz, perto de Lagos (Algarve), ainda não foi encontrada. Os pais suspeitam de rapto.

- [04 de Maio, 16h51](#)
- [Nº de votos \(0\)](#)
- [Comentários \(30\)](#)

Segundo a edição online da 'Skynews', a criança desapareceu por volta das 20h30 de ontem, do complexo Ocean Clube, na Praia da Luz, quando os pais saíram para jantar, enquanto dormia juntamente com dois irmãos mais novos. As autoridades portuguesas vão envolver um helicóptero da Protecção Civil nas buscas, que se junta às dezenas de elementos no terreno, que incluem efectivos da GNR, da Polícia Judiciária (PJ), equipas com cães e bombeiros. As buscas contam ainda com a ajuda de residentes da Praia da Luz, especialmente da comunidade estrangeira.

A família de Madeleine deu conta do desaparecimento quando se dirigiu ao hotel, para ver se os filhos estavam bem, e encontrou o quarto com a porta aberta e as janelas arrombadas, tendo as autoridades sido alertadas de imediato. Uma amiga da família revelou ao media britânico que os pais acreditam tratar-se de um rapto, por apenas uma das crianças estar desaparecida e a entrada, aparentemente, ter sido forçada.

A 'Skynews' refere ainda que um dos serviços disponíveis na unidade hoteleira é precisamente o de baby-sitting, em que pessoal do hotel toma conta das crianças enquanto os pais estão fora.

De acordo com o Ministério dos Negócios Estrangeiros português, a Polícia Judiciária (PJ) já está a investigar o caso. Cerca de 30 elementos da Guarda Nacional Republicana (GNR) e duas equipas com cães estão, neste momento, à procura da menina, tendo as operações de buscas começado ontem à noite.

À procura de Madeleine

Pedófilos britânicos no crime

As autoridades de Londres forneceram à PJ informações sobre redes pedófilas inglesas com ligações ao Algarve, onde reside uma numerosa comunidade britânica.

- [08 de Maio 2007, 13h01](#)
- [Nº de votos \(0\)](#)
- [Comentários \(41\)](#)

Por: Eduardo Dâmaso / Manuel Catarino com T.L. / Sónia Simões / Ana Palma

A possibilidade de o rapto de Madeleine se tratar de uma 'encomenda' feita por uma rede internacional de pedofilia, muito provavelmente de origem britânica, era ontem uma das hipóteses mais consistentes que a Polícia Judiciária continuava a investigar.

A menina, que completa quatro anos no próximo sábado, foi raptada na última quinta-feira à noite, do quarto onde dormia com os irmãos gémeos, no Aparthotel Ocean, na Praia da Luz – enquanto os pais jantavam num restaurante a cerca de 50 metros.

As características do rapto – como a subtracção da criança sem pedido de resgate e ausência de uma história familiar que justifique uma vingança ou motivos passionais – levaram os investigadores da Polícia Judiciária, em estreita concertação com as autoridades inglesas, a colocar a hipótese de um rapto por 'encomenda'. O crime terá sido praticado por um britânico, de acordo com o retrato-robô do suspeito, desenhado a partir de informações fornecidas por dezenas de testemunhas, hóspedes e empregados do aldeamento.

INFORMAÇÕES

A Directoria da Polícia Judiciária de Lisboa enviou na madrugada de ontem investigadores das brigadas de abusos sexuais e de homicídios, que vão trabalhar a hipóteses de o rapto ter sido uma 'encomenda'.

A Scotland Yard, a polícia britânica, já enviou para Portugal toda a informação disponível sobre redes pedófilas inglesas com ligações a Portugal, em particular ao Algarve, onde vive uma vasta comunidade britânica. Essa informação chegou ontem e de imediato começou a ser trabalhada no terreno pela Polícia Judiciária.

Os investigadores estão também a analisar a facturação detalhada de telemóveis dos empregados do aldeamento – a fim

de verificarem a existência de telefonemas suspeitos.

PISTAS

A investigação, como mandam as regras nos casos de desaparecimentos, foi centrada num conjunto de várias possibilidades, hierarquizadas, que têm vindo a ser sucessivamente testadas desde o primeiro dia. No início, chegou a ser investigada uma pista de conexão internacional que veio a revelar-se sem consistência.

As atenções da PJ centraram-se inicialmente no desaparecimento e só na manhã de sexta-feira, cerca de 12 horas depois, os investigadores avançaram para o rapto. A partir daí, a possibilidade de os abusos sexuais estarem na origem do crime passou a ser a hipótese mais forte. A falta de um pedido de resgate acentuou a tese dos abusos sexuais à medida que o tempo foi avançando, mas nunca foram abandonadas as operações, já alargadas a um raio de 15 quilómetros à volta do empreendimento turístico.

No domingo, três dias após o rapto, a Polícia Judiciária vacilava entre duas hipóteses de actuação do raptor: o puro acaso gerado pelo encontro de três crianças sozinhas; e, no outro extremo, uma premeditada operação de vigilância dos hábitos do casal à procura do momento certo para roubar Madeleine à família.

De ontem para cá, aparentemente, as investigações evoluíram para o segundo cenário – altamente favorecidas pelo facto de o casal ter deixado os filhos a dormirem sozinhos no apartamento enquanto jantavam num restaurante do aldeamento.

A Polícia Judiciária reconstituiu as rotinas das férias do casal McCann e chegou à conclusão de que as crianças foram deixadas sozinhas noutras ocasiões. Essa reconstituição centrou-se apenas nos hábitos de férias e não na vida em Inglaterra.

À procura de Madeleine

Pedófilos britânicos no crime

As autoridades de Londres forneceram à PJ informações sobre redes pedófilas inglesas com ligações ao Algarve, onde reside uma numerosa comunidade britânica.

- 08 de Maio 2007, 13h01
- Nº de votos (0)
- Comentários (41)

Por: Eduardo Dâmaso / Manuel Catarino com T.L. / Sónia Simões / Ana Palma

A possibilidade de o rapto de Madeleine se tratar de uma ‘encomenda’ feita por uma rede internacional de pedofilia, muito provavelmente de origem britânica, era ontem uma das hipóteses mais consistentes que a Polícia Judiciária continuava a investigar.

A menina, que completa quatro anos no próximo sábado, foi raptada na última quinta-feira à noite, do quarto onde dormia com os irmãos gémeos, no Aparthotel Ocean, na Praia da Luz – enquanto os pais jantavam num restaurante a cerca de 50 metros.

As características do rapto – como a subtracção da criança sem pedido de resgate e ausência de uma história familiar que justifique uma vingança ou motivos passionais – levaram os investigadores da Polícia Judiciária, em estreita concertação com as autoridades inglesas, a colocar a hipótese de um rapto por ‘encomenda’. O crime terá sido praticado por um britânico, de acordo com o retrato-robô do suspeito, desenhado a partir de informações fornecidas por dezenas de testemunhas, hóspedes e empregados do aldeamento.

INFORMAÇÕES

A Directoria da Polícia Judiciária de Lisboa enviou na madrugada de ontem investigadores das brigadas de abusos sexuais e de homicídios, que vão trabalhar a hipóteses de o rapto ter sido uma ‘encomenda’.

A Scotland Yard, a polícia britânica, já enviou para Portugal toda a informação disponível sobre redes pedófilas inglesas com ligações a Portugal, em particular ao Algarve, onde vive uma vasta comunidade britânica. Essa informação chegou ontem e de imediato começou a ser trabalhada no terreno pela Polícia Judiciária.

Os investigadores estão também a analisar a facturação detalhada de telemóveis dos empregados do aldeamento – a fim de verificarem a existência de telefonemas suspeitos.

PISTAS

A investigação, como mandam as regras nos casos de desaparecimentos, foi centrada num conjunto de várias possibilidades, hierarquizadas, que têm vindo a ser sucessivamente testadas desde o primeiro dia. No início, chegou a ser investigada uma pista de conexão internacional que veio a revelar-se sem consistência.

As atenções da PJ centraram-se inicialmente no desaparecimento e só na manhã de sexta-feira, cerca de 12 horas depois, os investigadores avançaram para o rapto. A partir daí, a possibilidade de os abusos sexuais estarem na origem do crime passou a ser a hipótese mais forte. A falta de um pedido de resgate acentuou a tese dos abusos sexuais à medida que o tempo foi avançando, mas nunca foram abandonadas as operações, já alargadas a um raio de 15 quilómetros à volta do empreendimento turístico.

No domingo, três dias após o rapto, a Polícia Judiciária vacilava entre duas hipóteses de actuação do raptor: o puro acaso gerado pelo encontro de três crianças sozinhas; e, no outro extremo, uma premeditada operação de vigilância dos hábitos do casal à procura do momento certo para roubar Madeleine à família.

De ontem para cá, aparentemente, as investigações evoluíram para o segundo cenário – altamente favorecidas pelo facto de o casal ter deixado os filhos a dormirem sozinhos no apartamento enquanto jantavam num restaurante do aldeamento.

A Polícia Judiciária reconstituiu as rotinas das férias do casal McCann e chegou à conclusão de que as crianças foram

deixadas sozinhas noutras ocasiões. Essa reconstituição centrou-se apenas nos hábitos de férias e não na vida em Inglaterra.

Momento de Atribuição de culpa

Claro que foram eles

A vencedora do mais prestigiado galardão da literatura inglesa, o Booker Prize, assina um artigo de opinião onde diz que a sua família “não gostou dos Mc-Cann” desde o início do caso.

• 18 de Outubro, 00h00

• Nº de votos (0)

• Comentários (39)

Por: Henrique Machado/Tânia Laranjo

“Em Agosto, a súbita convicção de que os McCann eram culpados arrebatou as nossas férias – faz muito mais sentido do que terem deixado crianças sozinhas”, acredita a irlandesa Anne Enright.

A crónica assinada pela escritora no ‘London Review of Books’ descreve o quanto Anne detesta Gerry e Kate – “sobretudo ele, embora o narcisismo dela também incomode. Quando se começou a falar de poderem ter sido eles, em Agosto, nenhum de nós ficou surpreendido”.

Depois de descrever o facto de não gostar dos pais de Maddie como “um desporto internacional”, a consagrada Anne Enright, que ainda antontem recebeu o mais prestigiado prémio literário do Reino Unido, acrescenta: “Não gostei dos McCann antes de toda a gente – e não me orgulho disso. Pensava que não gostava deles por terem deixado os três filhos sozinhos, mas, afinal, era ao não aceitarem que a filha provavelmente morreu. Queria que eles gritassem e chorassem – sou a primeira a não perceber porque é que ela não chora”.

“A maioria das pessoas parecia focada na linda mãe de Maddie e eu já estava centrada na forma de ele falar. Percebi que Gerry queria influenciar toda a investigação pela provocação. Tudo o que ele diz é mais próprio de um empresário do que de um pai desesperado – pode ser o que ele tem para dar, nós é que temos a ideia de que as empresas estão a mentir”.

Sobre Kate, a irlandesa de 45 anos diz nada ter contra “uma mulher bem parecida”, apesar do “desprezo pelas suas demonstrações de narcisismo em geral”. Em relação à noite do crime, Anne acredita que “eles nunca vão querer falar”. A última imagem que a escritora retém de Maddie, pelas fotografias, é de “sofrimento e dor”. Termina com ironia, ao dizer que se deita e no dia a seguir acorda “novamente humana, como os McCann”. O artigo já estava escrito antes da atribuição do prémio, mas está a causar polémica no Reino Unido.

À MARGEM

CONTRADIÇÕES

Depois de Clarence Mitchell ter dito que “Kate e Gerry são realistas e encaram a possibilidade de Maddie estar morta”, o pai a criança contraria o porta-voz do casal e garante no seu blogue não aceitar “a possibilidade Madeleine ter morrido”.

POLÍCIAS DESCANSAM

Alguns dos inspectores que estão na investigação do caso há cinco meses aproveitaram agora para tirar férias e folgas em atraso. A equipa foi reforçada e as análises do Laboratório de Inglaterra ainda não teriam ontem chegado, apurou o ‘CM’.

INML SEM RESULTADOS

O Instituto Nacional de Medicina Legal “naturalmente que não tem, nem teria de ter qualquer conhecimento” dos eventuais resultados do Laboratório de Birmingham, adiantou ao ‘CM’ fonte oficial, ao contrário do que foi ontem noticiado.

Portugueses acusam os McCann

São 38,6 por cento os portugueses que, actualmente, acreditam ter sido os pais de Maddie, Kate e Gerry McCann, a fazer desaparecer o corpo da filha, segundo uma sondagem da Aximage para o Correio da Manhã.

• 03 de Março, 00h30

• Nº de votos (0)

• Comentários (13)

Pelo contrário, 30,7% considera que os pais não tiveram qualquer responsabilidade e 30,7 não têm opinião. A mesma pergunta, feita em Setembro de 2007, dava 39,9% a considerar que eram culpados, apenas 26,8% disseram que não e eram 33,2% os que não deram opinião espontânea.

Quanto à PJ, 60,4% diz agora que tem vindo a actuar ‘bem’ neste caso, 11,9% ‘assim-assim’, 16,7% ‘mal’ e 11% ‘sem opinião’. Em Maio, 90,3% dizia ‘bem’ e só 2,1% ‘mal’. Numa escala de 0 a 100, o índice de avaliação à PJ caiu de 94,1 em Maio para 81,6 em Setembro e os 74,2 actuais.

SONDAGEM CM/AXIMAGE: CASO MADELEINE

AVALIAÇÃO NA ACTUAÇÃO DA PJ

- Na sua opinião, neste assunto da menina inglesa a PJ tem vindo a actuar:

BEM: 90,3% (Maio de 2007) / 74,8% (Setembro de 2007) / 60,4% (Fevereiro de 2008)

ASSIM-ASSIM: 3,0% (Maio de 2007) / 11,6% (Setembro de 2007) / 11,9% (Fevereiro de 2008)

MAL: 2,1% (Maio de 2007) / 7,9% (Setembro de 2007) / 16,7% (Fevereiro de 2008)

SEM OPINIÃO: 4,6% (Maio de 2007) / 5,7% (Setembro de 2007) / 11,0% (Fevereiro de 2008)

EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DA AVALIAÇÃO (Escala de 0 a 100)

94,1 (Maio de 2007) / 81,6 (Setembro de 2007) / 74,2 (Fevereiro de 2008)

RESPONSABILIDADE DOS PAIS DE MADDIE NO SEU DESAPARECIMENTO

- Acha que foram os próprios pais quem fez desaparecer o corpo da sua filha Madeleine?

SIM: 39,9% (Setembro de 2007) / 38,6% (Fevereiro de 2008)

NÃO: 26,8% (Setembro de 2007) / 30,7% (Fevereiro de 2008)

SEM OPINIÃO: 33,2% (Setembro de 2007) / 30,7% (Fevereiro de 2008)

FICHA TÉCNICA: Objectivo Caso Maddie UNIVERSO Indivíduos inscritos nos cadernos eleitorais em Portugal com telefone fixo ou telemóvel. AMOSTRA Aleatória e estratificada (região, habitat, sexo, idade, instrução e voto legislativo), polietápica e representativa do universo com 500 entrevistas telefónicas (272 a mulheres) PROPORCIONALIDADE A proporcionalidade pelas variáveis de estratificação é obtida com reequilibragem amostral TAXA DE RESPOSTA 74,8%. Desvio padrão máximo de 0,022. TÉCNICA Entrevista telefónica CATI TRABALHO DE CAMPO 21 e 23 de Fevereiro de 2008, RESPONSABILIDADE DO ESTUDO Aximage, com a direcção técnica de Jorge de Sá e João Queiroz.

Onde está Maddie?

Quais são, afinal, os factos que suportam a “precipitação” de que fala o director da PJ na constituição dos pais de Madeleine McCann como arguidos?

Os factos estão nos resultados preliminares do laboratório de Birmingham que colocam fluídos biológicos de Maddie num local ‘impossível’: o carro alugado pelos pais 20 dias depois do desaparecimento. Estes factos, em qualquer outro processo, não só dão para constituir arguidos como para defender a prisão preventiva. Dão para tanto, em qualquer outro processo, mas este não é um caso normal. Tem uma envolvimento diplomática óbvia, gerou uma incomodidade política evidente, é prejudicado por a valoração dos factos do inquérito ser divergente entre as cúpulas da PJ e da Procuradoria-Geral da República e os investigadores do caso. E a “precipitação” está precisamente aí, no facto de quem manda ter uma opinião diferente de quem é mandado sobre o caso. O que se passa agora é simples e está muito para lá da procura da verdade entre um rapto e um qualquer outro tipo de crime. Todos já perceberam que é muito mais confortável que a investigação se centre na busca universal de um raptor imaginário do que nos pais. É estrondosamente óbvio que já só estamos perante uma grande operação de controlo de estragos. O Governo não quer chamuscar-se neste fogo, as cúpulas das instituições judiciais querem sair airoso do caso, os ‘mexilhões’ da história, investigadores da PJ e imprensa vão ser os culpados de crucificar os pais e, porventura, até de ter feito desaparecer a menina... Alípio Ribeiro só não soube escolher a forma, a palavra e o momento.

Caso Rui Pedro

Momento do desaparecimento

MÃE DE RUI PEDRO CONFIANTE

Filomena Teixeira, mãe de Rui Pedro (jovem que há cinco anos desapareceu de Lousada) está confiante em poder de novo “abraçar” o seu filho. Contudo “o tempo passa e a dor aumenta”, sublinhou.

- [05 de Março 2003, 08h25](#)
- [Nº de votos \(0\)](#)
- [Comentários \(4\)](#)

Informada que uma nova equipa da Polícia Judiciária foi constituída para saber do paradeiro de Rui Pedro, a mãe reconheceu ser uma dificuldade para a investigação a mudança de imagem que o jovem hoje terá com 16 anos.

Polícias e Ladrões: Pistas de Pedofilia (1989)

Menino de onze anos desaparece de Lousada

Filomena Teixeira mantém o quarto do filho Rui Pedro tal e qual ele o deixou há nove anos: o poster de Sandra Bullock colado atrás da porta e a televisão e a consola de jogos no mesmo lugar. Os únicos elementos novos são imagens de santos alumeadas a lamparinas e um crucifixo sobre a Bíblia aberta no Cântico da Esperança – que Filomena repete como oração várias vezes ao dia.

- [15 de Abril, 00h00](#)
- [Nº de votos \(0\)](#)
- [Comentários \(1\)](#)

Por:Manuel Catarino

Rui Pedro desapareceu de perto de casa, em Lousada. Tinha 11 anos. Naquela tarde de 4 de Março de 1998, uma quarta-feira, o menino saiu das aulas: passou pela escola de condução do avô, onde a mãe trabalhava, e pediu-lhe autorização para dar uma volta com Afonso Dias – uma estranha criatura de Lousada, de cabelo sebo e de mal com a água de banho, que apesar dos 21 anos nada fazia e era habitual companheiro de brincadeira de rapazes com metade da idade. Filomena não deixou o filho ir com Afonso: lembrou-lhe que às cinco da tarde tinha que ir para a explicação. Foi a última vez que o viu.

Ao final da tarde, apareceu-lhe o professor: Rui Pedro não tinha ido à explicação. Ele nunca faltava. Filomena sentiu que alguma coisa de ruim tinha acontecido.

Nessa mesma noite, o povo de Lousada e patrulhas da GNR com cães-pisteiros vasculham todos os cantos da vila. Sem êxito. Os cães farejavam o rasto de Rui Pedro desde o terreno baldio nas traseiras da escola de condução, onde fora encontrada a bicicleta, até uma estrada de terra batida – e aí perdiam-lhe o cheiro. Nos dias seguintes, a mesma caminhada, agora sob as ordens de uma brigada da Polícia Judiciária. Nada.

Na investigação de desaparecimento, todos os minutos contam. É obrigatório reconstituir trajectos, hábitos, rotinas e ouvir amigos e familiares – quanto mais depressa melhor. Muito provavelmente, os investigadores da PJ chegaram demasiado tarde a Lousada – e o Afonso, com quem Rui Pedro queria ir dar uma volta, teria qualquer coisa de útil para contar.

Nas primeiras horas que seguiram ao desaparecimento, André, um primo de Pedro com a mesma idade, tinha uma informação: o Afonso tinha convidado os dois para irem ver prostitutas. André não foi porque a mãe o obrigou a ficar em casa, mas estava convencido de que o primo tinha ido com Afonso: Rui podia muito bem ter pensado que voltava a tempo da explicação e os pais nem chegavam a saber.

Ainda nessa noite, no posto da GNR de Lousada, Afonso Dias negou que tivesse estado com Rui Pedro. Mas uma vizinha do menino jurou que o viu a falar com Afonso. O avô materno de Rui, proprietário da escola de condução de Lousada, ouviu de Afonso um comentário que o deixou aterrado: se quisessem encontrar o rapaz, o que deviam fazer era fechar as fronteiras – disse-lhe, ainda no posto da GNR.

Afonso Dias vivia de fazer favores e recados por Lousada a troco do lanche ou de umas tantas moedas. Volta e meia, passava pela escola de condução para mandar faxes e cartas para amigos holandeses – com quem travara conhecimento nas célebres provas autocrosse que se disputavam em Lousada e juntava pilotos estrangeiros.

Ainda hoje, Filomena Teixeira acredita que Afonso sabe muito mais do que disse.

Poucos dias após o desaparecimento, uma mulher nova disse que viu Rui Pedro numa casa de passe do Porto – e encaminhou para lá os investigadores da Polícia Judiciária. A PJ descobriu que se tratava de um lugar de passagem: as raparigas não ficavam lá mais do que dois ou três dias – até serem enviadas para outros locais de prostituição. A

proprietária disse que a criança de quem falavam era, afinal, o seu sobrinho de seis anos. Mas a testemunha, sem a mais pequena hesitação, garantiu que não se tratava do mesmo rapaz. Ainda assim, a Polícia Judiciária também não seguiu esta pista até ao fim.

Em Setembro, seis meses depois de Rui Pedro ter desaparecido, o coração de Filomena disparou ao folhear a revista 'Caras'. Numa foto de Nuno Rogeiro e da mulher, na Eurodisney, nos arredores de Paris – lá estava, atrás do casal, um homem na companhia de uma criança que, se não era o Rui Pedro, era muito parecida. A mãe garante que é o filho. Filomena reconstituiu a cara desse homem misterioso. As investigações levaram a um segurança de uma discoteca do Porto. Mas esta pista também acabou por ser abandonada pela Polícia Judiciária. Rui Pedro terá hoje vinte anos.

PORMENORES

- Afonso Dias, que não trabalhava, comprou um carro pouco tempo depois do desaparecimento de Rui Pedro – acusa Filomena Teixeira.

- Afonso fez-se camionista de longo curso. Casou--se e foi viver para Freamunde. Filomena Teixeira, a mãe de Rui Pedro, guarda na secretária do filho pastas com todas as informações que recolheu – e não acredita que a Polícia Judiciária tenha seguido todas as pistas.

- Filomena colabora com organizações estrangeiras que se dedicam a descobrir crianças presas por redes pedófilas.

- Segundo a PJ, os processos de menores desaparecidos não são arquivados e continuam a ser investigados.

PISTA: PEDOFILIA

Quatro anos depois do desaparecimento de Rui Pedro, no início de 2002, os pais de Rui Pedro receberam a visita da Polícia Judiciária. Os investigadores levaram-lhes uma foto para eles identificarem. A imagem mostra uma criança amordaçada e amarrada, atordoada. Faz parte de um lote de sessenta mil imagens apreendidas pela polícia holandesa contra uma rede pedófila com ramificações na Polónia, Suécia, Ucrânia, Roménia e Portugal.

Filomena Teixeira ficou com a certeza de que o rapaz da foto é o Rui Pedro – pelas orelhas, os ombros, as sobrancelhas, os mamilos, o jeito do corpo. Pelas suas contas, a foto terá sido tirada uns seis meses depois do desaparecimento – não mais. Uma mãe não se engana no momento de reconhecer o filho.

ESTIVE COM RUI PEDRO EM JANEIRO DE 2001

Miguel' (nome fictício), um ex-prostituto, de 22 anos, garantiu ao CM que, em fins de Janeiro de 2001, esteve com Rui Pedro Teixeira Mendonça, o jovem de Lousada que está desaparecido desde o dia 4 de Março de 1998. "Encontrei-o numa pensão da Praça da Alegria, em Lisboa, que era onde íamos ter com os clientes.

• [20 de Junho, 00h00](#)

• [Nº de votos \(1\)](#)

• [Comentários \(26\)](#)

Por: Octávio Lopes

Quando entrei num dos quartos, vi dois senhores e uma criança. Após ter falado com os homens, decidi conversar com o miúdo. Perguntei-lhe o que fazia e de onde vinha. Respondeu-me que andava sempre a viajar e que não era de Lisboa. Notei que não queria dizer muita coisa. A dada altura, quis saber se ele tinha família e questionei-o sobre a mãe. Disse-me que era portuguesa, que já não a via há muito tempo e que não ia estar com ela nos próximos tempos. Disse, ainda, que tinha saudades dela."

O VÍDEO DE 'BIBI'

Além desse encontro, 'Miguel' assegura que dias mais tarde voltou a "ver" Rui Pedro. "Fui ter com um cliente à Pensão B. e dei de caras com Carlos Silvino, que já não via há alguns anos. Dei-lhe a cassete que me tinha sido dada pelo João Paulo. O Silvino perguntou-me se eu queria ver a cassete, antes de termos sexo. Disse que sim, embora não gostasse muito de filmes pornográficos. A dada altura fiquei impressionado com uma cena em que apareciam uma criança com três adultos. Vi essa cena duas ou três vezes. Não queria acreditar no que via: uma criança magríssima ser violentamente abusada por três homens. Pensei para mim: como é que ele aguenta com aquilo tudo. A criança era a mesma com quem eu tinha falado dias antes."

"CONTEI TUDO À PJ"

Nessa altura, porém, 'Miguel', ainda não sabia que o jovem com quem tinha conversado na pensão e que tinha visto numa cassete que entregara a Carlos Silvino era o desaparecido Rui Pedro. "Ainda em Janeiro/Fevereiro desse ano vi na banca a revista Visão [publicada no dia 8/2/2001], que tenho aqui comigo [e fez questão de mostrar].

Nessa edição aparece a história de Rui Pedro e duas fotografias. Uma tirada na altura em que o miúdo desapareceu e a outra retirada do computador de dois pedófilos ingleses. No texto, aparece um inspector da Interpol, Luís Bordadágua, a dizer que o miúdo que aparece nas fotos pode ser o Rui Pedro. Assim que vi, disse logo: esta é a criança que encontrei na pensão e que mais tarde vi na cassete do Carlos Silvino. Não tenho qualquer dúvida."

Depois desta descoberta, 'Miguel' afirma que ficou perturbado e que falou do assunto a algumas pessoas. "Uma amiga minha disse-me para não esquecer o que a mãe de Rui Pedro estava a sofrer. Em finais de Fevereiro ou início de Março de 2001, decidi, então, ir à polícia, apesar de saber que estava sujeito a levar um tiro do João Paulo. Fui primeiro a uma esquadra da PSP, no Conde Redondo, em Lisboa. Aí, os agentes mandaram-me à Polícia Judiciária. Foi o que fiz. E contei tudo o que sabia: desde a pensão até à cassete do Carlos Silvino. Levei mesmo os recortes da revista 'Visão'. Falei com dois inspectores, de cujo nome não me lembro. Sei que um deles tinha barba. Ao que tudo indica, não ligaram ao que eu lhes disse."

Entretanto, mais de dois anos depois, estala o escândalo da Casa Pia. 'Miguel' trabalhava nos bares dos comboios da CP. Como as conversas com os clientes giravam à volta de Carlos Silvino e das crianças abusadas sexualmente, Miguel diz que passava o tempo a defendê-las. "Eu também fui violado aos seis anos por um familiar, tal como Carlos Silvino e muitos dos jovens. O Silvino pode ser um monstro e deve ser punido, mas também sofreu e ninguém o ajudou quando era mais novo. E não tinha de estar a ouvir que as crianças estavam a inventar. Até cheguei a dizer que tinha sido

casapiano para as defender melhor. Houve muita gente que se revoltou contra mim e suspeito que alguém tenha falado em mim à PJ.” [E houve mesmo, dado que o CM falou com a pessoa que contactou a PJ e lhe falou de ‘Miguel’.] Em “finais de Março” deste ano, Miguel volta à PJ. “Um dia fui a Lisboa, de barco. Quando cheguei, na estação fluvial do Terreiro do Paço, tinha dois inspectores à minha espera. Disseram-me que lhes contasse, novamente, a história do Rui Pedro. Respondi que já o tinha feito e que se há dois anos não tinham acreditado em mim, agora também não o iam fazer. Mas eles asseguraram-me que isso não se ia repetir e que se alguém tinha cometido um erro no passado teria de ser responsabilizado.”

“PJ NÃO ME VAI DESMENTIR”

Após uma conversa de breves minutos, os inspectores pediram a ‘Miguel’ que os acompanhasse à PJ. “Repeti tudo o que já lhes havia dito. Só que, desta vez, cheguei mesmo a ir com os inspectores à pensão à procura do João Paulo. A mulher que estava na pensão, que ainda é a mesma do tempo de Rui Pedro, disse que o João Paulo já lá não ia. Na PJ fiz ainda vários telefonemas para o telemóvel que o João Paulo publica nos anúncios de jornal. Mas não cheguei a falar com ele, dado que ia sempre para as mensagens. Pedi também aos inspectores que me fosse dado apoio psicológico. Até hoje, nada. Antes de me ir embora, pediram-me para marcar um encontro com o João Paulo – o que ainda não consegui – e para nunca falar à Comunicação Social. Estou a fazê-lo, porque quero que o Rui Pedro não seja esquecido.”

‘Miguel’ adianta ainda que há “muita gente” que pode confirmar tudo o que disse ao CM: “Duvido que a PJ me venha desmentir. Se o fizer, apresentarei testemunhas que sabem que eu fui à PJ e que conhecem a história do que se passou comigo e com o Rui Pedro. Além disso, não sou estúpido ao ponto de estar a fazer uma declaração falsa, colocando em risco a minha liberdade”.

A concluir, afirma que só não dá a cara, porque quer arranjar um emprego: “Infelizmente, não estou nas mesmas condições de Pedro Namora, uma pessoa que admiro muito. Gostava de ser tão forte como ele e não estar a esconder-me atrás de uma máscara. Mas, se a tirar, como é que eu vou viver?”

CRONOLOGIA

O DIA DO DESAPARECIMENTO

No dia 4 de Março de 1998, em Lousada, Rui Pedro pegou na sua bicicleta, saiu de casa e cerca das 14 horas passou no escritório da mãe, Filomena Teixeira, a pedir autorização para sair de carro com um amigo chamado Afonso, de 22 anos. A mãe recusou o pedido e disse ao filho para ir brincar para um terreno baldio atrás do seu escritório. Foi a última vez que viu o filho.

Os pais do jovem, hoje com 16 anos, aperceberam-se do desaparecimento do filho, ao final da tarde quando o professor de explicações os informou que o seu aluno não tinha comparecido. A família começou de imediato à procura de Rui Pedro e durante as buscas veio a saber-se que um vizinho tinha encontrado às 15 horas a bicicleta de Rui, no mato. A família procurou de imediato o amigo Afonso, com quem o jovem tinha pedido para sair, mas ele negou, desde logo, ter visto Rui Pedro.

AS PISTAS QUE SURGIRAM

Segundo a família, Afonso, que negou ter estado com Rui Pedro, foi visto por testemunhas no dia e no local onde o jovem agora desaparecido tinha estado a andar de bicicleta. As testemunhas referem terem visto os dois a conversar, estando Afonso num Fiat Uno preto. O primo de Rui Pedro, André Mendonça, que nesse dia esteve com ele a andar de bicicleta, confessou mais tarde que os dois tinham sido abordados por Afonso que os convidou a entrar no Fiat preto e lhes prometeu “irem ver prostitutas”.

Passado um mês do desaparecimento, em Abril de 1998, Rui Pedro terá sido visto na Eurodisney, em Paris, na companhia de um homem com idade entre os 40 e os 50 anos. Numa reportagem que saiu em Maio na revista ‘Caras’ sobre a ida de Nuno Rogeiro àquele parque de diversões, a mãe de Rui Pedro terá reconhecido o filho numa das fotografias, mesmo atrás do analista e da sua família.

Na altura, a polícia admitiu que o homem que estava na Eurodisney com Rui Pedro era muito parecido com um senhor que vivia perto de Lousada.

ESTRANHOS INDÍCIOS

Desde o desaparecimento de Rui Pedro que a sua família tem falado da descoberta de estranhos indícios que os levam a pensar na existência de uma rede de cumplicidades. Entretanto, surgiram novos factos, como o de um homem que residia em Lousada e era conhecido por estar relacionado com o mercado de filmes pornográficos, cujo pai regressou de França para Portugal na altura em que Rui Pedro desapareceu, por ter sido demitido do seu local de trabalho por suspeita de pedofilia.

FOTO E CARTAS MISTERIOSAS

Uma das poucas pistas que surgiu ultimamente foi uma fotografia, encontrada entre milhares por uma jornalista da TVI num ‘site’ de pedofilia. A mãe de Rui Pedro garante que é o seu filho, mas até agora ainda não se descobriu a origem da fotografia. Outro dos mistérios surgiu logo depois do desaparecimento de Rui Pedro, quando um indivíduo de 30 anos foi detido pela Polícia Judiciária do Porto por tentativa de extorsão. O homem escreveu duas cartas anónimas à família do Rui Pedro a dizer que sabia a localização do jovem, exigindo dinheiro pela informação, que era falsa.

JOÃO PAULO DISSE-ME QUE O MIÚDO DESAPARECIDO NÃO ERA DELE

João Paulo é uma personagem-chave na “história” dos encontros de ‘Miguel’ com Rui Pedro. “Conheci-o, porque resolvi responder a um anúncio de um jornal em que se procuravam rapazes para acompanhamento de cavalheiros. Liguei para um número de telemóvel e falei com um tipo de 30 e tal anos chamado João Paulo. Fui a um bar na Praça da Alegria. A coisa correu bem e ele aceitou-me. Marcava-me os clientes, sempre através do telemóvel. O João Paulo exigia que todos os que trabalhassem para ele tivessem telemóvel. Muitas vezes, o encontro era na pensão onde encontrei o Rui Pedro. A dona nunca dizia nada. Só queria os dois contos do quarto. Quando chegávamos, o cliente já lá estava. Também fiz viagens de duas e três horas para estar com as pessoas que recorriam aos serviços do João Paulo. Levava sempre uma casquete que tinha de entregar aos clientes. Durante os 13 meses que estive com ele entreguei mais de 20.”

‘Miguel’ assegura que falou de Rui Pedro a João Paulo. “Quando lhe disse que era o miúdo desaparecido, retorquiu-me

que não sabia de nada, que o miúdo lhe tinha sido emprestado e que o ia devolver. Mais tarde, disse-me que alguém da PJ lhe tinha dito que uma pessoa lá tinha ido contar que tinha visto o Rui Pedro e que já tinha mandado embora o miúdo. A partir daí, nunca mais falei com o João Paulo.”

CARLOS SILVINO ABORDOU-ME QUANDO TINHA 7/8 ANOS

Dos encontros com ‘Bibi’, ‘Miguel’ afirma que tinha 7/ 8 anos quando foi abordado, pela primeira vez, pelo alegado pedófilo da Casa Pia. “Foi na rampa da Estufa Fria, em Lisboa. Eu andava por lá e um dia parou uma carrinha. Ele perguntou-me o nome e o que é que eu estava a fazer. Respondi-lhe que estava a dar uma volta e à procura de dinheiro. Pedi-lhe dois mil escudos. Ele acedeu e fomos para o largo do Hospital de Santa Maria. Praticámos sexo dentro da carrinha. Dois dias depois voltou a procurar-me e, dessa vez, fomos para uma pensão, perto da Praça de Espanha. A partir daí fiquei um cliente regular dele, mas, nessa altura, não me disse que trabalhava na Casa Pia. Andei com ele até aos 14/15 anos. Só o voltei a ver em Janeiro de 2001.”

De Carlos Silvino refere, ainda, que nunca viu o alegado pedófilo levar crianças da Casa Pia para o Parque Eduardo VII: “Mas ele ia muitas vezes praticar sexo com miúdos de 8/9 anos que andavam por lá e que toda a gente sabia serem alunos da Casa Pia. Um deles era o Russo. Conheci-o bem, porque foi muitas vezes comigo.”

Momento - Atribuição de culpa

O caso Rui Pedro

O longo e penoso processo judicial que se seguiu ao desaparecimento de Rui Pedro é trágico e indecoroso. Trágico, porque só ao fim de década e meia, com a condenação do principal suspeito de rapto, nasce a esperança de que a Justiça ainda será capaz de dar algum conforto aos pais.

- [07 de Março, 01h00](#)
- [Nº de votos \(9\)](#)
- [Comentários \(3\)](#)

Por:Manuel Catarino, Subdiretor

Indecoroso, porque o calvário apenas foi possível pela incúria dos magistrados do Ministério Público de Lousada – que, sem um arrepio de consciência, não só foram cúmplices da negligência da Polícia Judiciária (neste caso, um dos piores exemplos da história da investigação criminal) como deixaram o processo adormecer até à beira da prescrição.

Rui Pedro desapareceu no dia 4 de março de 1998. A primeira brigada da PJ chega a Lousada no dia seguinte, mas rapidamente se desinteressa.

O processo teria prescrito não fosse ter sido avocado em 2008 pelo Departamento Central de Investigação e Ação Penal. O procurador Vítor Magalhães encontrou então aquilo que os colegas de Lousada nunca conseguiram ver: indícios suficientes para levar Afonso Dias a julgamento.

Jovem desapareceu há treze anos

Rui Pedro: Principal suspeito do desaparecimento acusado de rapto

O principal suspeito do desaparecimento de Rui Pedro há treze anos foi acusado de rapto. O Ministério Público deduziu a acusação este sábado.

- [26 de Fevereiro, 19h44](#)
- [Nº de votos \(39\)](#)
- [Comentários \(7\)](#)

Afonso Dias, camionista, na altura com 21 anos, foi a última pessoa a ser vista com Rui Pedro em Lousada, que desapareceu a 4 de Março de 1998.

Desde esse momento que era interrogado pelas autoridades sobre o desaparecimento do jovem, reclamando sempre inocência. Em 1999 foi constituído arguido.

Entre vários testemunhos ouvidos pela Polícia Judiciária está o de uma prostituta que afirmou ter sido paga por Afonso Dias para ter relações sexuais com o menor.

SAIBA TODOS OS PORMENORES DO RAPTO NA EDIÇÃO DE DOMINGO DO JORNAL 'CORREIO DA MANHÃ'.

Lousada

Acusado raptor de Rui Pedro

Quase 13 anos depois do desaparecimento.

- *27 de Fevereiro, 00h30*
- *Nº de votos (47)*
- *Comentários (26)*

Por: Eduardo Dâmaso/Tânia Laranjo/Ana Isabel Fonseca

Quase 13 anos depois de Rui Pedro ter desaparecido de casa, em Lousada, o Ministério Público deduziu acusação por rapto qualificado contra Afonso Dias, de 33 anos, a última pessoa a ser vista com o menino. Arrisca uma pena de prisão entre dois a dez anos. O processo, que esteve a cargo do Departamento Central de Investigação e Acção Penal, termina sem responder à pergunta-chave. O que aconteceu a Rui Pedro? Está vivo ou morto? A família, ontem notificada, não comenta (ver caixa).

O Ministério Público deixa as várias possibilidades em aberto. As suspeitas que apontavam para a existência de uma rede de pedofilia nunca se confirmaram, e não surgiu qualquer indício que levasse a pensar que o menino estava morto. O procurador Vítor Magalhães, que teve a seu cargo o processo Freeport, não tem dúvidas de que Afonso Dias, que tinha combinado levar o menor a um encontro com prostitutas, é o responsável pelo desaparecimento.

A acusação relata que a 4 de Março de 1998 Rui Pedro combinou um encontro com Afonso. Dez anos mais velho, o "arguido sabia que conseguia convencer facilmente o menor, pelo que o convidou, juntamente com o primo, a encontrarem-se para ir ter com prostitutas", pode ler-se na acusação do Ministério Público. João André, o primo, não foi, ao contrário de Rui Pedro, que almoçou à pressa no restaurante da família, e por volta das 15h00 estava num descampado junto à escola, à espera de Afonso. Minutos antes tinha pedido permissão à mãe para sair com aquele.

Filomena Teixeira recusou, mas Rui Pedro não respeitou a proibição da progenitora, e quando viu o Fiat Uno chegar ao descampado largou a bicicleta e entrou no carro de Afonso. Os amigos assistiram a tudo e viram Rui Pedro partir.

Dali, o menor seguiu com o arguido para a Estrada Nacional 106, em Lustosa. Pararam para falar com uma prostituta, a quem Afonso ofereceu dez euros para manter relações sexuais com o menino.

No entanto, Rui Pedro hesitou no último momento, abandonou a prostituta e entrou novamente no carro. Afonso arrancou então em direcção a Lousada. De acordo com a prostituta, o menino abandonou o local no mesmo veículo em que tinha chegado.

Por volta das 18h45, Afonso chegou a casa da namorada, em Freamunde. Mas estava sozinho. Rui Pedro já tinha desaparecido – e quase 13 anos depois o destino do menino continua a ser um mistério para todos.

Afonso nunca conseguiu explicar à Polícia Judiciária que investigaram o caso onde esteve e o que fez entre o momento em que abandonou a prostituta e voltou a Freamunde, já sem Rui Pedro.

AMIGO DA FAMÍLIA DE RUI DESDE 1995

Afonso Dias aproximou-se da família Mendonça em 1995, altura em que tirou a carta de condução na escola da família de Rui Pedro. Após obter a carta, continuou a frequentar o local e convivia com Rui Pedro e com a irmã Carina, dois anos mais nova. Entre 1996 e 1997, Afonso cumpre o serviço militar, e quando regressa volta a aproximar-se de Rui Pedro. Os pais do menino mostram-se desagradados, até porque o arguido era dez mais velho do que o filho. Afonso continuou porém a encontrar-se com Rui Pedro e com o primo deste, e convidava-os para irem rebentar foguetes ou encontrar-se com prostitutas.

PAIS E IRMÃ DO DESAPARECIDO NÃO COMENTAM

Os pais e a irmã de Rui Pedro souberam ontem da dedução da acusação do Ministério Público. "Soubemos pela Polícia Judiciária. A minha mãe não está em condições para falar e não vamos comentar mais nada", disse ao CM a irmã, Carina Liliana. O advogado da família, Ricardo Sá Fernandes, considerou que a acusação serve de "consolação". A mãe de Rui Pedro, Filomena Teixeira, sofreu uma depressão em 2007.

JUDICIÁRIA TENTOU ENCONTRAR MENINO

A possibilidade de encontrar Rui Pedro com vida foi um dos principais motivos que levaram a que a investigação se prolongasse por quase 13 anos. A constante necessidade de avaliar inúmeras informações/denúncias que chegavam ao processo complicaram a investigação. O MP considera que, embora não se saiba concretamente o que aconteceu ao menino, a investigação deve ser encerrada, face ao longo período de tempo que já passou.

A PJ do Porto investigou inúmeras pistas que indicavam que Rui Pedro estava em Portugal, em Espanha, França e Suíça. Em nenhuma das situações foi encontrada qualquer confirmação. Os últimos locais onde o menor terá estado foram analisados ao pormenor por cães-pisteiros, foram feitos exames e buscas no descampado e nas matas associadas à prostituição. As autoridades reconstruíram os passos de Rui Pedro até às 15h30 de dia 4 de Março de 1998. Afonso nunca conseguiu explicar o lapso temporal existente na sua versão: não especifica onde esteve entre essa hora e as 18h45.

PAI GARANTIA SEMELHANÇAS

Um mês após o desaparecimento de Rui Pedro, a revista 'Caras' publicou uma reportagem de uma visita à Eurodisney, em Paris. Na imagem, via-se um menor bastante parecido com o menino de Lousada. Manuel Mendonça jurava que era o filho.

FOTOS PEDÓFILAS VERIFICADAS

Em Julho de 2000, uma nova pista deu alento aos pais da criança. No âmbito de uma operação internacional contra redes de pedofilia, foram destacadas duas fotografias de um jovem com muitas semelhanças a Rui Pedro. Os pais, mais uma vez, confirmaram que aquele podia ser o seu filho.

Momento do desaparecimento

Onde está Maddie?

Publicado em 2007-05-05
MARISA RODRIGUES

"Quem viu ou tiver a nossa menina que a devolva para junto da mamã, do papá, da irmã e do irmão". A declaração de Gerry McCann, pai de Madeleine (Maddie, como era chamada), de apenas três anos, desaparecida anteontem à noite de um empreendimento turístico da Praia da Luz, em Lagos, foi curta e sem direito a perguntas. A mulher, Kate, manteve-se a seu lado em silêncio. O pedido foi feito à noite, horas depois de os pais da criança terem deixado as instalações da Polícia Judiciária (PJ) de Portimão, onde foram ouvidos durante quase todo o dia.

"Por favor não lhe façam mal. Compreendam a nossa dor", pediu o pai, no final do pequeno discurso que preparou para ler os jornalistas à entrada do Mark Warner Ocean Summer Club.

A PJ não presta declarações sobre o caso. Fonte ligada à investigação afirmou ao JN ser prematuro corroborar a tese de raptou avançada pelos progenitores. Disse, no entanto, que os indícios recolhidos não revelam quaisquer sinais de arrombamento, como o casal afirmou inicialmente aos jornais britânicos.

Horas críticas

Por volta das 19.30 horas, o casal de médicos, originário de Leicester, Inglaterra, deixou o apartamento onde passava férias pela primeira vez para jantar num restaurante do "resort", a cerca de 50 metros. Maddie ficou no quarto a dormir com mais dois irmãos (um casal de gémeos com apenas dois anos). "Dizem que de meia em meia hora verificavam como estavam as crianças. Por volta das 22 horas repararam que a janela estava aberta", contou ao JN Susan Moice, inglesa, hóspede no empreendimento. "Dividimo-nos em grupos e iniciámos as buscas", acrescentou. Como os esforços se revelaram infrutíferos, a GNR foi alertada, o que só aconteceu cerca das 23h50. Com a ajuda de dezenas de cães, as buscas tiveram início ainda durante a noite e ainda se mantêm.

Após o alerta dos pais, o gerente do empreendimento, John Hill, garante ter visto "os estores ligeiramente levantados e a janela de vidro entreaberta. Não havia sinais de arrombamento". Disse ainda que o "resort" (sem sistema de videovigilância nem segurança privada) dispõe de um serviço de "babysitting" que "não foi requisitado pelos pais".

O apartamento, situado num rés-do-chão, foi selado para investigações. Inspectores da PJ estiveram no local à procura de vestígios, como impressões digitais e pegadas. Populares, turistas e comunidade inglesa residente na zona ajudaram nas buscas e afixaram cartazes em português e inglês com a foto da menina.

Os meios acabariam por ser reforçados ao início da tarde de ontem. À GNR juntou-se um helicóptero dos Bombeiros e Protecção Civil, Polícia Marítima e funcionários camarários. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, aeroportos e polícia espanhola também foram informados.

Apesar da grande exposição mediática do caso no Reino Unido, José Dias, da Região de Turismo do Algarve, não teme pela a imagem do Algarve. "Continua a ser um destino seguro. Parece-me que se tratou de um descuido dos pais e não de um problema de falta de segurança", declarou.

PJ já tem retrato-robô de raptor

Publicado em 2007-05-06
ALEXANDRA SERÓDIO E MARISA RODRIGUES

Casas, jardins, parques de campismo, estradas de acesso à Praia da Luz e até caixotes do lixo. Todos os locais próximos do apartamento em Lagos de onde a pequena Madeleine desapareceu quinta-feira foram ontem passados a pente fino. A menina de três anos poderá ainda estar na região, acreditava a Polícia Judiciária (PJ), que de manhã revelou que tudo aponta para que "Maddie" tenha sido raptada.

"Já temos um retrato-robô", garantiu aos jornalistas o director da PJ de Faro, Guilhermino Encarnação, sem adiantar pormenores sobre o suspeito. "Nesta fase é prejudicial para a criança, que acreditamos ainda estar viva", acrescentou. O esboço foi feito com base no relato de testemunhas, admitiu ainda o responsável da PJ, que age em colaboração com a Europol e Interpol. Ontem à tarde chegaram três oficiais de ligação da polícia de Leicester (Inglaterra) de onde é natural a família MacCann.

Na caça ao homem, inspectores da PJ, acompanhados de um funcionário do aldeamento com um molho de chaves, bateram a todas as portas dos apartamentos. Os que estavam vazios eram imediatamente abertos.

O acesso continua vedado. Nas imediações estiveram durante todo o dia dezenas de militares da GNR (que mantêm um posto móvel no local desde sexta-feira), bombeiros e elementos da Cruz Vermelha, também envolvidos nas buscas a pé. Uma lancha salva-vidas da Polícia Marítima com quatro homens patrulhou a costa. Nas estradas de acesso à Praia da Luz eram visíveis várias operações "stop". Nos parques de campismo locais os cães farejaram "bungalows".

Pela segunda vez, os pais da menina, Gerry e Kate McCann, apresentaram-se ontem à noite aos jornalistas. Sem responder a perguntas, o progenitor leu uma breve declaração, em que voltou a lançar um apelo "Quem tiver a Maggie, que a devolva. Agradecemos à polícia portuguesa e aos oficiais de Leicester todo o apoio que nos têm dado", disseram. Madeleine tem cerca de 90 centímetros de altura, cabelo castanho claro e olhos azuis esverdeados. Quando desapareceu tinha vestido um pijama de calças brancas e camisola cor-de-rosa. Faz quatro anos no próximo dia 12.

Buscas alargadas

Publicado em 2007-05-07

0 0 0

Vieram de Lisboa e pertencem à Escola Prática da GNR. Várias equipas de guardas e cães pisteiros estão desde sexta-feira vasculhando cada poço, casa abandonada, serra e matas. O método é preciso. "Utilizamos o sistema de batida em linha, ou seja, colocamos uma equipa de 100 em 100 metros e depois é dada ordem aos cães para avançar", explica o primeiro-sargento António Silva, chefe de uma das equipas.

"Os animais reconhecem o odor humano e quando o sentem ladram", frisa o militar, garantindo que nestes dias já percorreram muitas dezenas de quilómetros a pé. "Inspeccionámos a vegetação, matas, dunas, praia, rochas, casas abandonadas, vacarias e o parque de campismo", revelou.

Não são todas as raças que servem. Para a Praia da Luz, a GNR trouxe golden retriever, cocker spaniel, pastor alemão, schnauzer gigante, border collie e um retriever labrador. São animais que, segundo António Silva, participaram, em 11 anos, em 130 buscas, tendo localizado 24 pessoas vivas e 23 já cadáveres. "Já encontrámos pessoas vivas que tinham desaparecido há mais de 36 horas", contou o militar, que não quis fazer qualquer tipo de comentário sobre o caso de Maddie.

Dada a ausência de resultados, o perímetro de buscas foi ontem alargado a um raio de 10 quilómetros, entrando noutras freguesias. Várias operações foram montadas, nomeadamente nas zonas de fronteira com atenção especial às viaturas com crianças.

Momento atribuição de culpa

Sangue no quarto dos Mc Cann

Publicado em 2007-08-06

ALEXANDRA SERÓDIO, , MARISA RODRIGUES , E NUNO MIGUEL MAIA

0 0 0

Vestígios de sangue de uma pessoa morta, presumivelmente da pequena Madeleine, foram descobertos numa parede do quarto ocupado pelo casal McCann, no apartamento do "Ocean Club", em Lagos, de onde a menina desapareceu, no dia 3 de Maio. O facto situa a morte da criança dentro do apartamento, mas não é certo para os investigadores que se tenha tratado de homicídio, apesar de, e de acordo com os elementos recolhidos pelos peritos forenses, alguém ter tentado limpar os referidos vestígios. Pelo contrário, o JN sabe que a explicação encarada como mais provável nesta altura para explicar a morte de "Maddie" - já dada como praticamente certa - é de que se tenha tratado de um acidente.

As novas provas terão sido descobertas no início da passada semana, graças ao uso de cães ingleses especialmente treinados para detectar vestígios biológicos de pessoas mortas (ver caixa), independentemente do período de tempo passado desde que foram deixados. Os investigadores estão convencidos de que o sangue pertence a Madeleine, mas aguardam ainda o resultado de análises mais detalhadas para que a suspeita seja confirmada.

Durante o dia de anteontem e parte da madrugada de ontem, aliás, o apartamento dos McCann continuou a ser submetido a intensos exames pelos técnicos da PJ, com recurso, nomeadamente, a fontes de luz ultravioleta. Numerosas fotografias foram igualmente tiradas, como o JN presenciou.

Novos interrogatórios

A descoberta lançou uma perspectiva completamente nova sobre o caso e poderá vir a fazer centrar as investigações no círculo familiar da criança e nos amigos mais próximos dos McCann. A possibilidade de novos interrogatórios a estes protagonistas do caso não está posta de parte.

Chave do carro dos Mc Cann acusou odor de um cadáver

Publicado em 2007-08-25
ALEXANDRA SERÓDIO, E NUNO MIGUEL MAIA

0 0 0

Os cães ingleses que estão a auxiliar a Polícia Judiciária na investigação do caso Maddie acusaram um forte odor a cadáver na chave do carro utilizado pelo casal McCann. A par disso, os animais detectaram uma amostra de sangue no porta-bagagens do monovolume Renault Scenic, alvo de vistoria a par de vários outros carros de amigos dos pais de Madeleine.

Estes pormenores, apurados pelo JN, causaram estranheza na mente dos investigadores precisamente pelo facto de, aparentemente, o veículo só ter vindo para as mãos dos McCann várias semanas após o desaparecimento, a 3 de Maio, no Ocean Club, da Praia da Luz, Lagos. Daí que também estejam a ser investigadas as pessoas que, antes, alugaram o carro. São colocadas várias possibilidades de explicação. Inclusive uma eventual "contaminação" de odores, mediante o contacto da chave utilizada por Gerry com outros materiais, que, por sua vez, tenham tocado num cadáver.

Exames repetidos

A mancha de sangue encontrada no porta-bagagens é uma das amostras que, juntamente com os vestígios recolhidos numa parede e numa cortina do apartamento onde estava a família, estão a ser analisadas no Laboratório de Birmingham, em Inglaterra. O local onde foi encontrado o vestígio de sangue, acompanhado da reacção ao odor da morte, da parte de outro cão "springer spaniel", indicia precisamente que um cadáver poderá ter estado naquela mala.

A demora na apresentação de resultados (quase três semanas) está a suscitar perplexidade no seio da investigação, havendo quem levante a hipótese de interferências ao mais alto nível do poder político em Inglaterra, dado o envolvimento governamental com o casal McCann - um dos seus assessores é também assessor do actual primeiro-ministro, Gordon Brown.

Todavia, para alguns investigadores, este atraso "para já, não é estranho", dado que "há a consciência que as amostras eram reduzidas e provavelmente estavam contaminadas". A PJ, porém, já foi informada de que os exames demoram mais tempo a terminar, sobretudo nos casos em que as amostras de ADN correspondem aos perfis genéticos investigados. Caso contrário, são mais rápidos. Todas as provas e contraprovas têm que ser repetidas, de forma a que os resultados tenham margens de erro mínimas. Fonte do laboratório inglês garantiu ao JN que as análises não estão ainda concluídas e continua sem revelar a data em que os dados serão comunicados à polícia inglesa que, por sua vez, os encaminhará para a PJ.

Mais diligências

Conforme o JN noticiou, os polícias e os cães britânicos foram para Inglaterra efectuar diligências junto dos amigos dos McCann. No Algarve, enquanto não chegam os resultados dos exames, a PJ continua a efectuar inquirições a testemunhas já ouvidas numa fase anterior da investigação.

Foi neste contexto que anteontem decorreu uma reunião entre os investigadores e o Ministério Público. Ontem, dois polícias ingleses também estavam em Portimão. O encontro com o procurador titular do caso serviu para ser feito um ponto de situação, com e análise dos indícios recolhidos até ao momento, e para delinear estratégias a seguir na investigação.

Polícia inglesa descobriu provas contra pais de Maddie

Publicado em 2010-12-13

0 0 0

Alexander Wykeham Ellis, embaixador inglês em Lisboa em 2007, admitiu ao seu homólogo norte-americano na capital portuguesa, Alfredo Hoffman, que tinha sido a Polícia inglesa a encontrar provas contra os pais de Madeleine, segundo um telegrama confidencial obtido pela WikiLeaks e divulgado hoje, segunda-feira, pelo jornal "El País".

O telegrama, hoje, segunda-feira, divulgado pelo jornal espanhol "El País", é datado de 28 de Setembro de 2007 e refere-se a um encontro entre os dois diplomatas que decorreu em Lisboa a 21 de Setembro.

Entre vários outros temas, incluindo a Rússia e o Zimbabué, os diplomatas discutiram o desaparecimento de Madeleine McCann, no Algarve, em Maio desse ano, numa altura em que se mantinha grande atenção mediática sobre o assunto.

"Sem aprofundar nos detalhes do caso, Ellis admitiu que a polícia inglesa tinha desenvolvido as provas actuais contra os pais McCann, destacando que as autoridades dos dois países (Portugal e Reino Unido) estavam a cooperar", escreve o embaixador no telegrama descrito como "confidencial".

O diploma britânico admitiu ainda ao diplomata norte-americano que a atenção da Imprensa era esperada e "aceitável" desde que "os oficiais do governo mantivessem os seus comentários à porta fechada".

O jornal "El País" refere que este é o único telegrama - do leque de 250 mil obtidos pela organização WikiLeaks - que menciona o caso do desaparecimento de Madeleine da Praia da Luz

Caso Rui Pedro

Momento do desaparecimento

Menino de Lousada no site "www.ruipedro.net"

Publicado em 2007-05-28

0 0 0

A mãe de Rui Pedro, desaparecido há nove anos, decidiu seguir o exemplo dos pais de Madeleine e criou um site com fotos e toda a história do rapto do filho na esperança de ainda o poder encontrar.

"Faz já nove anos que o Rui Pedro desapareceu. Nos nossos corações vive a esperança de ainda o podermos encontrar. Nunca havemos de desistir. Este novo site foi criado com essa intenção, encontrar o Rui Pedro", lê-se no site (<http://www.ruipedro.net>)

A criação do site foi anunciada por Filomena Teixeira, mãe de Rui Pedro, no Dia Internacional das Crianças Desaparecidas assinalado em Lisboa com uma conferência europeia, em que também participou Manuela Eanes. Rui Pedro, que é uma das sete crianças portuguesas desaparecidas nos últimos anos, foi visto pela última vez a 4 de Março de 1998 em Lousada quando tinha onze anos. Nove anos depois a mãe continua a acreditar que um dia encontrará o filho e apela a um reforço dos meios das autoridades portuguesas para a investigação destes casos.

"É essencial que se dê meios e a todos os que estão envolvidos nestas investigações. É preciso que todos colaborem", disse Filomena Teixeira. Há nove anos, adiantou, este problema do rapto de crianças não se colocava Na maioria das vezes pensava-se que tinha fugido de casa. "Hoje já não é assim", disse, adiantando, contudo, que ainda há um caminho a fazer como, por exemplo, a actualização da imagem das crianças desaparecidas. "Esta é uma das coisas que gostava que se fizesse. No caso do meu filho, por exemplo, que desapareceu com onze anos, hoje tem 20 anos".

A criação de um site foi uma das iniciativas desenvolvidas após o desaparecimento de Madeleine, em que o Governo britânico, para ajudar os pais da menina inglesa, anunciou criação de uma página na Internet. Esse site(<http://www.findmadeleine.com>) tinha atingido 128 milhões de visitas.

Rui Pedro desaparecido há nove anos

Publicado em 2008-05-21

0 0 0

Rui Pedro Teixeira Mendonça foi visto pela última vez na sua terra natal, em Lousada, a 4 de Novembro de 1998, tinha 11 anos. Depois de almoço, tinha ido andar de bicicleta perto da sua residência e pedira à mãe autorização para andar de carro com um amigo mais velho, Afonso, de 22 anos. A mãe não autorizou e também não voltou a ver o filho. Passaram 9 anos e desde aí as pistas para o encontrar revelaram-se sempre infrutíferas, quer em Portugal quer no estrangeiro. Os pais do menino de Lousada continuam a acreditar que um dia encontrarão o seu filho e não poupam esforços na divulgação de imagens e pedidos de ajuda.

PJ desconhece novas diligências sobre desaparecimento de Rui Pedro

Publicado em 2007-11-08

0 0 0

A PJ/Porto desconhece a existência de qualquer nova diligência em torno do processo do desaparecimento em 1998, em Lousada, de Rui Pedro, então com 11 anos, garantindo que “não apareceu nenhum dado novo”.

Uma fonte da Secção Regional da Brigada de Combate ao Banditismo afirmou à agência Lusa que, “embora o processo não tenha sido arquivado, como é norma em casos semelhantes, também não registou avanços por falta de provas”.

A fonte precisou que a Brigada não tem conhecimento de qualquer elemento novo, nem recente nem nos últimos anos, que possa conduzir ao paradeiro do Rui Pedro, sublinhando que “também não há nenhuma diligência” pedida pelo Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP), situado em Lisboa, no âmbito do inquérito. “Ninguém foi, recentemente, constituído arguido ou interrogado”, afirmou a fonte, frisando que um dos suspeitos, Afonso Dias, que teria sido a última pessoa a ver o Rui Pedro, foi constituído arguido ainda em 1998, mas sem que nada se provasse de concreto sobre o seu envolvimento no misterioso desaparecimento da criança.

O advogado dos pais de Rui Pedro disse hoje que está a ser explorada uma nova linha de investigação deste processo que não tinha sido considerada no início.

Em declarações à Agência Lusa, Ricardo Sá Fernandes disse que não pode falar sobre o processo por se encontrar em segredo de Justiça, mas adiantou que desde há dois anos que existe uma nova linha de investigação.

Momento – Atribuição de culpa

Ministério Público acusa de rapto o único suspeito no caso de Rui Pedro

Publicado em 2011-02-26

3 0 0

O Ministério Público acusou Afonso Dias de crime de rapto do jovem Rui Pedro, desaparecido há 13 anos em Lousada. A Acusação baseia-se nos testemunhos de pessoas que viram Rui Pedro no dia do desaparecimento. Afonso Dias foi a última pessoa vista com Rui Pedro.



Rui Pedro desapareceu dia 04/03/1998

O procurador Vitor Magalhães acusa Afonso Dias de rapto, um crime punível com dez anos de prisão.

A acusação surge depois de ouvidos testemunhos de pessoas que viram Rui Pedro

Segundo o "Diário de Notícias", o Ministério Público afirma que Afonso Dias raptou o menor Rui Pedro, na altura com 11 anos de idade, no dia 4 de Março de 1998.

O testemunho de uma prostituta terá convencido a Ministério Público de que Afonso Dias levou o menor para um encontro de cariz sexual e que sabe o que aconteceu a Rui Pedro.

Segundo Ricardo Sá Fernandes, a acusação do Ministério Público foi deduzida a 11 de Gevereiro, mas só hoje é que o acusado -- Afonso Dias -- foi notificado.

Ministério Público "está a lavar a imagem" no caso de Rui Pedro

Publicado em 2011-02-27

2 0 0

O criminologista Barra da Costa considera que a acusação do principal suspeito do desaparecimento de Rui Pedro de crime de rapto é "uma forma de o Ministério Público lavar a cara". O inspector-chefe da Polícia

Judiciária duvida que a acusação vá resultar "em alguma coisa" e lamentou que a investigação não tenha feito o seu papel, esperando 48 horas até iniciar o seu trabalho.

"Nunca será feita justiça, porque esta não será célere nem eficaz", afirmou à Lusa, acrescentando que a investigação deveria conduzir à descoberta do rapaz, o que não aconteceu.

"Parece-me que o Ministério Público está a lavar a imagem", sublinhou, referindo-se ao tempo que passou desde o desaparecimento de Rui Pedro: 13 anos.

Para Barra da Costa, "o problema deste processo começa quando se demora 48 horas até começar a investigação".

"Em cada 100 crianças que desaparecem, uma nunca voltará a aparecer. A investigação deve partir do pressuposto que a criança investigada é a que não vai aparecer e não esperar que esta apareça nas 48 horas seguintes", adiantou.

A acusação de crime de rapto foi deduzida a 11 de Fevereiro, mas só domingo é que Afonso Dias, o principal suspeito, foi notificado.

Investigação ao caso de Rui Pedro sofreu de "desleixo e negligência"

Publicado em 2011-05-26

0 0 0

O advogado da família de Rui Pedro, a criança de Lousada que desapareceu no dia 4 de Março de 1998, disse esta quinta-feira em tribunal que nos primeiros dias de investigação ao caso houve "desleixo e negligência".

foto RICARDO JÚNIOR/GLOBAL IMAGENS

"É lamentável a enorme inércia no momento essencial deste caso", acrescentou Ricardo Sá Fernandes.

O jurista falava no Tribunal de Lousada durante o debate instrutório do processo em que um homem de 35 anos está acusado de um crime de rapto do menor então com 11 anos.

O jurista sustentou que as 24 horas após o desaparecimento da criança "eram decisivas e explicariam tudo o que aconteceu".

Ricardo Sá Fernandes criticou o facto de a investigação não ter ouvido, no dia imediato ao desaparecimento, uma prostituta que alegava ter estado com Rui Pedro.

Essa mulher só acabou por ser ouvida, 10 anos depois, na fase de inquérito do processo que corre na comarca de Lousada e que esta quinta-feira teve o seu debate instrutório.

O advogado da família do menor desaparecido admitiu, no entanto, que nos primeiros dias após o desaparecimento a prioridade da investigação era encontrar a criança.

Ricardo Sá Fernandes agradeceu, em nome da família de Rui Pedro, à investigação por "nunca ter desistido".

Apesar da acusação ter demorado cerca de 13 anos, o jurista da família concluiu que "o Ministério Público fez aquilo que tinha de fazer".

No debate instrutório, o advogado da família de Rui Pedro defendeu que Afonso Dias, acusado de rapto do menor de 11 anos, seja levado a julgamento.

Ricardo Sá Fernandes considerou que a prova da acusação pública, baseada em dezenas de testemunhos, é "sólida e coerente" e, por isso, justifica que o processo seja levado a julgamento.

O advogado de defesa, Paulo Gomes, sustentou a tese de que a acusação "se baseia em provas ténues", considerando "inútil" que o processo evolua por ser "mais provável a absolvição".

O despacho de pronúncia ou não pronúncia do arguido vai ser anunciado pelo juiz Jorge Moreira Santos, no dia 6 de Junho.